



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO CENTRO DE CIÊNCIAS  
HUMANAS E NATURAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

FEMINILIDADE, CORPO E BELEZA NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA –  
PATRIARCAL – MEDIATIZADA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Aluna: Isabela Gomes Cezario

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho

Vitória – ES, 2022

ISABELA GOMES CEZARIO

FEMINILIDADE, CORPO E BELEZA NUMA SOCIEDADE  
CAPITALISTA – PATRIARCAL-MIDIATIZADA: UM ESTUDO DE  
REPRESENTAÇÕES SOCIAIS

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Psicologia da  
Universidade Federal do Espírito  
Santo, como requisito para  
obtenção do grau de Mestre em  
Psicologia, sob orientação da  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Sabine Mantuan dos  
Santos Coutinho.

Vitória – ES, 2022

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

G633" Gomes Cezario, Isabela, 1994-  
"Feminilidade, corpo e beleza numa sociedade capitalista –  
patriarcal-midiatizada: um estudo de representações sociais /  
Isabela Gomes Cezario. - 2022.  
127 f.

Orientadora: Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.  
Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e  
Naturais.

1. Gênero. 2. Mulheres. 3. Teoria das Representações  
Sociais. 4. Capitalismo. 5. Mídia. 6. Patriarcado. I. Mantuan dos  
Santos Coutinho, Sabrine. II. Universidade Federal do Espírito  
Santo. Centro de Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9



Secretaria Integrada de Programas de Pós-  
Graduação UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
ESPÍRITO SANTO

**ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DO CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - ATA Nº 419 – 20/12/2022**

Aos vinte dias do mês de dezembro do ano de dois mil e vinte e dois, às 13:30h, reuniu-se a Banca Examinadora composta pelos Professores Doutores: Maria Cristina Smith Menandro (Presidente da Comissão) - UFES, Hugo Cristo Sant'anna (Examinador Interno) - UFES e Ingrid Faria Gianordoli Nascimento (Examinadora Externa) – UFMG, para a sessão pública da defesa de dissertação de Mestrado de **Isabela Gomes Cezario**, intitulada: **“Feminilidade, corpo e beleza numa sociedade capitalista – patriarcal-midiatizada: um estudo de representações sociais”**. Realizada a arguição da candidata, a defesa foi dada por encerrada e os membros da Banca, reunidos, decidiram pela **APROVAÇÃO** da Dissertação. Por fim, o presidente da sessão alertou que a aluna somente terá direito ao título de Mestre após entrega da versão final de sua dissertação à Secretaria Integrada de Programas de Pós- Graduação, bem como o artigo da dissertação e os demais pré-requisitos da titulação do programa. Nada mais havendo a acrescentar, eu, Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Smith Menandro, presidente da sessão, lavrei a presente ata que vai com as devidas assinaturas (De acordo com a Portaria Normativa no 08 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação/UFES de 01 julho de 2021, membros de banca externos à UFES que não atuam como docentes permanentes ou colaboradores nos Programas de Pós- Graduação da UFES estão dispensados da obrigatoriedade de assinatura digital da ata. Caso o membro externo não assine a ata e, sendo o Coordenador o responsável final pela realização da banca, a assinatura do Coordenador via Lepisma assegura a legitimidade necessária do documento).

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Cristina Smith Menandro**

Presidente da Sessão – UFES

**Prof. Dr. Hugo Cristo Sant'anna**

Examinador Interno – UFES

**Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ingrid Faria Gianordoli Nascimento**

---

Secretaria Integrada de Programas de Pós-Graduação – SIP

Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo; situada à Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras - 29075-920 – Vitória/ES - sip.ufes2@gmail.com - www.secretaria.cchn.ufes.br



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO  
SANTO

**PROTOCOLO DE ASSINATURA**



O documento acima foi assinado digitalmente com senha eletrônica através do Protocolo Web, conforme Portaria UFES nº 1.269 de 30/08/2018, por

**MARIA CRISTINA SMITH MENANDRO - SIAPE 1188489**

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Psicologia em exercício  
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia - PPGP/CCHN  
Em 22/12/2022 às 13:18

Para verificar as assinaturas e visualizar o documento original acesse o link: <https://api.lepisma.ufes.br/arquivos-assinados/627386?tipoArquivo=O>



Documento assinado digitalmente  
**INGRID FARIA GIANORDOLI NASCIMENTO**  
Data: 24/12/2022 03:47:53-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>



Documento assinado digitalmente  
**HUGO CRISTO SANT ANNA**  
Data: 26/12/2022 08:21:35-0300  
Verifique em <https://verificador.iti.br>

## **Agradecimentos**

À Deus, que me sustentou até aqui.

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para me apoiar e incentivar, mesmo não entendendo alguns caminhos que precisei trilhar. O amor e carinho de vocês sempre me deram força e motivação para superar qualquer dificuldade e obstáculo. Todo meu agradecimento, gratidão e amor a vocês por confiarem em mim, fazendo com que eu enxergasse todo meu potencial. Sem vocês eu não estaria aqui. Essa conquista é nossa!

À minha irmã, Isadora, que é o meu maior presente e fonte de amor. Minha gratidão por ser minha companheira não só nesse percurso, mas durante toda a minha vida.

À minha orientadora e professora, Dra. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho, que nunca mediu esforços para que esse trabalho fosse concluído, meus sinceros agradecimentos por ser uma companheira fundamental nesse processo. Para além de todos os ricos ensinamentos acadêmicos, gostaria de agradecer por ser uma referência não apenas como professora, mas um exemplo de paciência, gentileza, potência, educação e, sobretudo, amor. Obrigada por ser mais que uma orientadora para mim.

À minha orientadora de monografia, Dra. Anizaura Lídia Rodrigues de Souza, que desde a época da graduação me incentivou e me deu suporte para que eu desenvolvesse o potencial necessário para ingressar no mestrado. Minha gratidão eterna por ter te encontrado em meu percurso acadêmico e aprendido tanto com você.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia/UFES, que com excelência, foram facilitadores do meu processo de aprendizagem para que este trabalho pudesse ser concluído, em especial à Dra. Ingrid Faria Gianordoli Nascimento e a Dra. Valeschka Martins Guerra, pelas excelentes contribuições no exame de qualificação.

Aos meus amados amigos de infância André, Brunele, Catherine, Hellen, Jaciara, Samara e aos demais -que é impossível nomear a todos, mas que sempre me demonstraram apoio, respeito e amor, entendendo as dificuldades e torcendo para o meu sucesso. Toda minha gratidão a vocês que foram fundamentais nessa etapa. Eu amo vocês! Em especial, aos meus companheiros de república, Emmanoel, Laila e Thalia, que conviveram comigo diariamente me proporcionando leveza, carinho, compreensão, solidariedade, amor e cuidados. É impossível mensurar minha gratidão. Eu amo vocês!

Ao servidor do PPGP/UFES, Arin Bernardes Filho, que me auxiliou em muitas questões, sempre com educação e gentileza.

À CAPS, pela concessão de bolsa durante o percurso do mestrado.

A todas as mulheres que, gentilmente, expuseram suas opiniões e vivências para mim. Obrigada pela confiança e respeito com o meu trabalho.

## Resumo

Dentre as opressões sofridas pelas mulheres, que se constituem como pautas das lutas feministas, pode ser incluída a imposição social de padrões aos corpos e comportamentos femininos. Em uma sociedade que visa o lucro e acumulação de capital, é seguro afirmar que as relações sociais não são definidas ao acaso, envolvendo sempre estratégias de poder. Tornam-se necessárias, portanto, análises que coloquem em evidência as possíveis estratégias de dominação e manipulação das mulheres através de discursos aparentemente libertários e reivindicatórios, mas que na prática, possuem a finalidade de manter as velhas submissões e violências que dão sustentação ao sistema capitalista por meio da propagação de padrões de corpos femininos e estéticas inalcançáveis. A presente pesquisa teve como objetivo investigar representações sociais (RS) de feminilidade, corpo e beleza feminina entre mulheres adultas de diferentes grupos sociais, por meio de um estudo quantitativo, de caráter descritivo. Pautada em pressupostos da Teoria das Representações Sociais, de modo geral, e da Teoria do Núcleo central (TNC), de modo específico, foi aplicado um questionário em 205 mulheres, de diferentes idades, escolaridade e ocupação. O instrumento contou um bloco sobre dados sociodemográficos e com três questões de evocação livre cujos termos indutores foram: ser mulher, mulher bonita e corpo feminino. Adicionalmente, após cada questão de associação livre, havia duas questões, uma sobre a palavra mais importante entre as mencionadas e o porquê, e outra com uma atribuição de valor positivo ou negativo as palavras apresentadas. A organização e análise de dados ocorreu com o auxílio do software OpenEvoc, que oferece recursos de apoio à coleta, processamento, análise e visualização de dados. De forma geral, identificou-se que as mulheres ainda associam beleza e corpo feminino à características físicas socialmente valorizadas, mencionando atributos tais como *magra, padrão e corpo* (elementos centrais da RS de mulher bonita) e *peito, beleza, magro, curvas e objetificado*

(centrais na RS de corpo feminino), evidenciando representações sociais cujos conteúdos aproximam-se de concepções pautadas no machismo, patriarcalismo e na lógica capitalista. Entretanto, em relação as representações sociais de feminilidade/ser mulher, apesar de ainda trazerem conteúdos que em alguma medida se sustentam em lógica tradicional, apresentou-se estruturada em torno dos elementos *força, luta e guerreira*, que indicam significações que apontam o potencial feminino nesse contexto de controle, opressão e desigualdade. Espera-se que os achados desta dissertação sirvam como disparadores para novas investigações, aprofundando algumas questões cujas análises tentou-se aqui ao menos esboçar.

*Palavras-chave:* gênero, beleza, corpo, representações sociais, TNC, OpenEvoc.

### **Abstract**

Among the oppressions suffered by women, which are constituted as agendas of feminist struggles, can be included the social imposition of standards to female bodies and behaviors. In a society that aims at profit and capital accumulation, it is safe to say that social relations are not randomly defined, but always involve power strategies. It becomes necessary, therefore, to analyze the possible strategies of domination and manipulation of women through discourses that are apparently libertarian and claiming, but that in practice have the purpose of maintaining the old submissions and violence that sustain the capitalist system through the propagation of standards of female bodies and unattainable aesthetics. The present research aimed to investigate social representations of the body, female beauty, and gender among women aged 18 and older, through a quantitative, descriptive study. Based on assumptions of the Theory of Social Representations, in general, and the Theory of the Central Core (TNC), specifically, a questionnaire was applied to 205 women of different ages, education and occupation. The instrument included a block of sociodemographic data and three questions of free evocation whose inductive terms were: being a woman, beautiful woman, and female body. Additionally, after each free association question, there were two questions, one about the most important word among those mentioned and why, and another with a positive or negative value assignment to the words presented. The data organization and analysis occurred with the help of OpenEvoc software, which offers support resources for data collection, processing, analysis, and visualization. In general, it was identified that women still associate beauty and female body with socially valued physical characteristics, such as Thin, Standard and Body (elements of the central core of beautiful woman) and Breast, Beauty, Thin, Objectified and Curves (elements of the central core of female body), showing social representations whose contents are close to conceptions based on

machismo, patriarchy and capitalist logic. However, in relation to the social representations of femininity/being a woman, despite still bringing contents that to some extent are sustained in traditional logic, it was structured around the elements (strength, fight, and warrior) that indicate meanings that point to the feminine potential in this context of control, oppression, and inequality. It is hoped that the findings of this dissertation will serve as triggers for new investigations, deepening some of the questions whose analysis we have tried here to at least outline.

**Keywords:** Gender, Beauty, body, Social Representations, TNC, OpenEvoc.

## **Lista de figuras**

Figura 1 – *Representação gráfica dos termos agrupados no banco “ser mulher”*

## Lista de tabelas

Tabela 1: Caracterização geral das participantes

Tabela 2: Evocações de “Ser mulher” em função da frequência e ordem média de evocação

TABELA 3: Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes – indutor “ser mulher”

TABELA 4: Relação de termos mais importantes, atribuição de valor e frequência - indutor “ser mulher”

Tabela 5: Evocações de “Mulher Bonita” em função da frequência e ordem média de evocação.

TABELA 6: Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “mulher bonita”

TABELA 7: Relação de termos mais importantes, atribuição de valor e frequência - indutor “mulher bonita”

Tabela 8: Evocações de “Corpo feminino” em função da frequência e ordem média de evocação.

TABELA 9 - Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “corpo feminino”

TABELA 10 - Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “corpo feminino”

## SUMÁRIO

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>3</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>5</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>7</b>
<b>Lista de figuras.....</b>	<b>9</b>
<b>Lista de tabelas.....</b>	<b>10</b>
<b>Apresentação .....</b>	<b>12</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>1.1. Gênero e feminismos.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. Feminilidade, corpo e beleza .....</b>	<b>24</b>
<b>1.3. Discurso capitalista, mídias e dominação dos corpos femininos.....</b>	<b>30</b>
<b>1.4 A Teoria das Representações Sociais .....</b>	<b>35</b>
<b>2. OBJETIVOS .....</b>	<b>39</b>
<b>3. METODO.....</b>	<b>40</b>
<b>4. RESULTADOS .....</b>	<b>48</b>
<b>5- ANÁLISE/DISCUSSÃO .....</b>	<b>66</b>
<b>6- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FEMINILIDADE, CORPO E BELEZA EM ARTICULAÇÃO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERENCIAS .....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE EVOCAÇÕES .....</b>	<b>115</b>
<b>APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) .....</b>	<b>117</b>
<b>APÊNDICE C - Transcrição das justificativas para as palavras consideradas mais importantes</b>	
.....	11

## **Apresentação**

Trilhar um percurso acadêmico não é fácil. São muitos os desafios encontrados, sobretudo quando estudamos questões relativas a gênero. Eu, enquanto mulher que percebeu a disparidade entre masculino e feminino em termos de papéis e direitos desde muito nova, venho nutrindo o desejo de compreender tais diferenças em nossa sociedade ao longo dos anos. Por isso, minha escolha estava dada já a algum tempo.

Sinto-me honrada por ter uma mãe e que é meu exemplo de força e persistência. Através dela eu aprendi que se eu quisesse sair da zona de conforto, sendo mulher e nascida em uma cidade do interior, isso deveria ser através de muita luta. Além disso, sinto-me feliz por ter um pai que é sinônimo de companheirismo, respeito, amizade e dedicação, subvertendo uma lógica tradicional socialmente vista.

Assim, por meio de muito apoio, consegui ingressar em uma universidade federal, onde realmente tudo começou a se concretizar. Durante meu percurso acadêmico, na Universidade Federal Fluminense - em Campos dos Goytacazes, pude conhecer a história de muitas mulheres com vivências parecidas com as minhas e outras totalmente diferentes. Mas o que percebi é que tínhamos um ponto em comum: a insatisfação e o desejo de mudança frente a uma sociedade que não nos proporcionava segurança. Eu já conhecia o feminismo, mas ao longo dos anos fui me aprofundando perante a teoria que me ajudou a estar aqui.

Durante a graduação busquei realizar trabalhos que faziam o recorte de gênero e comecei a estudar as vivências das mulheres em vários contextos. Especificamente, a escrita de um trabalho com mulheres em situação de cárcere foi muito especial, além de participar de vários encontros que discutiam as questões femininas. No meu estágio curricular em clínica, pude conhecer mulheres que passavam por situações de machismo e assédios que mantiveram meu desejo de mudança ativo, intensificando meus estudos

sobre as mulheres. A partir do meu segundo estágio acadêmico, tive a oportunidade de atuar em uma delegacia de polícia federal, onde as questões de gênero eram extremamente acentuadas.

Pude perceber, através do contato com pacientes e profissionais, que as violências nem sempre acontecem de forma explícita. Às vezes a lógica de dominação é tão forte que as próprias mulheres não percebem os preconceitos aos quais estão submetidas e, algumas vezes, até os reproduzem. Então, dediquei-me a investigar questões de gênero que não fossem tão evidentes socialmente, principalmente no âmbito do trabalho, em que muitas tradições possuem raízes patriarcais que não são percebidas por muitas mulheres. Isso foi possível através da minha monografia, intitulada “Cultura organizacional e qualidade de vida no trabalho: um estudo desenvolvido com mulheres”, onde investiguei como a cultura influencia na qualidade de vida das trabalhadoras em serviços públicos e privados.

Ao ingressar no mestrado, já com o entendimento que as ideologias patriarcais se reinventam para a manutenção das opressões, minha proposta foi de pensar os ideais de feminilidade, corpo e beleza em uma sociedade que possui o capitalismo como base e a mídia como aliada na manutenção de subordinações femininas. A TRS mostrou-se o caminho ideal para pensarmos como as mulheres são afetadas por padrões sociais, principalmente relacionadas as questões de beleza e comportamentos designados apenas a um gênero, uma vez que reconhece as estruturas dessas formas de compreender e pensar a mulher e o corpo, demonstrando o que é mais internalizado e cristalizado socialmente, além de dar indícios de visões mais individuais.

Reconheço que, enquanto mulher branca e cisgênero, possuo privilégios que muitas outras companheiras não tem, entretanto, desejo atuar de forma ética, buscando encontrar alternativas que subvertam a lógica excludente não apenas para mim, mas para

todas às mulheres e, conseqüentemente, para toda a sociedade. Reconheço, igualmente, que esse trabalho não tem um objetivo interventivo e que não deve se prestar a leituras/análises tendenciosas, consistindo em um estudo acadêmico, que procurou respostas e pistas para desigualdades sustentadas no gênero, o que creio que já ser um passo no sentido de potencializar reflexões sobre as diversas formas de subordinação feminina.

## 1. INTRODUÇÃO

Para se discutir sobre feminilidade/ser mulher em nossos dias, independentemente do recorte proposto (aqui, no caso, inter-relacionado à questão do corpo e da beleza), é preciso, antes, que sejam retomados estudos que se debruçaram sobre a mulher e o feminino ao longo do tempo. Um caminho que pareceu viável para tal resgate/revisão foi fazê-lo tentando acompanhar o surgimento das discussões sobre gênero no campo dos estudos e movimentos feministas, que segundo Galinkin e Ismael (2013), podem ser localizados, principalmente, a partir da segunda metade do século XX.

Assim, no tópico a seguir foi abordado um breve resgate histórico acerca dos movimentos feministas e da noção gênero, evidenciando-se as vertentes com as quais o presente estudo tentou se comprometer. Em um segundo momento, buscou-se abordar a natureza histórico-social de ideais de corpo e beleza feminina, muitas vezes, tomados como naturais, os quais tem como base relações assimétricas de gênero; em seguida, apresentou-se o papel do capitalismo na produção e manutenção do controle sobre os corpos femininos, ressaltando-se o papel das mídias nesse sentido; e por fim, foi trazido o referencial teórico adotado, marcando suas contribuições para se pensar o tema.

### 1.1. Gênero e feminismos

Ao longo dos séculos, as mulheres foram ‘ensinadas’ a se adequar às normas hegemônicas de dominação masculina impostas pela sociedade (Ribeiro & França, 2014). No Brasil, desde seu descobrimento, as mulheres eram subjugadas e tratadas com insignificância, dado que o sistema patriarcal impunha sua submissão perante aos homens. Por serem tratadas como incapazes, seus pais ou cônjuges eram responsáveis por seus atos e esse cenário se perpetuou até a república, momento no qual a revolução

industrial permitiu, de forma precária e inferiorizada, a entrada da mulher no mercado de trabalho. (Monteiro & Grubba, 2017).

Diante desse contexto de opressões, Berner (2017) aponta que “ser mulher é uma questão política”, aproximando-se da ideia de que questionar gênero é ameaçar toda a estrutura de poder estabelecida (Scott, 1995). Para Monteiro e Grubba (2017), diversas personalidades se destacaram por lutar contra esse sistema que subjuga as mulheres, mesmo sendo vistas como ameaças e podendo sofrer consequências por isso. Tais oposições encontraram espaço principalmente no interior dos movimentos feministas, que, teoricamente, divide-se em três momentos: primeira, segunda e terceira onda. Apesar dessa divisão, não se pode perder de vista que é comum que as características das ondas se combinem e se misturem, pois existem muitas influências recíprocas entre elas (Perez & Ricold, 2019).

A primeira onda feminista foi marcada pela luta de inúmeras mulheres pelo sufrágio universal entre os séculos XIX e XX, direcionando muitos membros da classe média, alta e algumas intelectuais a reivindicarem igualdade política e direitos (Oliveira, 2015). O movimento sufragista é um dos mais conhecidos e marcantes desse momento devido aos fortes posicionamentos públicos com ênfase ao pedido de concessão ao voto (Monteiro & Grubba, 2017). De acordo com Sacramento (2017), os assuntos mais comentados desse contexto histórico nos jornais eram o voto feminino, o ativismo feminista para além do voto, o trabalho fora do lar e o comportamento feminino. Esse primeiro momento não associou somente as sufragistas, majoritariamente integrantes da classe alta, mas também cientistas e operárias anarquistas (Caetano, 2017). Essa onda não foi um movimento fácil, pois as mulheres eram humilhadas de maneira direta e violenta (Botelho & Sousa, 2019).

A segunda onda feminista, no século XX, foi impulsionada durante a ditadura militar no Brasil, em 1964, e se preocupou com as particularidades da proteção da mulher (Caetano, 2017). Essa onda caracterizou-se pela discriminação e desigualdades e os temas centrais, neste momento, eram a violência doméstica e sexual, as questões da maternidade, os direitos da liberdade sexual, assim como a possibilidade ou não de procriação, dentre outras (Botelho & Sousa, 2019). Questionando os direitos à saúde, as condições de trabalho e os direitos reprodutivos do corpo, as mulheres se reuniam, segundo Oliveira (2015), para definir estratégias da revolução em associações de bairros e periferias. Durante o momento da segunda onda, a Organização das Nações Unidas declarou em 1975 o Ano Internacional da mulher, e essa vitória representou um marco importante para a história, principalmente pela ascensão da globalização e o avanço das conferências mundiais que contavam com a presença feminina (Oliveira, 2015).

A terceira onda, situada nos anos de 1990, aprofundou-se nas pautas das ondas anteriores e também se constituiu por novos grupos de mulheres com o propósito de possibilitar a compreensão sobre as próprias diferenças raciais, sociais, culturais e de classe (Botelho & Sousa, 2019). Esse momento histórico marcou a participação feminina na esfera pública pela redemocratização do país e evidenciou as diferenças intragênero, por exemplo. Além disso, as mulheres passaram a ter a possibilidade de ocupar novos ambientes, como conselhos, delegacias e demais instituições (Oliveira, 2015).

Após as três ondas feministas, é recorrente que se idealize sobre o surgimento de uma “quarta onda do feminismo”. Para Matos (2010), a definição desta onda consiste no processo de “democratização de gênero no âmbito das instituições e da (re)formulação de políticas públicas”. Perez e Ricold (2019) validam a ideia da quarta onda e postulam que o feminismo interseccional é o núcleo das discussões para o seu entendimento. O conceito de interseccionalidade, contudo, foi postulado por Kimberlé Crenshaw e sua gênese

reconfigura as produções acadêmicas das mulheres negras feministas na década de 1980 e 1990 ao discorrer sobre as dominações que se conectam, como por exemplo à raça, classe social, e sexualidade.

De acordo com Perez e Ricold (2019), a depender do contexto em que esteja inserido, o conceito de interseccionalidade também tem sido captado pelo espaço virtual como “instrumento heurístico”, “vertente feminista” ou como uma teoria. Logo, de acordo com a polissemia, no que se refere a uma vertente feminista”, o “feminismo interseccional” se instaura, muitas vezes, inserindo diversas identidades como negros e LGBTQIA+ e outras vertentes como “feminismo negro” e “transfeminismo” (Martinez, 2017). As feministas interseccionais também convocam à luta contra o patriarcado as mulheres cisgênero e mulheres transexuais (Rocha, 2017).

Para Rocha (2017), portanto, nesta onda o que se evidencia são as sugestões para expansão do transfeminismo, uma vez que reduzir a identidade das mulheres à genitália encaminharia a discussão para as mesmas pautas da gênese da luta feminista. Isto é, posicionamentos que subjagam e inferiorizam as mulheres em detrimento do seu sexo.

De forma geral, a quarta onda almeja a “identidade para o sujeito do feminismo” e convém o debate, portanto, sobre a emancipação e libertação das opressões políticas, culturais e econômicas, uma vez que as diferentes ondas feministas validam uma profunda investigação social que abrange tanto a desconstrução como também a reconstrução do papel da mulher (Rocha, 2017).

Muitas estudiosas vêm discutindo o feminismo na contemporaneidade e sobre como esse movimento tem se caracterizado e se desenvolvido. Pesquisas realizadas sobre o feminismo demonstram que a internet possui expressiva importância frente à propagação de ideias e à disseminação de notícias relacionadas às mulheres, contribuindo para o fortalecimento do movimento (Netto, 2020).

Azevedo e Souza (2019), ao contextualizarem as lutas feministas no mundo, postularam que a partir da ideia de “empoderamento” as mulheres, ao longo dos anos, buscaram sua emancipação e igualdade perante os homens, visando transformar a sociedade patriarcal. As autoras definem que a importância das mulheres nas conquistas culturais, sociais e econômicas, por exemplo, ainda é ignorada na atualidade. Sobre a difundida ideia de empoderamento feminino, Cornwall (2018) aponta aspecto relevante. Mesmo que a estratégia de incluir e valorizar mulheres e meninas nunca tenha se mostrado tão convincente quanto na atualidade, trata-se de um “empoderamento *light*”, pois as narrativas que ganham destaque nesse tema são esvaziadas de uma análise crítica das relações que se estabelecem na sociedade, principalmente no que diz respeito aos posicionamentos feministas.

Autoras como Amaral e Navis (2020) buscaram analisar, de forma geral, quais são as opressões de gênero sofridas dentro da universidade pública, levando em consideração o papel dos coletivos estudantis. Diante dos resultados, identificaram que é extremamente difícil uma mulher escapar de algum tipo de opressão no meio acadêmico, seja opressões ocorridas em salas de aula, em festas ou em espaços coletivos. Além desses dados alarmantes, as autoras afirmam que muitos grupos procuram se apoderar dos ideais e movimentos feministas como estratégias de *marketing*, empobrecendo seu significado.

Como Ribeiro et al. (2021) postulam, ao pesquisar os movimentos feministas por meio das ondas, não se pretende abarcar todas as vivências e realidades, uma vez que mulheres já reivindicavam seus direitos e serviam de resistência antes das divisões teóricas das ondas feministas. Por mais que as reflexões feministas não concordem totalmente entre si, esse aspecto já demonstra a necessidade de se estabelecer distintas formas de abordagem das questões sob óticas entrelaçadas (Oliveira, 2015). Como demonstra Berner (2017), várias vertentes feministas coexistem, assim como o feminismo

negro e o decolonial, e perpassam pautas de identidade e de raça sem abandonar as questões de classe, contribuindo para avanços nas conquistas das mulheres.

Como se sabe, foi no bojo dos estudos dessas mulheres que lutaram por novos modos de atuar e existir na sociedade (Noro et al., 2019) e dos movimentos feministas em suas várias especificidades, que se delimitou o conceito de gênero. Para Scott (1995), o uso da terminologia “gênero” em substituição a “mulheres” ocorria apenas quando era necessária uma legitimidade acadêmica e científica do termo, e tal substituição não implicava em mudanças significativas, pois não evidenciava uma posição em relação à dominação ou tomada de poder. Com efeito, os paradigmas sócio-históricos revelaram uma imprecisão no que se refere ao que é ou não intrínseco ao ser humano, uma vez que antes do nascimento os responsáveis por uma criança, comumente, criam expectativas, valores e posições estereotipadas frente ao corpo sexuado do bebê. Logo, a construção social do homem e da mulher é, por vezes, limitada aos papéis de gênero idealizados e propagados cultural e socialmente (Silva, 2015). As primeiras ideias sobre o que é ser mulher, por exemplo, são internalizadas durante o processo de educação socializadora, e expressam modos de condutas entendidas como próprias do feminino como falar, andar, sentar e se comportar (Tavares, 2011).

Portanto, o que é definido como pertencente ao “ser mulher” é uma construção social que está diretamente conectada com o patriarcalismo já que, pautado em fundamentações e dominações históricas, esse sistema designa o homem como sendo o ser dominante, que organiza a vida social (Santos & Oliveira, 2010). As mulheres são atingidas expressivamente por essa assimetria nas relações de gênero, e ainda que os debates sobre o assunto tenham obtido significativo avanço, as problemáticas não cessaram, pois as diferenças entre os gêneros continuam sendo pautadas em estruturas de dominação (Santos & Oliveira, 2010). Os papéis originalmente determinados para o

masculino e para o feminino, assim, são produzidos e impostos pelas sociedades através de biopolíticas que reforçam essas condutas (Pamplona & Dinis, 2017).

Para Beauvoir (1970), autora que já nos anos 40 do século passado colocava em xeque o essencialismo biológico associado ao gênero, os homens sempre possuíam poderes efetivos, mantendo as mulheres sob sua submissão. Elas eram consideradas inferiores na esfera econômica, política e cultural, ou seja, a mulher foi caracterizada como o “segundo sexo” ao longo da história. Entretanto, para a autora, “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, e nenhuma concepção biológica ou psíquica é capaz de determinar a maneira que a mulher se assume na sociedade, uma vez que apenas inserida nesse contexto sociocultural que é possível construir o produto entre o masculino e o feminino. A partir do entendimento de como as mulheres se sentem, torna-se possível analisar quais problemáticas se impõem para as mesmas, que vivem em um mundo que sempre pertenceu aos homens.

Scott (1995) resgata como a questão do gênero vai sendo apropriada pelas feministas, principalmente quando demonstra a rejeição por parte dessas revolucionárias ao determinismo biológico, que era íntimo ao termo “sexo” e “diferença sexual”. A proposta de Scott (1995) é de uma teoria que não seja limitada às questões tradicionais, que se caracterizavam por explicações universais e genéricas em relação ao gênero, apontando para a urgência no uso analítico do termo. Isto é, ser utilizado com criticidade, pois as teorias até aquele momento eram apenas baseadas na descrição e na causa, logo, não davam conta de se aprofundar em como aconteciam os processos de constituição dessas realidades e fenômenos.

Scott (1995) expõe que o conceito de gênero, portanto, pode ser dividido em duas partes que são ligadas mutuamente, mas que devem ser analiticamente diferenciadas. Na primeira, a autora aborda que o gênero é um componente característico de vínculos sociais

pautados nas diferenças que são percebidas entre os sexos, ao passo que, na segunda, ele é caracterizado como um aspecto primário de significação das relações de poder. Apesar de não ser o único campo em que esse poder se articula, torna-se um importante meio para que essas significações de gênero ganhem forma.

Para Scott (1995), todo o trabalho e avanço conquistado até aquele momento no campo dos estudos de gênero era relevante e cumpria seu papel na história, porém, ainda não era suficiente para auxiliar na compreensão do conceito enquanto uma categoria de análise, pois ao teorizá-lo apenas a nível descritivo não era possível abarcar grandes e significativas mudanças. A autora pontua ainda que, apesar desse conceito ser, geralmente, tratado de forma conjunta com os conceitos de raça e classe, essas três instâncias não são equivalentes, principalmente por não terem tido a mesma teorização e atenção, ou seja, é importante que essa diferenciação seja pontuada.

Cabe ressaltar que as concepções trazidas por Scott acerca de gênero não são consensuais e nem são as únicas entre as estudiosas desse tema. Outras teorias e compreensões têm sido formuladas e disseminadas como, por exemplo, a perspectiva *queer*, que possui Judith Butler como a principal representante. Trazendo uma nova forma de olhar tais questões, a referida autora afirma que:

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino. (Butler, 2003, p. 24-25).

Ainda que não exista uma unanimidade em relação as questões de gênero, ao longo dos anos foi possível perceber significativas e relevantes mudanças no que se refere aos direitos e avanços efetivados pelas lutas feministas. Como apontam Santos e Oliveira (2010), essas conquistas são estratégias para a construção de uma nova sociedade que considere a complexidade da realidade da vida das mulheres. Entretanto, as desigualdades ainda são expressivas no cenário brasileiro, principalmente no que se refere às diferenças sociais e de gênero, com a população preta sendo uma das mais vulneráveis economicamente, de escolaridade defasada e com as mulheres pretas no ranking de pessoas de menor renda (Silva, 2016). Contudo, mesmo com a realidade de precarização socioeconômica, desde os anos 1960 as feministas negras já se propunham sistematicamente a questionar a identidade das mulheres, buscando alterar o ativismo e o pensamento feminista para que fosse possível operar questões mais profundas das necessidades das mulheres, trazendo à cena as opressões e desigualdades de raça, etnia e sexualidade (Biroli, 2018).

Em relação aos estudos contemporâneos sobre gênero, Silva (2019) explorou os anúncios publicitários com a finalidade de identificar como as questões da feminilidade são construídas. Em suas considerações constatou que, majoritariamente, as vivências das mulheres são constituídas na publicidade mediante o uso de imagens de mulheres brancas. Isso significa que além da questão do gênero e de toda imposição sofrida pelas mulheres de forma geral para se adequarem aos padrões físicos e estéticos idealizados, as mulheres negras ainda lidam com a falta de representatividade por, praticamente, não existirem representantes negras em muitas campanhas publicitárias.

No que se refere às experiências femininas nos contextos sociais, Monteiro e Brigeiro (2019) estudaram o acesso de mulheres trans/travestis aos serviços de saúde, ponderando as discriminações sexuais e também de gênero. Identificaram que as

situações de preconceito, como desconforto dos profissionais, e a falta de respeito para com o nome social não se tornaram uma barreira para que essas mulheres procurassem os serviços de saúde. Para além desse dado, também encontraram que os serviços prestados pela saúde estão se concretizando como uma “instância legítima” para a inserção das mulheres trans e travestis aos processos de mudança de sexo.

Mesmo que muitas conquistas tenham sido alcançadas pelas mulheres, torna-se necessário, ainda, percorrer um longo caminho na direção da ampliação dos direitos uma vez que os papéis de gênero, tal como se conhece, necessitam ser desconstruídos e reformulados para que se possa romper com os imperativos heteronormativos criados para a produção de feminilidades (Pamplona & Dinis, 2017), e também demasculinidades.

No caso da feminilidade, foco da presente investigação, é sabido que esses padrões sociais atravessam o cotidiano das mulheres, impondo-lhes uma série de deveres e necessidades baseadas no gênero nos mais diversos âmbitos, entre os quais se destaca aqui, a de ser /estar sempre bonita. A beleza é um fator de preocupação social para as mulheres e se torna quase que uma questão de sobrevivência (Giongo, 2020), como se verá melhor a seguir.

## **1.2.Feminilidade, corpo e beleza**

As relações entre os gêneros são regidas por um poder que disciplina o corpo e atua de modo ampliado, controlando sua utilização e suas finalidades. O corpo feminino apresenta-se como um objeto das biopolíticas, que definem normas e postulam o que é desviante, subversivo, imoral e inapropriado (Giordani et al., 2018). O imperativo da feminilidade demonstra que é necessário performar o gênero para que haja uma busca

idealizada e um consenso entre as mulheres, principalmente no que se refere ao entendimento sobre o que é adorável, belo e cortês (Silva, 2019).

Todas essas manifestações, apesar de imperceptíveis para muitos, são intrinsecamente estruturadas e articuladas para definir o que é ser mulher e como ter um corpo entendido como feminino (Colling, 2014). Logo, a coerção da perfeição física direciona as mulheres para o encontro de uma identificação e não de uma identidade (Priore, 2000), principalmente por ser a partir do corpo que os sujeitos estabelecem os primeiros contatos e interações com a sociedade (Berri, 2018).

Ao longo dos séculos são reveladas distintas idealizações de corpos julgados como perfeitos, que com o passar dos anos se modificam de acordo com as normas, crenças e valores de cada época (Almeida, 2009). Desde o século XVI, com o avanço da cosmética e seus “segredos” de beleza, as mulheres já reconheciam as significações do que é ser mulher na sociedade (Priore, 2000).

De acordo com Witzel (2014), durante muitos anos, o corpo das mulheres carregou o fardo da inferioridade, exclusão, submissão e foi guiado por valores não apenas morais, mas também éticos, científicos e estéticos. Segundo afirmam Boris e Cesídio (2007), o modelo de subjetividade feminina se modificou durante dois períodos: o primeiro, no início do período patriarcal, em que a mulher era designada a ser pura, recatada e virgem quando solteira; e o segundo, caracteriza-se a partir do século XX, quando ela pôde se tornar estável profissional e financeiramente, sensual e provocante. Mesmo com essas transformações, as mulheres ainda estão subordinadas à ditadura, agora da mídia, que realiza a manutenção de seus corpos como força de trabalho para que o principal interesse capitalista seja alcançado: o lucro. As ideias de beleza passaram a ser uma obrigação moral que as mulheres precisam se esforçar ao máximo até alcançar (Souza et al., 2013).

Para que esse cenário se mantenha, portanto, as mulheres não dependem mais do cônjuge ou do padre como antigamente, mas da dominação do discurso publicitário (Priore, 2000). Logo, a liberdade que as mulheres conquistaram é apenas aparente. Suas escolhas não dependem de si próprias, mas do padrão corporal e estético veiculados naquele momento pela mídia, pois seus corpos são utilizados como objeto de consumo com idealizações de medidas perfeitas (Passos et al., 2013). Muitas mulheres ficam desamparadas e susceptíveis a doenças nutricionais, como a bulimia e a anorexia, para atingir as normas estéticas estabelecidas, tornando-se prisioneiras da “ditadura da magreza” (Barbosa & Silva, 2016). Entretanto, os transtornos alimentares além de prejudicarem os aspectos biológicos, também afetam o psicológico, alterando a autopercepção e os modos alimentares que atingem, majoritariamente, jovens adultas e adolescentes (Souza et al., 2019).

A partir dessa lógica, o corpo jovem, magro e todos os artifícios de beleza não são vistos como uma simples meta, mas uma disciplina diária a ser seguida (Souza et al., 2013). A busca pelo corpo ideal, contudo, gera uma ilusão, uma vez que se associa o corpo magro a um corpo saudável (Barbosa & Silva, 2016). Em especial no Brasil, a TV aberta é fundamental para a disseminação dessa ideia. A mídia, além de perpetuar o sexismo quando se utiliza da imagem corporal das mulheres magras para agradar os homens – do mesmo modo que ridicularizam outras possibilidades de corpos - também perpetua o discurso médico que impõe que um corpo gordo, diferente dos padrões vigentes, é um corpo doente (Rodrigues, 2020).

Atualmente, os corpos gordos são rejeitados e abandonados, carregando estigmas sociais como corpos preguiçosos, doentes e apáticos (Rodrigues, 2020).

Em decorrência das imposições midiáticas, portanto, as mulheres vítimas de gordofobia se escondem e se reprimem, tendo atitudes como não sair muito de casa e não

usarem roupas muito coloridas, além de serem acometidas por muitos problemas de relacionamento consigo e com outras pessoas. Por não estarem dentro do padrão de beleza vigente, o corpo gordo é visto como motivo de vergonha - o fenômeno do “bodyshaming”. Logo, a gordofobia atende aos interesses patriarcais, heteronormativos e capitalistas para a submissão dos corpos femininos (Arruda & Miklos, 2020).

Entretanto, não é apenas esse tipo de corpo (o gordo) que sofre preconceito, é excluído e ridicularizado. Outras configurações corporais também são violentadas com os padrões estéticos que não consideram as singularidades existentes. Os meios de comunicação comumente desvalorizam a aparição de mulheres negras e por mais que, aos poucos, esse cenário esteja se modificando, elas ainda sofrem com as hostilidades e discriminações (Oliveira et al., 2018). As mulheres que não são consideradas jovens também se tornam reféns dessa realidade.

De acordo com Fin e Scortegagna (2015), muitas mulheres buscam, incessantemente, se encaixar aos padrões através do consumo de produtos oferecidos pela indústria da beleza para minimizarem as marcas do envelhecimento. Para Malta et al. (2017), as mulheres transexuais também são submetidas a opressões e lutam por visibilidade no cenário midiático. Em campanhas femininas o elenco principal é constituído, em sua maioria, por mulheres cisgênero, brancas e com características bem estabelecidas sobre o que é a “mulher”, isto é, que as associam às performances de feminilidade socialmente difundidas. De acordo com Lima e Germano (2019), os padrões de beleza podem ser a estrutura mais sutil da transfobia, pois buscam extinguir ou camuflar essa identidade de gênero que não é englobada pela cisheteronormatividade.

Com as exigências de beleza cada vez maiores, a “imperfeição estética” das mulheres portadoras de deficiência também se torna evidente e cada vez menos admissível (Soares et al., 2008). Isso significa que essas mulheres lesam a noção de corpo

ideal e são rejeitadas a medida em que seus corpos são vistos como um objeto a ser consertado (Mello, 2017).

Em suma, as noções sobre beleza e feminilidade se sobressaem para impor o padrão de corpo a ser seguido e desejado, uma vez que a aparência “feminina” está intrinsecamente conectada ao “imaginário social” (Castello, 2020). Como aponta Jacob (2014), é preciso atentar-se a idealização da mulher perfeita que apenas existe nas representações da mídia, pois as mulheres contemporâneas consomem os conteúdos das redes digitais que atuam como um reforço ao ideal de corpo perfeito e a subserviência da magreza, por exemplo. Cada perfil na era digital que se volta para o “universo *fitness*” possui regras a serem seguidas através de muita dedicação e precauções ao comer, o que pode viabilizar o surgimento e a manutenção dos distúrbios alimentares. Desse modo, além desses distúrbios, vários outros artifícios são utilizados para a propagação desses ideais corporais que são enaltecidos pela sociedade, como a submissão das mulheres às cirurgias plásticas (Almeida, 2009).

Figueiredo et al. (2017) investigaram quais eram as representações de corpo em revistas femininas brasileiras, levando em consideração os padrões de corporeidade e identidade que estão diretamente associadas a uma cultura que visa o consumo. Como discussão, apontam que a idolatria do corpo é um recurso para dominar e docilizar os corpos, para que as mulheres não se interessem por questões estruturais que as afetam, como a concentração de riquezas, as desigualdades de gênero, classe, raça, a baixa qualidade de vida e a miséria.

Ribeiro e Oliveira (2017) enfatizam que as representações femininas, principalmente em propagandas, facilitam a disseminação do ideal de feminilidade, com tons de delicadeza, gentileza e fragilidade, excluindo diversas outras possibilidades do

“ser mulher”. Diante desse contexto, “beleza, elegância, sensualidade são características atribuídas culturalmente à mulher, ao homem basta a inteligência” (Amorim, 2011, p. 02).

No que se refere a orientação sexual, Viana e Silva (2020) apontam que a comunidade LGBTIQA+ ainda é estigmatizada pela sociedade e os imperativos de gênero continuam realizando a manutenção da violência e segregação desse grupo. Prado e Graham (2017, citados por Cardoso, 2019), com foco em mulheres lésbicas, apontam que é possível diferenciá-las em duas categorias: 1- “buth”, referindo-se a lésbicas com atributos considerados masculinos, sendo atribuído adjetivos como “caminhoneiras” e “boyzinhas” e 2- “Femme” para referir-se a mulheres com características consideradas femininas, caracterizadas como “meninhas”. A denominação “lésbica masculina” diz respeito a mulheres que não objetivam performar feminilidade e que frequentemente são

lidas como lésbicas devido aos estereótipos de gênero, ao passo que as “lésbicas femininas” controlam seus posicionamentos a depender do ambiente, assumindo uma aparência mais heteronormativa em espaços escolares, por exemplo, e “mais lésbica” em espaços com amigos. Esse cenário, para os referidos autores, reforçam o movimento sociocultural das etapas de “negociação de identidades”.

Ainda nesta linha que relacionada padrões de gênero e corpos, Serrano et al. (2019) realizaram investigações sobre atividades físicas e mulheres trans. Os autores constataram que as mulheres trans que participaram do estudo buscavam na atividade física uma forma de intensificar características determinadas socialmente como femininas, com padrões idealizados de pernas, glúteos e abdome (Boris & Cesídio, 2007).

Nesse cenário, é importante se pensar em como as imbricações de raça, gênero, classe e sexualidade se expressam nos meios de comunicação e, conseqüentemente, impactam nas subjetividades. Para o mercado consumidor, o corpo das mulheres é um item de venda e estar inserida nos padrões sociais é fundamental para o seu sucesso e

aceitação. Esse ideal é representado pelas propagandas e gera consequências, como as cirurgias plásticas, que implicam na não aceitação de características femininas naturais (Santana & Teixeira, 2018). Logo, tornam-se necessárias considerações e indagações sobre como o discurso midiático, ancorado nos e mantenedor dos ideais capitalistas, contribui para a manutenção da dominação dos corpos femininos (Silva, 2019), o que se dará no próximo tópico.

### **1.3. Discurso capitalista, mídias e dominação dos corpos femininos**

O conceito de beleza e as performances de gênero se modificam ao longo dos períodos históricos. Através de possíveis posições que os sujeitos podem ocupar no meio social, a lógica do mercado visa criar alguns padrões e objetivos pré-estabelecidos, que determinam a noção do que é ser mulher e o que é ser feminina, além de fortalecer, com essa lógica, as editoras e as revistas que possuem o foco nas mulheres (Souza, 2017). Através da meritocracia, o sistema propaga a ideia de que é necessário merecer o corpo esteticamente padrão. Ou seja, é preciso que haja sacrifícios no culto ao corpo, sejam eles éticos ou financeiros (Vicent, 1999, citado por Sampaio & Ferreira, 2009).

A partir do sistema capitalista, padrões dominantes como o consumismo e o individualismo são evidenciados, e o corpo é visto como mercadoria de consumo que gera lucro ao sistema (Campos, 2010). Esse sistema impõe normas, padrões e regras para se ter acesso a esse ideal de corpo e beleza, em que o indivíduo é apenas mais uma peça que faz manutenção na lógica do consumo através do próprio corpo. Isso significa tornar as mulheres reféns do próprio corpo a partir dessa lógica de alienação, em que o sistema articula esse cenário e divulga “facilidades” para se ter acesso ao corpo perfeito (Lima et al., 2013). Os meios de comunicação atendem, majoritariamente, a classe dominante e posicionam-se em função do capital, pois mesmo repercutindo os conceitos de “bem-

estar”, também disseminam e incentivam as práticas invasivas referentes à estética, como cirurgias plásticas e próteses de silicone, por exemplo (Campos, 2010).

As empresas, por meio das redes sociais, portanto, estão a serviço do sistema capitalista, cumprindo requerimentos essenciais para a sua manutenção, principalmente por auxiliarem na elaboração da opinião pública, seja por meio de elementos textuais ou estéticos (Bernardes, 2019). Esse cenário se configura porque a aparência designa funções sociais e molda promessas de comportamento, além de ser uma das maneiras de exposição para o mundo (Sampaio & Ferreira, 2009). Entretanto, o padrão imposto e o discurso da mídia precisam sempre estar mudando, uma vez que é necessário existir a insatisfação (Campos, 2010) para que os indivíduos possam buscar a inclusão através do consumo (Sampaio & Ferreira, 2009).

Quando uma mulher adquire um produto, cria-se uma ideia de pertencimento a um padrão, a uma classe social e ao universo do consumismo. O sentimento de inclusão advém dessa realidade em que o sujeito almeja e necessita ser parte desse sistema (Vásquez, 2014). Lopes (2020) afirma que muitas marcas estão reavaliando suas propagandas e se posicionando em relação às questões sociais, buscando novas formas de comunicação, uma vez que o preconceito e a discriminação antes perpetuados não estão sendo aceitos como antes pela população. Dessa forma, o sentimento de pertença às marcas é reconfigurado para as novas realidades sociais emergentes. E ainda que alguns estereótipos femininos ainda não tenham sido definitivamente abolidos, a luta das mulheres ao longo dos anos modificou algumas características da publicidade, como por exemplo, o enaltecimento das mulheres por meio de campanhas denominadas “femvertising” (“publicidade fem”), que se caracteriza pela liberdade feminina frente à objetificação histórica, ao mesmo tempo que enfatiza o empoderamento (Lopes, 2020).

Para Carrera e Martins (2020), o empoderamento é autonomia e busca de liberdade frente às violências de gênero e opressão patriarcal, mas, sobretudo, é interrogar e eliminar as amarras e opressões de gênero. Logo, muitas empresas passaram a entender que o empoderamento é uma estratégia lucrativa para a comunicação, principalmente porque gera identificação nas mulheres consumidoras. Entretanto, ainda que lentas, mudanças para modificar a baixa representatividade de algumas mulheres vem sendo identificadas nas mídias do país (Perez & Pompeu, 2019). É preciso criticidade para essa nova formulação da mídia, uma vez que ainda é possível encontrar na publicidade muitas mulheres sexualizadas, servindo como objeto de consumo e representadas por padrões europeus e estadunidenses, excluindo a representatividade de mulheres negras e indígenas, por exemplo (Vásquez, 2014).

A partir de sua pesquisa, Lopes (2020) identificou que em uma propaganda com vinte e duas modelos negras, dez delas eram extremamente magras, além de identificar um *post* específico em que a mulher negra vestia apenas roupas íntimas e exibia um corpo padrão, considerado “perfeito”, reforçando os padrões corporais impostos. Para além disso, a estética audiovisual naturalizou a busca por um “branqueamento” da população, em que o alisamento capilar é um exemplo para a mulher se tornar bela e dentro dos padrões (D’ávila & Perera, 2018). Isto é, ainda que esteja sendo inserido na mídia uma aparente diversidade de gênero, antigos moldes de dominação ainda se mantêm.

Mesmo em um contexto atual, em que existe muita interatividade nas redes sociais através das “influenciadoras digitais” e suas seguidoras, os ataques racistas comumente tem destaque com expressões racistas como “cabelo ruim” e “pixaim”. Essas ideias, além de violentas, reforçam a estética racista que ainda é base norteadora do sistema capitalista (Sant’ana, 2016).

No que se refere às mídias sociais, o Instagram é um ótimo instrumento de propagação de imagens, pois através dele é possível desejar, comprar e “ser” devido à grande exposição e venda de bens e serviços comercializados principalmente para o corpo. Logo, com a persuasão dos discursos e imagens, a subjetividade do indivíduo é diretamente atingida, levando-o a buscar, cada vez mais, identificações com o padrão exposto para atender a um *feed* relevante. Para além dessas questões, muitas comunidades têm surgido dentro dessa rede social com a finalidade de incentivar a bulimia e a anorexia, com textos que encorajam adolescentes a essas práticas para se manterem magras ao extremo (Silva, 2019).

Em relação à mudança de posição da mídia e das grandes empresas em relação aos discursos disseminados nas propagandas, faz-se necessário analisar que, ainda que uma parcela da sociedade tenha abolido expressões e conceitos preconceituosos, a maioria ainda perpetua, no cotidiano, práticas que enfraquecem, por exemplo, as pautas sobre a população negra, LGBTQIA+ e, feminina. Isso significa que estruturas de opressões como o machismo, o racismo e a misoginia, bem como a LGBTfobia, se reconfiguram e atuam com novas roupagens para se reproduzirem de forma velada, ou seja, o discurso é diferente, mas as práticas levam ao mesmo caminho de discriminação e exclusão (Santos, 2017).

No Brasil, as crenças baseadas em ideais de beleza exercem forte controle sobre as mulheres, pois de acordo com a ISAPS (2018), elas continuam realizando mais procedimentos cirúrgicos que os homens, representando 87,4%, ao passo que os homens realizam apenas 12,6% de todos os procedimentos. Dentre os procedimentos mais procurados pelas brasileiras estão a cirurgia para o aumento de mama e toxina botulínica, respectivamente. Para Coelho et al. (2016), os procedimentos mais comuns e realizados

ao redor do mundo são a lipoaspiração de abdome (13,9%), o implante de prótese de mamas (15,3%), a lipoescultura (9,1%) e rinoplastia (8,2%).

Carroza e Lambet (2015) consideram que categorizar um padrão corporal relaciona-se, entre outras coisas, com a utilidade dos propósitos da sociedade capitalista e esse fator possibilita caminhos para que o indivíduo e suas identificações se submetam ou não na direção à busca pelas transformações estéticas. Através de uma entrevista para a *Época* (2021), Jéssica Balbino afirma que as mulheres são as mais atingidas e prejudicadas pela gordofobia, pois são vistas como desleixadas, ao passo que os homens gordos são considerados por muitos como “charmosos”. Ao caracterizar a identificação pessoal através da aparência do corpo, o sujeito encontra-se vulnerável ao que é perpetuado pela mídia, principalmente porque se torna refém da indústria da beleza, que define comportamentos diferentes para quem não se enquadra aos padrões estéticos vigentes (Melo et al., 2017).

O sistema capitalista, portanto, articula capital, racismo, machismo e patriarcado ao longo dos séculos, formando indivíduos enfraquecidos e desviantes de sua própria diversidade (Santos, 2017). O poder vai sendo construído nas relações das diferenças que são manipuladas pelas mais variadas instituições, conduzindo grupos dominados e grupos submissos, caracterizando-se por um poder vertical, autônomo e ilusório (Vásquez, 2014). O capital se mantém como um sujeito que impõe a submissão do ser humano a partir de seus princípios. Isso significa que o sistema capitalista não está disponível para as pessoas, mas que, paradoxalmente, elas estão sujeitas a ele. Ao reduzir o ser humano a “consumidores”, essa denominação não fica restrita à conquista de bens materiais e serviços, mas como os indivíduos se identificam frente a sociedade (Sampaio & Ferreira, 2009).

Logo, as buscas pelos padrões idealizados, principalmente pela mídia, moldam as identificações e a forma como a sociedade obedece a essas imposições, tornando-a submissa, doente e dócil, esquecendo-se de suas individualidades e subjetividades para que a lógica capitalista se mantenha (Campos, 2010). Diversas pesquisas têm sido desenvolvidas com a finalidade de compreender os processos formadores dessas opressões, principalmente no que tange o sistema capitalista e suas maneiras de aprisionamento dos corpos femininos.

Dentre essas contribuições, pode-se ressaltar a pesquisa de Pinto (2020), que analisou as teses contidas no livro de Saffioti “A Mulher na Sociedade de Classes”, com o objetivo de compreender o papel do capitalismo na opressão das mulheres, afirmando que a materialidade do corpo feminino ocorre em todas as classes, raças e religiões, pois essa materialidade inscreve a opressão em todos os corpos, sejam eles indígenas, novos, negros, brancos ou envelhecidos. Para a autora dessa pesquisa, é sobre os corpos femininos que as autoridades políticas e econômicas produzem decisões sobre a emancipação feminina, uma vez que buscam delimitar seus direitos de ir e vir, o modo como se vestem e seu papel perante o trabalho. Os ideais do feminismo, portanto, demonstram-se perigosos para o sistema e são contidos pela mídia, que explora as questões da subjetividade feminina em várias esferas sociais. O discurso feminista, portanto, só é difundido pelo capitalismo se estiver submetido aos interesses do patriarcado ou se gerar lucro (Souza, 2017).

#### **1.4 A Teoria das Representações Sociais**

A Teoria das Representações Sociais (TRS) tem sua gênese na Europa a partir da obra de Moscovici “A Psicanálise, sua imagem e seu público”, em 1961, quando o autor funda o conceito de Representações Sociais (RS). Essa publicação gerou impacto sobre

os estudiosos desse contexto devido às muitas novidades apresentadas, mas somente quinze anos depois se intensificaram os interesses por essa teoria (Nogueira & Di Grillo, 2020).

Para Moscovici (1961/1979), as RS “são conjuntos dinâmicos”, cujas características são oriundas da interação dos relacionamentos e condutas com o ambiente e estão presentes no cotidiano através dos encontros, das palavras ou dos gestos. As RS permitem que sejam estudadas de que forma o indivíduo e o social se influenciam, uma vez que a assimilação no dia a dia dos saberes partilhados pelo meio social só acontece mediante a atribuição de algum sentido ou se houver afetação do sujeito (Ferreira et al., 2017).

Algumas questões levaram o estudo da RS a ganhar bastante relevância, dentre elas estão: a abordagem dos fenômenos psicossociais; o suporte teórico e metodológico que abarca a dificuldade dos temas pesquisados e o entendimento do indivíduo como responsável pela construção da realidade de acordo com o contexto social que esteja inserido (Nogueira & Di Grillo, 2020).

Moscovici (2000/2015) postula que o propósito das RS é transformar o que é desconhecido em algo íntimo, familiar. E para que esse objetivo seja alcançado, torna-se necessário a abordagem de dois processos fundamentais: a objetivação e a ancoragem. Para Trindade et al. (2019), a objetivação é caracterizada por transformar o que era abstrato em concreto, de menor complexidade. O que era um conceito passa a ser entendido como imagem, associando-as ao “conhecimento imagético” dos indivíduos. A ancoragem, por sua vez, possibilita ao sujeito a assimilação dos novos objetos de representação, classificando-os de acordo com as alianças que ele estabelece com a inserção social. É um procedimento ágil e dinâmico que é visível em situações do dia a dia que demandam algum ajuste entre o “conhecimento social” (RS) e sua realidade

(Campos, 2017). Para Jodelet (2001), a ancoragem dá sustentação para a “instrumentalização” do conhecimento e se localiza em sucessão com a objetivação.

Algumas abordagens complementares à TRS foram criadas com a finalidade de aprofundar certas postulações, ainda que sejam adaptáveis à teoria de forma geral. A primeira, elucidada por Willem Doise, é pautada em uma visão mais sociológica/societal. A segunda, idealizada por Abric, denomina-se de Teoria do Núcleo Central (TNC) e possui um viés mais cognitivo-estrutural. A terceira, proposta por Jodelet, é pautada em uma concepção culturalista e é considerada a teoria mais próxima dos estudos de Moscovici, (Sá, 1998). Essa abordagem leva em consideração as nuances psicológicas e sociológicas de forma dinâmica (Rocha, 2014).

Diante desse contexto, o presente trabalho vincula-se mais diretamente à teoria do TNC, que elucida o núcleo central como componente primordial de qualquer representação existente. Para Abric (2001), uma representação é formada por um conjunto de informações, opiniões, de crenças, sendo organizados em uma estrutura em que são divididos em elementos periféricos e centrais. Essa teoria aponta duas funções do NC: 1- função geradora: é o elemento através do qual se cria, se transforma o sentido dos demais elementos constitutivos da representação. É através deles que estes elementos adquirem um sentido, um valor. 2- função organizadora: é o núcleo central que determina a natureza dos laços que os unem, incluindo os elementos de representação (Abric, 2001, p. 20).

O proponente da TNC entende que a periferia é o local de contexto e transformação da representação, em que se consideram os momentos históricos, as circunstâncias e as relações individuais entre “quem representa e quem é representado”. Logo, os componentes periféricos dão heterogeneidade a representação, contrapondo-se ao caráter homogêneo do Núcleo Central – caracterizado por questões mais individuais e

situacionais. Abrie postula que mesmo que o Núcleo central se mantenha intacto, existe a possibilidade de representações e comportamentos aparentemente distintos por conta da zona periférica. Em relação ao Núcleo, as reedições podem atualizar as antigas representações ao mesmo tempo em que protegem seu interior. Dessa forma, ancora novas características em antigas transversalidades, podendo ocasionar mudanças em várias direções, isto é, dar novos significados a antigas representações e afetar as novas com as mais anteriores (Arruda, 2014).

Enfatiza-se que foram identificados alguns (poucos) trabalhos que investigaram a relação corpo e beleza pautados nas TRS. Pinto et al. (2020) buscaram compreender quais eram as RS de beleza e de saúde em mulheres obesas que almejavam o emagrecimento, e identificaram que as mídias não demonstram a variedade de corpos existentes, excluindo mulheres gordas, por exemplo, mesmo que atualmente muito se discuta sobre empoderamento feminino. Isto é, os corpos gordos não possuem representatividade e a ideia que o corpo gordo também é belo não é popularizada. Samuel e Polli (2020), por sua vez, se propuseram a investigar as RS dos transtornos alimentares nos últimos 10 anos e notaram que há uma estreita relação entre as práticas comportamentais que idealizam os corpos ao corpo bonito e belo com as práticas alimentares. Foi identificado que as RS são interessantes aliadas nas pesquisas de corpo e comida, uma vez que ao abarcar a questão dos transtornos alimentares, é possível entender os processos realizados tanto pelos sujeitos tanto pela cultura, bem como os valores, ideais e estilo de vida de determinados grupos. Logo, mesmo que não seja possível exemplificar todas as opressões sofridas pelas mulheres e suas particularidades, é notório que as RS abarcam satisfatoriamente processos psicossociais que necessitam ser estudados, repensados e, principalmente, transformados nas sociedades.

Como não foi identificado um número tão grande de estudos articulando, direta ou indiretamente, as temáticas de interesse aqui apresentadas com a TRS, entendeu-se que este poderia ser um espaço interessante para investigação. Além disso, mesmo nos casos em que há vasta literatura sobre um objeto, outros ângulos podem ser privilegiados na coleta e análise de dados, ampliando-a. Foi o que se pretendeu no trabalho que agora se apresenta aqui.

## **2. OBJETIVOS**

### **2.1. Objetivo Geral**

Investigar representações sociais de feminilidade, corpo e beleza feminina entre mulheres adultas de diferentes grupos sociais.

### **2.2. Objetivos Específicos**

- a) Identificar o conteúdo e a estrutura da RS de ser mulher para mulheres adultas;
- b) Identificar o conteúdo e a estrutura da RS de beleza feminina para mulheres adultas;
- c) Identificar o conteúdo e a estrutura da RS de corpo feminino para mulheres adultas;
- d) Verificar as relações entre ser mulher, corpo e beleza para as participantes;
- e) Analisar os conteúdos identificados tentando articular gênero com outros eixos, tais como nível socioeconômico, raça/etnia e sexualidade.

### 3. METODO

O trabalho aqui descrito consistiu em uma pesquisa quantitativa, de caráter descritivo. Envolve análise, coleta de dados, interpretação e escrita dos resultados, a partir de processos e regras metodicamente desenvolvidos para o desempenho das pesquisas. A classificação descritiva visa observar, registrar e descrever determinadas características de um dado fenômeno com uma amostra da população (Fontelles et. al, 2019).

#### 3.1. Participantes

Inicialmente, considerou-se realizar a pesquisa com um número maior de mulheres; entretanto, devido à baixa adesão, foi necessário ajustá-lo. Assim, participaram 205 mulheres com idade a partir de 18 anos, residentes do Brasil, indiferente de ocupação, estado civil, raça, grau de escolaridade ou renda familiar, e que manifestaram o desejo de participação (critérios de inclusão).

A idade das participantes variou entre 18 e 62 anos, sendo que a maior parte (67,8%) estava na faixa etária mais jovem, de 18 a 29 anos. Em relação as demais, 21,9% estavam na faixa de 30 a 39 anos, 5,3% entre 40 a 49 anos, seguidas de 3,9% com idades entre 50 a 59 anos, e menos de um por cento (0,9) acima de 60 anos.

No que se refere ao estado civil, a maior parte era de mulheres solteiras (65,8%), seguidas de casadas (20,9%) e com união estável (10,7%). As mulheres divorciadas contaram com a menor frequência (2,4%). Em relação à orientação sexual, 69,2% se autodenominou heterossexual, 24,8% bissexual, 5,3% homossexual e 0,4% assexual. Dentre todas as participantes, a maioria não é mãe (78%). Das que tinham filhos, a quantidade variou entre um filho (62,2%), dois (26,6%) e três filhos (11,1%).

Sobre a escolaridade, 36,5% possuíam o ensino superior completo, 25,8% possuíam o ensino superior incompleto, 25,3% pós graduação, 10,7% ensino médio

completo e 1,4% o ensino fundamental completo. Quando perguntadas sobre a raça/etnia, a maior parte foi de mulheres que se consideram brancas (60,4%), seguidas das pardas (29,2%), pretas (6,8%) e amarelas (2,4%); 0,9 % não declararam<sup>1</sup>.

Além dos dados sociodemográficos expostos acima, buscou-se conhecer também a situação econômica das participantes. Dentre as mulheres, a maior parcela (40,4%) correspondeu àquelas que recebem de 02 a 05 salários mínimos mensais. Entre as demais, 27,3% recebiam até 02 salários mínimos; 13,6% de 05 a 08 s; 9,7% de 08 a 10; 8,2% acima de 10; e 0,4% até 01 salário mínimo.

As informações sobre as participantes acima apresentadas estão sintetizadas na tabela a seguir (Tabela 1), que contém as porcentagens e frequências simples para a melhor visualização dos dados.

**Tabela 1 - Caracterização geral das participantes**

<b>CARACTERÍSTICAS</b>	<b>PARTICIPANTES</b>	
	Frequência	% aproximada
<b>IDADE</b>		
18 a 29 anos	139	67,8 %
30 a 39 anos	45	21,9 %
40 a 49 anos	11	5,3 %
50 a 59 anos	08	3,9 %
Acima de 60 anos	02	0,9 %
<b>ESTADO CIVIL</b>		
Solteira	135	65,8 %
Casada	43	20,9 %
União estável	22	10,7 %
Divorciada	05	2,4 %
<b>FILHOS</b>		
Não são mães	160	78%
Mães	45	22%
<b>ESCOLARIDADE</b>		
Pós Graduação	75	36,5 %
Ensino superior incompleto	53	25,8 %

<sup>1</sup> Referente às participantes que indicaram a opção “não declarada” do questionário sociodemográfico.

Ensino superior completo	52	25,3 %
Ensino médio completo	22	10,7 %
Ensino fundamental completo	03	1,4 %

#### **ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Heterossexual	142	69,2%
Bissexual	51	24,8%
Homossexual	11	5,3%
Assexual	01	0,4%

#### **RAÇA/ETNIA**

Branca	124	60,4%
Parda	60	29,2%
Preta	14	6,8%
Amarela	05	2,4%
Não declarada	02	0,9%

#### **RENDA FAMILIAR**

De 02 a 05 salários mínimos	83	40,4%
Até 02 salários mínimos	56	27,3%
De 05 a 08 salários mínimos	28	13,6%
De 08 a 10 salários mínimos	20	9,7%
Superior a 10 salários mínimos	17	8,2%
Até 01 salário mínimo	01	0,4%

### **3.2. Instrumento e procedimentos de coleta de dados**

Para alcançar os objetivos propostos, foi construído um questionário de evocação livre de palavras, também conhecido como Técnica de Associação livre de Palavras (TALP), que consiste em captar a subjetividade dos participantes da pesquisa sobre determinado tema, expondo o núcleo central e periféricos para além daqueles que são explícitos no discurso (Margotti et al, 2021). O questionário de evocação livre é considerado uma das técnicas mais usuais para descrever a estrutura de uma representação social (Wachelke & Wolter, 2011).

As questões indutoras para associação livre foram definidas considerando os objetivos do estudo, e os termos foram escolhidos levando-se em conta sua fácil

compreensão, tendo sido usado termos acessíveis e disseminados socialmente entre as mulheres e na sociedade em geral - “ser mulher”; “mulher bonita”; e “corpo feminino”.

O questionário era composto por três blocos, divididos conforme o termo indutor. A primeira questão de cada bloco era a de evocação, propriamente (“Diga cinco palavras que você se lembra quando ouve...”). Além dessa, havia mais duas questões complementares iguais para cada bloco (“Das palavras mencionadas, qual você considera a mais importante e por quê (indicação do significado)?”; “Para cada palavra que você mencionou, diga se você a considera positiva ou negativa”). Com isso, ao final, cada participante respondeu a nove questões.

Devido a pandemia mundial do coronavírus SARS-Cov-2 (Covid-19), o presente estudo foi realizado de forma híbrida, ou seja, foi realizado em formato online inicialmente e, após a flexibilização das normas de segurança e saúde, passou a ser realizado de forma presencial, seguindo todas as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS).<sup>2</sup>

Para a coleta realizada online, o estudo e convite para participação foi divulgado através de mídias sociais, como Whatsapp, Telegram e Instagram, juntamente com um link de acesso do Google Forms para envio de informações de contato para que a pesquisadora responsável pudesse realizar, posteriormente, a aplicação do questionário por meio da plataforma do GoogleMeet. Não houve o envio de e-mail em lista que permitisse a identificação das participantes, além da pesquisa estar de acordo com as recomendações do Ofício Circular nº2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que orienta pesquisas realizadas em ambientes virtuais.

---

<sup>2</sup> Cabe destacar que a decisão pelo formato presencial logo que foi possível deveu-se, sobretudo, à dificuldade encontrada para acesso a um número maior de participantes e consequente atraso no tempo para coleta dos dados, bem como por acreditar-se que no modo presencial o aproveitamento poderia ser melhor para a condução da TALP.

Para as mulheres que participaram de modo presencial, a seleção se deu por conveniência, isto é, amostragem não probabilística e não aleatória, com o emprego da técnica “bola de neve”, em que o pesquisador solicita às participantes a indicação de outras pessoas que se encaixem nos critérios de inclusão da pesquisa (Flick, 2009). Várias participantes também foram acessadas na universidade, onde eram explicados os objetivos da pesquisa e feito o convite para participação. Em caso de concordância, a aplicação era feita ali mesmo nas dependências da universidade, em local que garantisse privacidade (sala de aula vazia, embaixo de árvore, etc.). Em todos os casos, a aplicação foi realizada individualmente, de acordo com a disponibilidade de cada participante.

Torna-se necessário salientar que para o contato presencial, foram utilizados apenas locais que atendessem a todas as condições de segurança para a prevenção do contágio da COVID-19, como as casas das participantes, universidades e locais de trabalho. Toda a pesquisa foi conduzida com distanciamento mínimo, em local arejado, com uso de máscara pela pesquisadora e participantes, bem como com a disponibilidade de álcool em gel para ser utilizado a qualquer momento.

As participantes foram informadas sobre: os objetivos da pesquisa, seus procedimentos, o anonimato de sua identidade e a preservação das informações obtidas, os benefícios previstos e eventuais riscos, o arquivamento das informações por um período de dez anos em uma pasta de acesso privado da pesquisadora responsável, e a possibilidade de desistência a qualquer momento, uma vez que a participação foi inteiramente voluntária. Não houve casos de desistência ou sinalização de desconforto durante a pesquisa.

Antes do início da aplicação, era solicitada a leitura e assinatura do TCLE. O tempo médio para cada participante responder ao questionário foi de 25 minutos pós a

coleta dos dados sociodemográficos, foi aplicado o questionário de evocação livre já descrito.

Ao longo da aplicação do questionário, algumas participantes não conseguiram evocar mais que uma palavra por termo indutor, o que levou a sua desconsideração. Nos casos em que as participantes não evocavam o total de cinco, mas trouxeram um mínimo de três, as mesmas foram mantidas. Cabe destacar que muitas participantes relataram dificuldade em responder a questão com o termo indutor, dizendo que nunca haviam parado pra pensar sobre o que essas questões significavam para elas, e que não conseguiam responder prontamente, necessitando de um tempo maior até conseguirem evocar as palavras.

### **3.3. Análise e Tratamento de dados**

As informações obtidas nos questionários foram processadas através do programa *Open EVOC 1.0*, com a finalidade de estruturar os componentes dos sistemas central e periféricos das RS. “O conjunto de programas *EVOC* visa permitir a identificação, a partir de uma lista ordenada de evocações livres, dos elementos centrais e periféricos da representação conforme define a teoria do núcleo central” (Sant’Anna, 2012, p. 96).

O programa utiliza a frequência e a ordem média de evocação (OME) para organização gráfica das palavras, que são distribuídas em quatro quadrantes, onde a ordem média pode ser considerada como a posição média que os resultados aparecem frente a resposta de cada entrevistada (Wachelke et al., 2016) (Wachelke, Wolter & Matos, 2016). No Primeiro Quadrante (superior esquerdo ++), está localizado o Núcleo Central da representação, que apresenta os elementos evocados mais prontamente e mais relevantes. No Segundo Quadrante (superior direito +-), estão os termos de maior frequência e ordem média de evocação, ou seja, foram muito citadas pelas participantes,

mas não tão prontamente quanto o Núcleo Central - também pode ser chamado de primeira coroa do sistema periférico. No Terceiro Quadrante (inferior esquerdo --+), localizam-se os elementos que possuem menor frequência e ordem média de evocação, sendo consideradas importantes para uma pequena parcela das participantes e é considerada a Zona de Contraste. No Quarto Quadrante (inferior direito --), estão situadas as evocações com menor frequência e maior ordem média de evocação e é considerada a última coroa do sistema periférico (Sant'Anna, 2012).

O OpenEvoc exige uma preparação prévia do banco de dados para que possa processar as informações, tais como estar configurado no formato XLSX através de programas como o Microsoft Excel ou Libre Calc. Assim, foram organizados três bancos distintos, de acordo com o termo indutor, cada qual em uma planilha no Excel de acordo com as formatações necessárias: na primeira linha estava contido o título da pergunta do questionário e nas colunas as respostas das participantes. O número de respostas em cada banco variou, uma vez que nem todas as participantes evocaram as cinco palavras solicitadas para cada termo<sup>3</sup>.

### **3.4 Análise de riscos, benefícios e aspectos éticos do estudo**

Por se tratar de uma pesquisa envolvendo seres humanos e que prioriza o respeito e a prevenção de danos, o presente estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (CEP-UFES) após o exame de qualificação. Foi entregue às participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (apêndice B), elaborado em consonância com as normas das Resoluções nº466/12 e nº510/16 do Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos. Além disso, devido à

---

<sup>3</sup> Ressaltamos que foram solicitadas cinco palavras para cada termo. Contudo, algumas participantes não conseguiram atender a tal solicitação, falando menos palavras. Para padronizar, optamos por considerar apenas as respostas de quem mencionou ao menos três palavras para cada termo.

pandemia mundial do coronavírus SARS-Cov-2 (Covid-19) e a necessidade de se cumprir o isolamento social, também está de acordo com as recomendações do Ofício Circular nº2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep) para pesquisas em ambientes virtuais.

A presente pesquisa não apresentou riscos diretos às participantes, uma vez que não foram submetidas a nenhum procedimento invasivo. Entretanto, de acordo com a resolução nº466/12, toda e qualquer pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, mesmo que mínimos. Ficou garantido às participantes a autonomia da retirada de seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalização ou prejuízo e a garantia do direito e a buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

Assim sendo, entendeu-se que a participação poderia possibilitar que as participantes revivessem situações desconfortáveis e/ou dolorosas do ponto de vista psicológico ou que se sentissem constrangidas durante e/ou após a aplicação do questionário. Caso essas situações tivessem ocorrido, seria realizado o encaminhamento para o Núcleo de Psicologia Aplicada (NPA) da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) para o acolhimento da (s) participante (s), mas não foi mencionado nenhuma situação desconfortável ou dolorosa pelas participantes em nenhum momento.

Como benefícios desta pesquisa, portanto, objetivou-se contribuir com as produções científicas através de análises referentes ao tema e auxiliar na construção de estratégias de enfrentamento de problemas sociais que atingem as mulheres, agregando significativamente com a teoria e com a prática. É possível que as entrevistas também fomentem reflexões acerca do tema, beneficiando a participante diretamente, bem como as produções de conhecimento no campo das RS.

#### 4. RESULTADOS

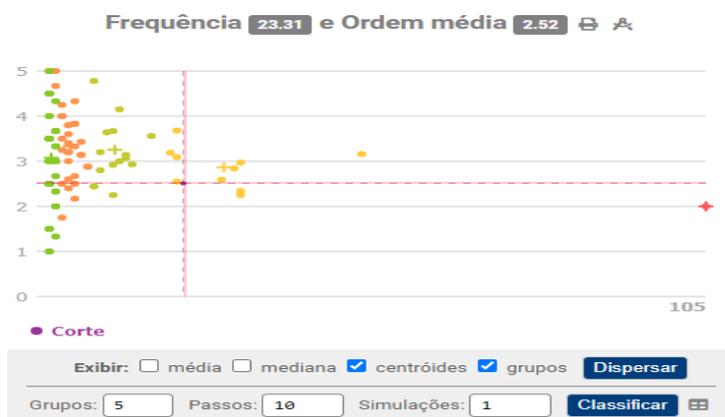
Antes de apresentar os resultados decorrentes do processamento do programa propriamente, cabem ainda algumas informações específicas sobre os bancos de dados e etapas do processamento do *OpenEvoc*. Na preparação dos três bancos, foram necessários ajustes em relação as palavras empregadas pelas participantes utilizando o processo de lematização, que consiste em agrupar as palavras que compartilham o mesmo radical e classe (Sant'ana, 2011). Exemplo: delicada-delicadeza; corajosa-coragem; forte-força; determinada-determinação. Outro critério utilizado para a junção de palavras foi serem sinônimas (palavras diferentes, mas com mesmo sentido considerando o nosso contexto social) – exemplo: seios-peitos; bumbum-bunda; nádega-bunda.

Cabe destacar que, dado o grande volume de termos diferentes apresentados, pensamos, em um primeiro momento, na possibilidade de, além desses critérios acima mencionados, reunir em um mesmo conjunto/categoria palavras que fizessem parte de um mesmo campo semântico (tivessem sentidos próximos, mas não necessariamente exatos). Contudo, percebemos que haveria o risco de criar categorias com frequência muito alta no caso de algumas junções, o que poderia interferir na organização dos elementos nos quadrantes, além de haver também a probabilidade de alguns termos evocados não serem explicitados na medida em que fossem unidos num mesmo grupo. Desse modo, optamos por manter as junções apenas nos casos já mencionados (considerando os lemas/radicais e os termos sinônimos).

Ainda a este respeito, vale mencionar que, em ambos os casos (quando adotamos as categorias e quando deixamos os termos sem agrupamentos), os resultados apresentados pelos *OpenEvoc* nos testes realizados foram bastante similares, de modo que nossa decisão acabou se sustentando principalmente na tentativa de manter o máximo possível os termos utilizados pelas próprias participantes, evidenciando sua diversidade.

Para a definição do ponto de corte<sup>4</sup> (de frequência e ordem média de evocação/OME) dos bancos, além de levar em conta os números (de participantes, de palavras, de ordem média), o programa oferece um recurso que permite observar a distância entre os termos e os grupos constituídos com eles em uma representação gráfica para o processamento do programa. Neste caso, há possibilidades de simulações para serem testados os números de grupos, bem como a forma como estão distribuídas e agrupadas as palavras. A partir disso, foram realizados inúmeros testes até chegar-se a uma organização que parecesse coerente. No caso da definição do ponto de corte em relação a OME, entende-se que, usualmente, adota-se a mediana do número de evocações quando este é ímpar (como aqui, que foi 5). Neste caso, o referencial utilizado foi de 2,5, podendo sofrer alterações para mais ou para menos a partir das análises dos termos (Sant'Anna, H. C., 2012). A título de ilustração do que está sendo mencionado, decidimos por apresentar a representação gráfica gerada de, pelo menos, um banco (*Ser mulher*), conforme figura a seguir (Figura 1). Nesta, como se pode observar, os pontinhos de mesma cor indicam palavras compreendidas num mesmo grupo, sendo possível também verificar a distância entre eles, entre outras coisas.

FIGURA 1: *Representação gráfica dos termos agrupados no banco “ser mulher”*




---

<sup>4</sup>Ponto que divide as evocações nos quatro quadrantes, diferenciando-as em relação a frequências e OME.

#### 4.1- Evocações de Ser Mulher

Para o termo indutor “Ser Mulher”, no qual foram consideradas as respostas de 203 participantes, foram obtidas 1.015 evocações no total. Após o processamento do software, foi gerada uma tabela (Tabela 2) com os termos distribuídos nos quadrantes de acordo com a frequência (FREQ) e ordem média de evocação (OME). Considerando o que foi dito anteriormente sobre ponto de corte das coordenadas de FREQ e OME, no caso desse banco, utilizamos a FREQ 22 e OME 2,51. As evocações podem ser observadas na tabela a seguir (Tabela2):

Tabela 2: *Evocações de “Ser mulher”, em função da frequência e ordem média de evocação<sup>5</sup>*

<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,51</i>			<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &gt;= 2,51</i>		
	<b>FREQ</b>	<b>OME</b>		<b>FREQ</b>	<b>OME</b>
Força	105	2,0	Bonita	51	3,16
Guerreira	32	2,25	Maternidade	32	2,97
Luta	32	2,34	Coragem	31	2,84
			Feminilidade	29	2,59
<i>Frequência &lt;22 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,51</i>			<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &gt;=2,51</i>		
	<b>FREQ</b>	<b>OME</b>		<b>FREQ</b>	<b>OME</b>
Fragilidade	12	2,25	Amor	22	3,68
Machismo	09	2,44	Medo	22	3,09
Dor	06	2,5	Desafios	22	2,55
Desigualdade	06	2,17	Poder	21	3,19
Sofrimento	05	2,4	Sensibilidade	18	3,56
Dedicação	04	1,75	Determinação	15	2,93
Garra	04	2,5	Resistência	14	3,14
Construção	03	2,33	Delicadeza	14	3,07
Potência	03	2,0	Inteligência	13	4,15
Feminismo	03	2,0	Independência	13	3,0
Perigo	03	2,33	Cuidado	12	2,92
Doçura	03	2,0	Sobrecarga	12	3,67
Livre	03	1,33	Amizade	11	3,64
			Responsabilidade	10	2,80

<sup>5</sup>Dado o grande número de palavras do banco, definimos só considerar no processamento termos como frequência mínima de 3, desconsiderando termos evocados apenas uma ou duas vezes. Acreditamos que isso também facilitaria a visualização dos dados no gráfico.

Trabalho	10	3,2
Batalhadora	08	2,88
Cobranças	08	2,88
Multitarefa	07	3,14
Filhos	07	3,14
Preconceito	07	3,43
Vaidade	06	2,67
Violência	06	3,83
Resiliência	06	4,33
Opressão	06	3,83
Afeto	06	3,33

Nº total de evocações: 1.015

Nº total de palavras diferentes: 45

Como podemos observar na tabela anterior, os possíveis elementos que organizam a RS de “ser mulher” para as participantes são *força, guerreira e luta*, elementos que, provavelmente, constituem o núcleo central da representação. Apesar da diferença em termos de frequência entre *força* (105 evocações) e as outras duas palavras aí localizadas (*guerreira* e *luta*, ambas como frequência igual a 32), as três estavam localizadas graficamente em um mesmo grupo (conforme Figura 1) e por isso ficaram reunidas no núcleo central<sup>6</sup>.

No Segundo Quadrante, composto por quatro termos, identificamos as palavras *bonita, maternidade, coragem e feminilidade*, as quais também podem ser considerados elementos importantes na organização da RS de ser mulher. No quadrante correspondente à zona de contraste, estão os elementos *fragilidade e machismo*, que tem maiores frequências (12 e 9, respectivamente), seguidas de *dor, desigualdade, sofrimento, dedicação, garra, construção, potência, feminismo, perigo, doçura e livre* (termos com frequência mais baixa, entre 6 e 3). No quarto quadrante ou segunda periferia, foram reunidos muitos termos (em torno de 50) cujas frequências variaram muito. Elementos como *amor, medo, desafios, poder e sensibilidade* tiveram altas frequências (entre 22 e 18). Já os termos *determinação,*

<sup>6</sup> Vale mencionar, até a título de exemplo, que *luta/lutadora/guerreira* seriam palavras agrupadas em um único termo (*luta*) naquela ideia inicial de construção de conjuntos/categorias, e no teste realizado anteriormente apareceu no núcleo central junto

com força (apenas os dois termos), o que também serviu como indicativo de sua pertinência a esse primeiro quadrante.

*resistência, delicadeza, inteligência, independência, cuidado, sobrecarga, amizade, responsabilidade e trabalho* tiveram frequência intermediária, oscilando de 15 a 10. Os termos *batalhadora, cobranças, multitarefas, filhos e preconceito, vaidade, violência, resiliência, opressão e afeto*, tiveram frequência menor, variando entre 8 e 6. Outras 25 palavras<sup>7</sup> tiveram frequência menor que seis e acima de três e não foram incluídas na tabela para facilitar sua apresentação.

#### 4.1.1- Ser mulher - Palavras mais importantes, valor e significados

Além das evocações a partir dos termos indutores, como vimos, foi solicitado que as participantes indicassem a palavra mais importante dentre as apresentadas, justificassem a escolha, explicassem seu significado. Para que a apresentação de dados se tornasse menos exaustiva, optou-se por apresentar somente as palavras citadas que apresentaram frequência mínima 03, seguindo a mesma lógica adotada para processamento no OpenEvoc. A relação das palavras indicadas e suas respectivas frequências podem ser encontradas na tabela abaixo (TABELA 3):

TABELA 3 - Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes – indutor “ser mulher”

TERMO INDUTOR	PALAVRA MAIS IMPORTANTE	FREQUÊNCIA	LOCALIZAÇÃO QUADRANTE
<b>SER MULHER</b>	Força	63	NC
	Guerreira	13	NC
	Luta	11	NC
	Resistência	09	4°
	Coragem	08	2°
	Maternidade	06	2°
	Poder	04	4°

<sup>7</sup> Palavras que não foram listadas na tabela: *empatia, vida, intuição, corpo, companheirismo, vulnerabilidade, injustiça, carinho, assedio, competência, decisões, doméstica, fiel, sororidade, abuso, liberdade, sensualidade, paciência, superação, persistência, insegurança, única, estética, acolhimento e família.*

	Amor	04	4°
	Resiliência	04	4°
	Bonita	03	2°
	Sobrecarga	03	4°
	Feminilidade	03	2°

Cruzando os dados do processamento das evocações pelo software, com a ordem de importância atribuída pelas participantes, notou-se que, no caso do indutor “Ser mulher”, foram indicadas 12 palavras dentre o total evocado. Destas, as três palavras consideradas como mais importantes foram justamente as que apareceram no Núcleo central (*Força, Guerreira e Luta*), apresentando, por isso, alta frequência. Outras quatro palavras referidas como mais importantes coincidem com as do segundo quadrante (*Coragem, Maternidade, Bonita e Feminilidade*), e cinco com as do quarto quadrante (*Resistência, Poder, Amor, Resiliência e Sobrecarga*). Nenhuma palavra indicada correspondeu a termos localizados na zona de contraste.

Também foi pedido que as participantes atribuíssem um valor positivo ou negativo para todas as palavras evocadas. Visando uma apresentação mais objetiva, dado o volume de dados, aqui, optou-se por trazer essa atribuição de valor apenas para as palavras consideradas mais importantes e para as que estão no núcleo central e primeira periferia (Tabela 6). Para esse termo indutor, as palavras que foram majoritariamente avaliadas como positivas foram: *Força, Guerreira, Luta, Coragem, Resistência, Maternidade, Poder, Amor, Resiliência, Beleza e Feminilidade*-. As palavras que empataram em termos atribuições positivas e negativas foram: *Corpo e Feminilidade*. A única palavra considerada negativa foi *Sobrecarga*. Essa relação pode ser observada na tabela a seguir (Tabela 4):

TABELA 4: Relação de termos mais importantes, atribuição de valor e frequência - indutor “ser mulher”

Termo indutor	Palavra mais importante	FREQUENCIA	POSITIVA	NEGATIVA
Ser mulher	força	63	52	11
	guerreira	13	13	00
	luta	11	08	03
	coragem	09	09	00
	resistência	08	05	03
	maternidade	06	06	00
	poder	04	04	00
	amor	04	04	00
	resiliência	04	04	00
	beleza	03	03	00
	sobrecarga	03	00	03
feminilidade	03	02	01	

Uma última pergunta do questionário (para cada termo indutor) buscava o significado das palavras consideradas mais importantes por cada participante, e considerou-se importante trazer esse dado, inclusive para auxiliar na interpretação dos resultados do OpenEvoc. Entretanto, considerando o grande número de palavras indicadas e a frequência/extensão dos significados atribuídos<sup>8</sup>, optou-se por realizar uma espécie de categorização dos significados apresentados, e por explicar apenas os das palavras com grande valor para a RS, ou seja, as que estavam no núcleo central. Essa decisão visou também uma apresentação dos resultados menos exaustiva. Todas as justificativas/significados atribuídos pelas participantes para cada termo podem ser acessadas no apêndice C, ao final dessa pesquisa.

Para o termo indutor Ser mulher, a palavra *Força*, considerada por muitas como a mais importante entre as citadas e presente no núcleo central, englobou significados que foram agrupados em duas categorias: 1- entendimentos que apontam a determinação e

---

<sup>8</sup> Para cada termo indutor, as mais de 200 participantes indicavam a palavra mais importante dentre as mencionadas, e conferiam um significado as mesmas. Então, foram mais de 600 respostas a este respeito.

força de vontade feminina para lutar contra as desigualdades e alcançar mudanças; as participantes relataram que através da força de vontade é possível mudar a realidade exaustiva que muitas enfrentam, como com jornadas de trabalho e funções que geram sobrecarga. Para ilustrar, segue um exemplo: *“A palavra força define melhor a expressão “ser mulher”, pois desde os primórdios da humanidade a mulher é vista como “inferior” ou tem seu gênero visto como frágil. Porém, com o tempo, nós mulheres entendemos que poderíamos e podemos ocupar lugares inimagináveis, e a cada dia ultrapassamos mais e mais barreiras na sociedade, com isso, considero força a palavra motor para toda essa revolução”*; 2 – compreensão de força como algo necessário para sobreviver frente a tantas lutas e desafios (a força, aqui, não parece ser vista como atributo para mudar algo e sim para suportar). Exemplo: *“Porque me define! Desde que me entendo por gente tive que ter Força, mesmo não querendo! Às vezes isso cansa”*. Relembra-se que em termos de valor afetivo, esse termo foi considerado predominantemente como positivo.

Para a palavra *Guerreira*, de valor positivo conforme tabela, os significados apresentados, de modo geral, relacionam-se ao enfrentamento feminino; as mulheres precisam agir como guerreiras para enfrentar uma cultura que as desacredita, que as coloca como sexo frágil, colocando o homem sempre a frente e com mais direitos garantidos socialmente. Exemplo: *“Porque mulher é assim! É sinônimo de guerreira, fortaleza, passa por várias dores, situações de desigualdade até mesmo nos dias de hoje, assédios, opressões, exaustões de tudo que tem que dar conta, e mesmo assim, está de pé, linda, maravilhosa, sempre procurando um jeitinho de ficar mais linda, arrumada, e arrumando jeito de ficar plena em meio a tudo isso.... a maioria procura ajuda psicológica para conseguir dar conta de tudo isso”*.

Sobre a palavra *Luta*, também predominantemente avaliada como positiva, foram identificadas duas categorias de sentido: 1- uma compreensão muito próxima às

anteriores, em que as mulheres precisam lutar por espaços, como no trabalho, para quebrar estereótipos, lutar contra abusos e violências, pois só isso pode lhes garantir novos espaços. Exemplo: “*Pois é necessária uma luta constante em todos os âmbitos, navida profissional, luta por segurança, direitos, autonomia sobre o próprio corpo, para estar em um relacionamento amoroso saudável, lidar com o ter/não ter filhos, etc.*”; 2 – entendimento de que a luta, sem dúvida necessária, leva à exaustão; é incansável, é interminável. (este aspecto parece ser o enfatizado aqui). Exemplo: “*Porque nossa luta é interminável. Nós lutamos constantemente. Estamos em vulnerabilidade desde quando nascemos até no momento da nossa morte. Somos culpabilizadas por sermos vítimas, por nossos filhos não errarem, ou por não termos filhos, por querermos ser donas das nossas escolhas, das nossas vidas e caminhadas. Por falar baixo, por falar alto, por falar. Por existir e ser*”.

#### 4.2- Evocações de Mulher Bonita

Para o termo indutor “Mulher Bonita”, que considerou as respostas de 200 mulheres, foram obtidas 1.005 evocações. Aqui, considerando o já apontado antes sobre o ponto de corte, trabalhamos com a FREQ 22 e OME 2,5 (Tabela 5).

(Tabela 5): Evocações de “Mulher Bonita” em função da frequência e ordem média de evocação.

<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,5</i>			<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &gt;=2,5</i>		
	<b>FREQ</b>	<b>OME</b>		<b>FREQ</b>	<b>OME</b>
Magra	57	1,96	Cabelos	47	2,83
Padrão	42	2,19	Inteligente	26	2,69
Corpo	26	2,0	Sorridente	25	2,72
			Cuidada	23	2,52
<i>Frequência &lt;22 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,5</i>			<i>Frequência &gt;=22 evocações Ordem média de evocação &gt;=2,5</i>		

	FREQ	OME		FREQ	OME
			Alta	20	2,7
Branca	14	2,43	Arrumada	20	2,9
Confiante	13	2,31	Simpática	19	3,11
Assediada	11	2,27	Olhar	13	3,46
Loira	11	2,45	Beleza	12	3,0
Gostosa	08	1,88	Vaidosa	12	3,08
Elogio	07	2,43	Maquiada	12	2,92
Autentica	06	1,5	Feliz	12	3,08
Preconceito	05	2,2	Feminilidade	11	3,55
Homens	04	2,25	Livre	10	3,7
Machismo	03	2,33	Estilosa	09	4,22
Modelo	03	1,67	Objeto	09	3,78
			Elegante	09	2,56
			Independente	08	3,88
			Sensual	08	2,5
			Autoestima	08	3,38
			Estética	07	3,71
			Estereotipo	07	2,86
			Peitos	07	3,43
			Forte	06	3,33
			Aceitação	06	2,67
			Espontânea	06	3,67
			Natural	06	2,83
			Pele	06	2,83
			Caráter	06	2,67

Nº total de evocações: 1.005

Nº total de palavras diferentes: 42

Conforme tabela anterior, o quadrante que corresponde ao núcleo central foi composto pelos elementos *magra*, *padrão* e *corpo*. No Segundo Quadrante, foram agrupados os elementos *cabelo* (com frequência bem acima dos demais), *inteligente*, *sorridente* e *cuidada* (com frequências próximas). Já na Zona de Contraste, estão presentes os elementos *branca*, *confiante*, *assediada*, *loira*, *gostosa*, *elogio*, *autêntica*, *preconceito*, *homens*, *machismo* e *modelo*. No quarto quadrante foram reunidos 62 termos, considerando a frequência mínima de três. Aqui, também se fez a opção de apresentar apenas os 25 com maiores frequências para facilitar a visualização gráfica<sup>9</sup>. As

<sup>9</sup> Palavras que não foram listadas na tabela: *única*, *poderosa*, *saudável*, *valorizada*, *fútil*, *desejada*, *unhas*; *interior*; *individualidade*; *pressão*; *dinheiro*; *tatuagem*; *bem-estar*; *alegre*; *realizada*; *dedicada*; *social*;

palavras *alta, arrumada e simpática* aparecem logo no início com maior frequência (em torno de 20). Os termos *olhar, beleza, vaidosa, maquiada, feliz e feminilidade* obtiveram frequência em torno de 12, ao passo que *livre, estilosa, objeto, elegante, independente, sensual e autoestima* tiveram frequência aproximada de 9. Os demais termos, *estética, estereótipo, peitos, aceitação, espontânea, natural, pele e caráter*, apresentaram frequência entre 6 e 8.

#### 4.2.1- Mulher bonita - Palavras mais importantes, valor e significados

No caso desse termo, também foram apresentadas as palavras indicadas como mais importantes com frequência mínima de 03 (19 no total), conforme tabela abaixo (Tabela 6):

TABELA 6- Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “mulher bonita”

	<b>TERMO INDUTOR</b>	<b>PALAVRA MAIS IMPORTANTE</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
<b>MULHER BONITA</b>	Padrão	14	NC
	Magra	10	NC
	Corpo	08	NC
	Inteligente	07	2°
	Beleza	07	4°
	Confiante	07	Contraste
	Simpatia	06	4°
	Cuidada	05	2°
	Feminilidade	04	4°
	Feliz	04	4°
	Autêntica	04	Contraste
	Arrumada	04	4°
	Livre	04	4°
	Aceitação	04	4°
	Autoestima	03	4°
	Caráter	03	4°

*sincera; singularidade; carinhosa; bonito; mãe; amada; educada; segura; mídias; gentil; carisma; jovem; moda; bunda; delicada; bem vestida; roupas; cantada; rosto; atitude*

	Estilosa	03	2°
	Sorridente	03	4°
	Cabelo	03	2°

Como se pode verificar, três palavras citadas como mais importantes coincidem com as do Núcleo central (*Padrão, Magra e Corpo*); em relação ao segundo quadrante, quatro mencionadas constam nessa zona (*Estilosa, Inteligente, Cabelo e Cuidada*); duas palavras indicadas estão localizadas na zona de contraste (*Confiante e Autêntica*) e, por fim, 10 palavras referidas coincidem com termos do quarto quadrante (*Beleza, Simpatia, Feminilidade, Feliz e Arrumada, Livre, Aceitação, Autoestima, Caráter e Sorridente*).

Sobre o valor atribuído, para esse termo indutor, a maioria das palavras foram classificadas como positivas, tais como: *Inteligente, Beleza, Confiante, Simpatia, Cuidado, Feliz, Autêntica, Arrumada, Caráter, Autoestima, Livre, Estilosa, Sorridente, Aceitação e Cabelo*. Apenas duas palavras foram avaliadas como negativas: *Padrão e Magra*. A tabela abaixo traz esses dados. Essa relação pode ser observada na tabela abaixo (Tabela 7):

TABELA 7: Relação de termos mais importantes, atribuição de valor e frequência - indutor “mulher bonita”

Termo indutor	Palavra mais importante	FREQUENCIA	POSITIVA	NEGATIVA
Mulher Bonita	Padrão	14	02	12
	Magra	10	01	09
	Inteligente	09	09	00
	Corpo	08	04	04
	Beleza	07	06	01
	Confiante	07	07	00
	Simpatia	06	06	00
	Cuidado	05	05	00
	Feminilidade	04	02	02
	Feliz	04	04	00
	Autêntica	04	04	00
	Arrumada	04	04	00
	Caráter	03	03	00

	Autoestima	03	03	00
	Livre	03	03	00
	Estilosa	03	03	00
	Sorridente	03	03	00
	Aceitação	03	03	00
	Cabelo	03	02	01

No que se refere os significados apresentados para as palavras indicadas como mais importantes em relação a *Mulher bonita*, na mesma linha do que foi feito em relação ao termo ser mulher, serão apresentadas apenas as significações das palavras que constam no núcleo central. Esse é o caso do termo *Padrão*, avaliado predominantemente como negativo, cujo sentido foi agrupado em duas categorias: 1- entendimento de que existe uma ideia dominante sobre o que é beleza, que é passível de mudança, que não é natural. Exemplo: “*Porque existe um padrão que circunda e impõe a ideia de beleza feminina.*”; 2 - negativo, discorreram sobre essa palavra ser uma imposição social, como forma de padronizar e definir a beleza aceita. Exemplo: “*Porque sempre temos mudanças nos padrões impostos para o que é ser mulher bonita. O que era lindo na década anterior, já não serve mais hoje e temos uma indústria gigantesca pra lucrar em cima das inseguranças*”.

Para a palavra *Magra*, também predominantemente avaliada com conotação negativa, foram identificadas duas categorias de sentido principais: 1 - explicações que destacam a associação da beleza com a magreza, sem problematizar. Exemplo: “*Porque uma mulher bonita é elegante*”; 2 – entendimentos que abordaram a magreza ser um fator de exclusão e preconceito, sobretudo com mulheres gordas; ressaltam que quando o corpo foge ao padrão, há julgamentos e exclusão por não se encaixarem em padrões pré-estabelecidos. Exemplo: “*Mulher bonita na sociedade é aquela que antes de tudo, precisa ser magra, se for gorda a sociedade já julga, e a mulher não é aceita como bonita. É preciso ter curvas, mas curvas nos lugares que consideram certos, como bunda, peito e*

*cintura. Mais que isso, é uma mulher feia pra sociedade. É preciso ser uma mulher padrão, cabelo liso, magra, branca, nariz em pé, enfim, toda ‘montada’, infelizmente”.*

Em relação ao termo *Corpo*, destacaram-se dois conjuntos de sentidos: 1- compreensões que associam aspectos físicos do corpo como sinônimos de belo, principalmente quando se referem a partes específicas, como peitos e bundas grandes: *“Pelo fato de sempre ouvir que mulher bonita é a que tem o corpo bonito”*; 2 – entendimentos que ressaltam que o corpo belo, o ideal de corpo é produzido socialmente, e a mídia divulga esses corpos ideais para as mulheres buscarem aceitação. Exemplo: *“Pois há uma produção social, midiática de uma representação social de mulher bonita associada à estética definida a cada tempo, mas a ideiação de um tipo de corpo sempre está presente. Quer na história antiga do corpo gordo, pois era representação de quem tinha acesso a alimento e por conseguinte a riqueza; como atualmente, ao corpo trabalhado, que também está associado ao consumo de roupas de ginástica, academia, produtos de beleza, produtos de suplementação alimentar..., cada tempo, uma representação social”*. No caso dessa palavra, conforme consta na tabela, tanto foi atribuído valor positivo quanto negativo, de modo equilibrado.

#### **4.3- Evocações de Corpo feminino**

No caso do termo indutor “Corpo Feminino” foram consideradas as respostas de 201 participantes e também foram obtidas 1005 evocações. As coordenadas de FREQ e OME adotadas foram 19 e 2,53, respectivamente, conforme tabela a seguir (Tabela 8):

Tabela 8: *Evocações de “Corpo feminino” em função da frequência e ordem média de evocação*

<i>Frequência &gt;=19 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,3</i>			<i>Frequência &gt;=19 evocações Ordem média de evocação &gt;= 2,53</i>		
	<b>FREQ</b>	<b>OME</b>		<b>FREQ</b>	<b>OME</b>
Peitos	50	2,1	Padrão	36	2,67
Beleza	50	2,52	Bunda	31	2,68
Magro	38	2,21	Cabelos	20	3,45
Objetificado	34	2,5			
Curvas	33	2,36			
<i>Frequência &lt;19 evocações Ordem média de evocação &lt; 2,53</i>			<i>Frequência &gt;=19 evocações Ordem média de evocação &gt;= 2,53</i>		
	<b>FREQ</b>	<b>OME</b>		<b>FREQ</b>	<b>OME</b>
Sensual	19	2,11	Vagina	17	2,94
Gorda	11	2,36	Cuidado	13	3,31
Cobrança	06	2,5	Desejado	13	3,38
Diferenças	06	2,0	Cintura	13	3,15
Pelos	05	2,0	Delicado	12	2,75
Julgado	05	2,4	Forte	12	3,08
Casa	05	2,4	Único	11	3,36
Formas	04	2,5	Aceitação	10	3,4
Esbelto	04	2,5	Útero	09	3,33
Estrias	04	2,25	Respeito	09	2,78
Individualidade	03	1,67	Violado	08	2,75
Poder	03	2,33	Sagrado	08	3,5
Singular	03	2,0	Marcas	07	3,14
Sarado	03	2,33	Assediado	07	3,29
			Boca	07	3,71
			Saúde	07	3,86
			Estética	06	2,83
			Gravidez	06	2,67
			Sexualizado	06	2,67
			Gostosa	06	2,67
			Maciez	06	3,83
			Dor	06	3,17
			Celulite	06	2,67
			Barriga	06	3,5
			Pernas	06	3,17

Nº total de evocações: 1.005

Nº total de palavras diferentes: 47

Como podemos notar, nesta tabela o Primeiro Quadrante foi composto por cinco elementos, sendo *peitos e beleza* os de maiores frequências, seguidos por *magro*,

*objetificado e curvas*. Provavelmente, estes são os elementos que compõem o núcleo central da RS de corpo feminino para as participantes desta pesquisa. Na Primeira Periferia ou Segundo Quadrante foram agrupadas as palavras que também tem valor expressivo na organização da representação, e foram elas *padrão*, com a maior frequência, *bunda e cabelos*. No Terceiro Quadrante ou Zona De Contraste podemos visualizar 14 palavras, sendo *sensual* a de maior frequência. *Gorda* aparece em segundo lugar, com uma frequência distante das demais, que têm frequência menor, entre 6 e 3: *cobrança, diferenças, pelos, julgado, casa, formas, esbelto, estrias, individualidade, poder, singular e sarado*. No Quarto e último quadrante, foram agrupadas muitas palavras (54)<sup>10</sup>, sendo *vagina* a de frequência mais distante das demais. *Cuidado, desejado, cintura, delicado, forte, único e aceitação* tem frequência próxima (em torno de 12); já os termos *útero, respeito, violado, sagrado, marcas, assediado, boca, saúde, estética, gravidez, sexualizado, gostosa, maciez, dor, celulite, barriga e pernas* apresentaram frequência menor que 10.

#### **4.3.1- Corpo feminino - Palavras mais importantes, valor e significados**

Em relação ao termo corpo feminino, 15 palavras entre as evocadas foram referidas como mais importantes (considerando a frequência mínima de 03), e são expostas na tabela a seguir (Tabela 9):

TABELA 9 - Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “corpo feminino”

---

<sup>10</sup> Como nas tabelas anteriores, optamos por apresentar apenas a metade com maior frequência na tabela acima. As demais palavras com freq. Entre 3 e 5) seguem aqui: *altura, coxas, imperfeito, autoestima, frágil, perfeito, prazer, rosto, estereótipos, olhar, vida, pele, corpo, limpo, livre, propriedade, sexo, atraente, liso, potente, escultural, malhado, liberdade, flacidez, erotização, exposição, diversidade, definido e amor*.

<b>CORPO FEMININO</b>	<b>TERMO INDUTOR</b>	<b>PALAVRA MAIS IMPORTANTE</b>	<b>FREQUÊNCIA</b>
	Beleza	11	NC
	Único	09	4°
	Peitos	07	NC
	Curvas	08	NC
	Poder	05	Contraste
	Sagrado	06	4°
	Delicado	05	4°
	Aceitação	04	4°
	Objetificado	04	NC
	Padrão	04	2°
	Saúde	03	4°
	Cobrança	03	Contraste
	Cuidado	03	4°
	Desejado	03	4°
Diferenças	03	Contraste	

Como indicado na tabela, quatro das palavras correspondem às que apareceram no núcleo central (*Peitos, Curvas, Beleza e Objetificado*), uma palavra a um termo do segundo quadrante (*Padrão*), três às localizadas na zona de contraste (*Poder, Cobranças e Diferenças*), e sete às do quarto quadrante (*Único, Sagrado, Delicado, Aceitação, Saúde, Cuidado e Desejado*). No que diz respeito ao valor atribuído, no caso desse termo as palavras também foram predominantemente classificadas como positivas, como se pode observar na tabela em sequência (tabela 10). Apenas três delas receberam conotação negativa (*Objetificado, Padrão e Cobrança*). Essa relação pode ser observada na tabela abaixo (Tabela 10):

TABELA 10 - Relação palavras mais importantes, frequências e posição na casa de quatro quadrantes - indutor “corpo feminino”

Termo indutor	Palavra mais importante	FREQUENCIA	POSITIVA	NEGATIVA
	Beleza	11	11	00
	Único	09	09	00
	Curvas	08	08	00

Corpo feminino	Poder	05	05	00
	Sagrado	06	06	00
	Delicado	05	05	00
	Aceitação	04	04	00
	Objetificado	04	00	04
	Padrão	04	00	04
	Saúde	03	03	00
	Peitos	07	07	00
	Cobrança	03	00	03
	Cuidado	03	03	00
	Diferenças	03	02	01

Para o termo indutor “corpo feminino”, que foi positivamente avaliado, os significados atribuídos à palavra *Beleza* foram agrupados em uma compreensão geral: 1-entendimento de que é importante a aceitação de todos os corpos, em todas suas manifestações, tamanhos e curvas, pois todos tem beleza, embora exista um padrão colocado socialmente. Exemplo: *“Porque a beleza do corpo é um ideal da maioria das mulheres. E é um atributo que todas têm, embora muitas não saibam”*.

Para a palavra *Peitos*, prevaleceu uma compreensão que ressalta essa característica física como uma forma de diferenciar corpos femininos e masculinos. Esta palavra também foi avaliada por todas as participantes como positiva. Exemplo: *“Porque é a parte do corpo que mais facilmente e à distância chama a atenção para indicar que aquele é um corpo feminino, e porque as transexuais e travestis tem hábito de fazer implantes de seios enormes e usar decotes... então isso me faz pensar que essa parte do corpo seja um símbolo do corpo feminino, já que existe uma obsessão por ela por parte das mulheres cis e trans (em ter seios grandes e bonitos e decotes) e em homens e mulheres lésbicas de ver essas partes”*.

Sobre *Curvas*, palavra avaliada positivamente pelas respondentes, todos os significados apresentados foram no sentido de remeter à feminilidade e a caracterização dos corpos femininos; é o mais frequente de se encontrar em corpo de mulher. Exemplo: *“Curvas remetem à feminilidade”*.

## 5- ANÁLISE/DISCUSSÃO

Para a análise dos resultados encontrados, considerou-se o objetivo desta pesquisa, que consistiu em identificar os conteúdos e a estrutura das RS de feminilidade, corpo e beleza feminina entre mulheres adultas de diferentes grupos sociais, com o auxílio da TRS. Vale lembrar que, de acordo com tal teoria, que objetiva assimilar e explicar a construção dos saberes instituídos por determinado grupo social (Nogueira e DiGrilo, 2020), as RS não correspondem a uma cópia exata da realidade, e sim, a uma tradução desta, que está sempre em constantes transformações (Arruada, 2002).

Araújo et. al (2018) ressaltam que as RS são os modos pelos quais os indivíduos criam e percebem o mundo, o que não se dá a partir do que o elemento realmente é, “de forma neutra”, pois cada sujeito está implicado pelas próprias imagens, ideias, representações e opiniões, que estão além da sua própria realidade atual e individual, sendo atravessados pelas questões de tempo-espaço que perpassam gerações. Assim, no que diz respeito às questões de gênero, eixo central no presente estudo, entende-se que, ainda que se reconheça que muitas mulheres, em decorrência dos movimentos e lutas feministas, consigam hoje refletir sobre o seu status na sociedade e tenham adquirido direitos e novas posições ao longo das últimas décadas, ideias essencialistas e tradicionais associadas à performance de feminilidade, construídas no passado e em outro contexto/época (Krauspenhar, 2020), não desapareceram e ainda podem impactar em suas compreensões e práticas.

A atribuição de determinadas características às mulheres não se dá no vazio, e visa a manutenção e naturalização de ideias que se relacionam com uma realidade social mais ampla. Nesta acepção, Krauspenhar (2020) discorre que nos anos 40 do século passado, a categorização da mulher como bela envolvia outros predicados que lhes garantissem a associação do adjetivo, tão sonhado na época, “para casar”, tais como ser recatada,

prendada, discreta, cuidadora, entre outras. Essa análise reitera que as noções de beleza e feminilidade circulantes são visões construídas socialmente, não se fundando, portanto, em aspectos biológicos ou naturais, e endossa a ideia de que, embora novas formas de se pensar sobre tais questões estejam sendo formadas e disseminadas, ainda se verificam atribuições ao gênero feminino com base em questões essencialistas como sua maior propensão ao trabalho doméstico.

Antes de partir para a discussão dos resultados provenientes do processamento do OpenEvoc, pode ser relevante resgatar, em linhas gerais, alguns pontos que ajudam a sustentar as análises. Primeiramente, cabe lembrar que a análise prototípica, pilar da TNC e um dos métodos mais usuais para caracterização estrutural de uma determinada RS, parte da suposição de que os termos de maior importância são os mais acessíveis à consciência (isto é, são prototípicos), e ao cruzar duas coordenadas de valores altos e baixos, permite que sejam geradas quatro zonas, numa das quais se concentrariam as palavras que provavelmente constituem o núcleo central da RS – as com baixa ordem de evocação e alta frequência, isto é, palavras que foram rapidamente evocadas e por muitas participantes (Wachelke e Wolter, 2011). Neste sentido, é essa organização dos quadrantes que possibilita a inferência dos elementos e de sua relevância nas RS aqui em foco.

Também se entendeu ser importante realçar as características do grupo de mulheres que compõe esse estudo para que os dados sejam contextualizados e adequadamente compreendidos. Compreende-se que esse grupo apresentou características que, em certa medida, podem ter interferido nos achados produzidos<sup>11</sup>. Isso porque, como se viu, as participantes são, majoritariamente, mulheres jovens, com elevada renda mensal e alto grau de escolaridade. De acordo com dados do IBGE (2021),

---

11 Mesmo reconhecendo que a amostra não é estatisticamente expressiva e não se tenha interesse em generalizações dos resultados.

o rendimento médio mensal no Brasil passou de R\$ 1.454 para R\$ 1.353 em 2021. Esse dado demonstra que as mulheres entrevistadas, em sua maioria, não correspondem ao perfil da maior parcela da população brasileira. Em relação à escolaridade, essa distância também se evidencia uma vez que, entre os brasileiros com mais de 25 anos, a maior parte (52,6%) têm apenas até o ensino médio incompleto, e especificamente para as mulheres, a taxa de escolarização é de 34,2% (IBGE, 2021). Aqui, em nossa pesquisa, a maior parte das mulheres jovens são graduadas ou pós-graduadas, o que já indica que são um grupo com maior potencial de acesso a informações e serviços.

A questão da raça também é discrepante da realidade na medida em que o predomínio foi de mulheres autodeclaradas brancas. No Brasil, segundo dados do IBGE (2021), entre mulheres de 15 a 29 anos, 50,3 % se declaram pardas e 39% brancas. Entretanto, no que se refere a orientação sexual, as pesquisadas estão em acordo com o encontrado no Brasil (IBGE 2019), pois 94,8% das mulheres declararam-se heterossexuais e apenas 1,8 homossexuais ou bissexuais.

Tais dados foram realçados também para mostrar o compromisso da presente pesquisa com uma leitura interseccional, que entende gênero de modo articulado a outros marcadores sociais, tais como, raça e classe, e não como categoria autônoma (Krauspenhar, 2020), o que se buscou aprofundar/discutir nos tópicos a seguir. Os subtópicos desse capítulo foram construídos com a intenção de contribuir para o melhor entendimento dos dados, sendo abordados separadamente os conteúdos sobre ser mulher, beleza feminina e corpo feminino. Como se entende que esses objetos estão direta e intimamente interligados, sendo, inclusive, difícil separar suas análises em alguns momentos, propôs-se, ainda, um último subtópico em que se buscou discutir essa interrelação.

## 5.1 – RS de feminilidade para mulheres

O processo de compartilhamento de experiências entre mulheres possibilitou a constatação de que os problemas cotidianos possuíam bases sociais e necessitavam de soluções coletivas, pois através da conscientização sobre a dominação patriarcal é possível indagar sobre a situação de subordinação que muitas mulheres ainda vivenciam (Sardenberg, 2018). A força do patriarcado é inegável e serve de pano de fundo para discursos de exclusão, onde homens detém o poder para o controle dos espaços públicos, como política, trabalho e educação, enquanto as mulheres ficam restritas aos espaços privados, como o âmbito doméstico (Balbinotti, 2018).

A ideia de *força* aparece como central na RS do ser mulher, tendo sido o termo mais prontamente evocado e com maior frequência. Tal ideia, possivelmente, relaciona-se a aspectos subjetivos e a não físicos, uma vez que, como a maioria dos estudos de gênero já apontaram, a força física, de modo geral, é um atributo associado ao homem. Existe uma desigualdade entre as vivências de homens e mulheres de acordo com a forma que foram socializados, principalmente no que se refere aos papéis sociais e estereótipos de gênero (Duarte & Spinelli, 2019). O homem é visto como provedor do lar, que sustenta a família e trabalha fora de casa, sendo esperado posicionamentos relacionados a força, racionalidade e objetividade, enquanto à mulher é destinado concepções de maternal, frágil e meiga (Faria & Nobre, 2007). Para Jesus et. al (2019), as concepções de força, relacionadas aos homens, e de fragilidade, às mulheres, afetam ambos os gêneros, pois a partir desses estereótipos aprendidos ao longo da vida, principalmente na adolescência, os homens possuem maior probabilidade à violência e podem chegar até cometer crimes, como no caso de homicídios.

Os termos *luta* e *guerreira* também se mostraram centrais, compondo o núcleo central da representação desse grupo. Lidos em conjunto, apoiam essa suposição de força

como uma disposição que a mulher precisa ter para enfrentar, para lutar, seja em relação a questões mais práticas/instrumentais, como ser forte (nesse caso, até em termos físicos) para aguentar a sobrecarga de trabalho decorrente da sobreposição dos contextos profissional e doméstico/familiar. De acordo com Monteiro, Araújo e Moreira (2018), mesmo que as mulheres exerçam suas atividades laborais, elas ainda dedicam 25 horas semanais com o cuidado com a casa, enquanto os homens na mesma situação dedicam apenas 9 horas. Do ponto de vista social e econômico, na divisão sexual do trabalho, além das tarefas domésticas serem designadas predominantemente às mulheres, também é considerado um trabalho invisível e sem reconhecimento, ainda que tenham que conciliar esses afazeres com o mercado de trabalho. Logo, o contexto doméstico e familiar ainda é visto como predominantemente da responsabilidade da mulher, seja no que diz respeito à força necessária para lidar com questões culturais, que as colocam em lugar de desconforto, abuso e violência só pelo fato de serem mulheres, como em relações de trabalho, por exemplo (como em nossa sociedade capitalista trabalhar é necessário para a sobrevivência, desde cedo a mulher vai tendo que aprender a ser forte para suportar coisas das quais não poderá escapar). Os significados trazidos pelas participantes para a palavra que consideraram a mais importante dentre as evocadas também auxiliaram nessa interpretação. No caso dessas três palavras mencionadas, o sentido atribuído foi muito próximo, e as explicações giraram em torno da ideia de que esta seria uma característica indispensável para o enfrentamento dos desafios e obstáculos que se impõem às mulheres socialmente, em decorrência do machismo e do patriarcado, ainda predominantes. Ou seja, ser mulher exige força porque as adversidades são muitas e sem ela não é possível vencê-las. Além disso, é preciso força porque os artifícios, muitas vezes, sutilmente utilizados para se perpetuar e difundir ideias de fragilidade e fraqueza feminina e de que há funções para as quais estão “naturalmente” melhor preparadas, são muitos, como por

exemplo, os empregados pelas mídias, propagandas e produções cinematográficas, que retratam uma mulher frágil e indefesa, que precisa ser “cuidada/protegida” pelo homem, reforçando relações assimétricas de poder entre os gêneros (Silva, 2018), que se assentam no binômio dominação masculina x submissão feminina.

Através de ideais explícitos e implícitos, a mídia perpetua a diferenciação dos gêneros em termos de comportamentos e atitudes esperadas por meio de uma “pedagogia cultural”, em que a pluralidade intrínseca aos gêneros não é representada positivamente (Castello, 2020). Desse modo, a mídia é entendida como um transmissor da cultura, construtora de subjetividades e fabricações de padrões danosos, principalmente para as mulheres (Barbosa & Silva, 2016). Por outro lado, Gonzaga (2020) postula que a difusão de frases de base feminista, tais como “*we can do it!*”<sup>12</sup>, podem gerar significações em que a força e potência da mulher são evidenciadas, mostrando-se que ela não é ou precisa ser apenas dona de casa, operária esposa, como predominava em meados do século passado, ou o que querem que ela seja, como ainda certamente ocorre, mas pode ser o que ela quiser, tal como propõem discursos mais atuais, alcançando os mesmos direitos políticos, sexuais, econômicos e reprodutivos que os homens. Os elementos centrais da RS de feminilidade encontrados aqui parecem indicar que as participantes compartilham dessa compreensão e entendem que a mulher possui força ou precisa possuir para lutar contra as opressões sofridas. A força que alguns movimentos sociais, como o feminismo, ganharam ao longo do tempo, criam possibilidades de enfrentamento em relações a muitas opressões vividas, principalmente no que se refere aos padrões designados aos corpos femininos (Medeiros, 2020).

O recorte racial mostrou-se relevante no que diz respeito ao entendimento da presença do vocábulo *guerreira* no núcleo central. Ainda que a frequência de

---

12 Tradução da expressão: “nós podemos fazer isso!”

participantes negras não tenha sido alta e assim, não possa ser associada a elevada ocorrência do termo, é importante considerar que discursos sobre diferentes grupos sociais (produzidos por eles ou sobre eles) circulam na sociedade como um todo, podendo ser adaptados e apropriados em diversos contextos; sendo as mulheres, assim como os negros, entendidas como partes de grupo socialmente minoritário e oprimido, a adoção do termo seria facilmente compreensível. Além disso, mulheres negras exprimem essa dupla condição (de gênero e raça), a qual se soma ainda, geralmente, a de classe. Essa ideia corrobora considerações de Souza e Caixeta (2022) quando dizem que as mulheres negras geralmente são vistas como “guerreiras” quando são associadas à classe social, em que conotações como “humildes” e “sofridas” formam uma imagem em que o cansaço e fragilidade não podem aparecer.

Luz e Paim (2020) enfatizam as opressões sociais sofridas por mulheres negras e como as mesmas acabam sendo, muitas vezes, reduzidas somente às suas lutas, como por exemplo, por meio de frases como “*A mulher negra é forte e guerreira*”. O que acontece, portanto, é uma espécie de menosprezo dos problemas enfrentados por esse grupo de mulheres, que por ser visto como forte, suporta violências sem fraquejar, enfrentando “guerras” nas quais o cansaço físico e mental, por exemplo, não são justificáveis (Souza, 2021).

Como as mulheres precisam ser *fortes, guerreiras e lutadoras* (ideia central sobre a qual a RS pareceu se estruturar aqui), subentende-se que há um contexto a ser combatido, enfrentado ou vencido. Para Castro (2021), esse contexto de opressões é estudado há muitos anos, principalmente para que haja uma compreensão dos crimes cometidos contra as mulheres com base nesse sistema que as oprime, como no contexto familiar/privado, por exemplo, em que o homem era (em algumas regiões ainda é) considerado o chefe da família e a mulher, quem recebe ordens e obedece. É ao homem

que sempre se destinou atributos como força, autoridade, poder, controle, posse e virilidade, enquanto a mulher era, em geral, vinculada à emoção, submissão e passividade (Balbinotti, 2018). Essa imagem da mulher, construída socialmente, ganhou força por vários meios e o conto popular é um exemplo neste sentido. É comum que mulheres não sejam totalmente apagadas das histórias, porém, seu protagonismo é ofuscado pela presença de outros atores com funções heroicas e gloriosas: os príncipes. Essa constituição não se dá de forma despreziosa e aleatória, mas possui planejamentos de bases sociais, culturais e políticas (Segabinazi & Macêdo, 2021).

Aspectos relacionados às mulheres ao longo do tempo e naturalizados, como ser frágil e submissa, realizar tarefas específicas (como as domésticas) e ter funções determinadas (como ter e criar filhos/ cuidar), ainda podem ser visualizadas na atualidade (Krauspenhar, 2020), claro que não com a mesma expressão, e vários estudos encontraram indícios dessa presença mesmo em nossos dias. Para Dornelas (2019), historicamente os homens são vistos como guerreiros, ao passo que as mulheres são vistas como domésticas e com funções reprodutivas. Entretanto, esses papéis de gênero ainda são reforçados ao vermos as mulheres como “supermulher”, que cuida não só da família e das atividades laborais, mas também ainda ocupam o lugar de realizarem os trabalhos domésticos.

Contudo, o que mais chamou a atenção foi o fato de tais elementos não terem se mostrado centrais na definição da identidade feminina para esse grupo investigado, o que supomos que pode ter relação com o contexto atual, que é herdeiro de lutas feministas (e de várias outras), além dos aspectos já ressaltados acerca do nível de escolaridade e socioeconômico da maioria das participantes. Como apontam Tenório e Souza (2020), somente por meio da educação que existe a possibilidade de mudança cultural e de ruptura da história marcada por racismo, exclusão social, machismo, dentre tantas outras formas

de preconceito. O movimento feminista, portanto, têm-se mostrado efetivo frente a essas mudanças, uma vez que visa a caracterização das mulheres como agentes ativos de transformações sociais, com o propósito de superação das dominações capitalistas, racistas, homofóbicas e patriarcais (Silva e Franco, 2021).

No segundo quadrante da tabela com os elementos das RS de ser mulher (Tabela 2) apareceram os vocábulos *feminilidade*, *beleza*, *coragem* e *maternidade*, os quais apresentam conexões com o núcleo central, mesmo que não tenham sido evocadas tão prontamente. Mesmo abarcando também o termo *coragem*, foi possível notar que muitas mulheres ainda perceberam o “*ser mulher*” associado a noções tradicionalmente associadas ao feminino, como as de ser mãe, visto como central na identidade feminina até muito recentemente. Inclusive, podem ser encontradas diversas pesquisas sobre gênero e maternidade da última década que explicitam essa ideia da maternidade como oâmago do destino feminino. Ainda que muitos avanços tenham sido adquiridos no que diz respeito à igualdade de gêneros, a maternidade continua demonstrando-se como obrigatória, uma forma de opressão e controle social. Atualmente ela ainda é vista como uma forma de obtenção de valorização perante a sociedade (Carvalho, Schiavon & Sacco, 2018). Para César, Loures & Andrade (2019), todas as mulheres irão pensar sobre a maternidade em algum estágio da vida porque é uma questão que se tornou compulsória, seja por pressão social, cultural ou histórica. Essa cobrança gera culpa, seja por aquelas que não querem passar pela maternidade, desviando-se do que é esperado do feminino, seja por aquelas que desejam, mas tem medo de como será essa experiência que é tão cobrada e criticada socialmente.

Na sociedade brasileira, bastante caracterizada pelo sexismo, a concepção de gerar um filho ainda é diretamente ligada as noções de feminilidade e a suas performances, resultando em comportamentos e emoções esperadas e desejáveis a serem apresentadas

pelas mulheres. A construção das emoções femininas é baseada na prioridade dos outros em detrimento de seus próprios desejos e anseios (Zanello et. al, 2022).

Valendo-se de literatura atual para buscar contextualizar os resultados do presente estudo e ajudar a interpretá-los, cita-se o estudo de Cavalcante, Chagas e Lustosa (2021), que postulou que um tema central sobre a maternidade é que, geralmente, ela é entendida como instinto feminino porque é da natureza biológica da mulher parir e gerar. Porém, os autores destacaram ainda, a partir do relato das mães entrevistadas, que revelaram perda de autonomia e sobrecarregadas a partir do nascimento dos filhos, principalmente quando não tem apoio dos pais da criança ou uma rede de apoio consolidada, que é necessário *coragem* para denunciar as mazelas decorrentes da chegada e criação de um filho. Essa realidade se agrava quando se pensa em mães divorciadas, em que o sentimento de sobrecarga se intensifica pela falta de apoio para cuidar dos filhos, do lar, do trabalho laboral e, sobretudo, pela ausência do pai e diminuição da renda, refletindo um aumento de responsabilidades e tarefas após o divórcio. Para essas mulheres, os sentimentos de solidão, tristeza e inseguranças são comuns e refletem suas realidades cotidianas (Pereira & Leitão, 2020). Tal ideia, assim, trouxe pistas de que *maternidade e coragem* estariam fortemente associadas a noção de “*Ser mulher*” das participantes, mostrando-se em conexão com o conteúdo central de *força e luta*.

Para Paula et al. (2018), ainda que as mulheres contemporâneas com seus múltiplos papéis sociais tenham escolhido postergar a decisão de ser mãe, muitas sofrem com essa opção pela maternidade tardia, pois mesmo que não tenham recusado esse papel materno (apenas adiado), vivem o dilema entre o prazer e o sofrimento, entre conquistar o mercado de trabalho e não darem conta de se dedicar à família. Entretanto, ainda que as mulheres passem pela experiência de sofrimento para transformação do pensamento de que nasceram exclusivamente para a maternidade, elas estão buscando se desvincular

de papéis impostos socialmente, com a coragem de almejar novas possibilidades e escolhas. Neste sentido, a maternidade estaria adquirindo, atualmente, diferentes demarcações (Braga, Miranda & Correio, 2018).

A presença das noções de *beleza e feminilidade* também foram entendidas como apontando na direção de significações culturais fortemente arraigadas. Vale dizer que feminilidade foi compreendida com base no uso que socialmente se faz desse termo, ou seja, remetendo a diversos atributos/aspectos tradicionalmente associados ao gênero feminino, tais como delicadeza, fragilidade, docilidade, ente outros (ser mulher é ser feminina, ter atributos femininos, no caso, os entendidos como essenciais/naturais). Para Castello (2020), as representações de feminilidade e beleza se relacionam e se fazem presente na sociedade para ditar o que é aceito e desejado pelas mulheres. O domínio estético visa educar as mulheres a terem cuidado com seus corpos que precisam ser jovens e saudáveis, apresentando a relação saúde-beleza como o caminho possível de se encontrar a felicidade (Nunes, 2008). Além disso, a beleza em muitos contextos acaba sendo associada a noção de feminilidade, indo além aspectos físicos. Não é suficiente ser considerada bonita, é preciso ter condição de realizar a manutenção dessa beleza através de academias, procedimentos estéticos em todas as partes do corpo e ir à salões de beleza, entretanto, esses padrões podem ser destrutivos e irreversíveis (Ribeiro & Madureira, 2021).

Em relação a zona de contraste (terceiro quadrante), que delimita uma perspectiva mais individual de elevada importância (mesmo com frequência mais baixa), as palavras enfatizaram variados aspectos. Com o propósito de melhorar a apresentação da análise dessa zona e sintetizá-la com base em ideias centrais, a mesma foi dividida em dois conjuntos aparentemente contraditórios em um primeiro momento, mas que depois pareceram estabelecer uma relação de causa e consequência. O primeiro, relativo ao

*sofrimento* contido no ser mulher, foi entendido como sintetizando as palavras *dor*, *fragilidade*, *perigo*, *desigualdade* e *machismo*, e representaria peso sobre o feminino frente a uma sociedade de bases patriarcais. Até mesmo em situações sanitárias, como por exemplo, pandemias, as mulheres parecem ser desfavorecidas por conta da desigualdade de gênero. Nesta acepção, Barroso e Gama (2021) afirmaram que gênero, raça, renda e territórios podem ser entendidos como encarregados por colocarem as mulheres, principalmente as pobres, como grupos mais afetados pela pandemia mundial do coronavírus, iniciada no início de 2020, contexto em que também se deu a coleta de dados da presente investigação.

Melo e Soeiro (2020) entendem que, ainda que a potência da mulher como agente transformador seja dificultado pelas condições de gênero a que estão submetidas, uma vez que os valores estéticos e éticos são criados para fortalecer a manutenção do patriarcado, essa realidade pode ser modificada a partir da criação de condições propícias ao empoderamento. Tais considerações jogam luz sobre o outro conjunto de termos dessa zona de contraste que, com palavras como *dedicação*, *garra*, *construção*, *potência*, *feminismo* e *livre*, foi interpretada como tratando da *potência* feminina. O termo *dedicação* também pode ser entendido no âmbito da maternidade, em que muitas mulheres relatam a necessidade de se dedicar integralmente ao filho, mas com sentimento de insegurança e medo de não conseguir realizar tudo que é esperado de uma mãe, como cuidar da casa, das tarefas domésticas e, sobretudo, da criança (Cunha, Eroles & Resende, 2020). Uma pesquisa realizada por Paiva et. al (2020) demonstrou que as mulheres, em meio ao sofrimento, são capazes de subverter tal condição por meio do “sofrimento criativo”, ressignificando suas realidades e atuando como agentes de transformações sociais, o que demonstra as possibilidades que as mulheres entendem possuir para reivindicar seus direitos.

O *feminismo*, que foi evocado e incluído nesse conjunto, abrange movimentos que se propõem à subversão da lógica dominante, principalmente no que se refere aos direitos das mulheres (Vigano & Laffin, 2019). Ao analisar o contexto social atual, é inegável a participação do feminismo no combate aos estereótipos e designação de funções específicas às mulheres. Logo, visavam e continuam visando contribuir para a *construção* e difusão de ideias em que ser mulher é ser *livre* das amarras do machismo e patriarcado.

O quarto quadrante ou segunda periferia, reúne os termos mais distantes do NC e os menos citados pelas participantes. Palavras como *desafio*, *resistência*, *sobrecarga*, *violência*, *opressão*, *trabalho* e *cobrança* reforçam, todas elas, em alguma medida, entendimentos já expostos sobre outros elementos da RS de feminilidade, embora em alguns casos possam estar apontando especificidades. Interessante notar que as palavras *sobrecarga*, *trabalho* e *cobrança* foram agrupadas aqui e podem remeter a um contexto específico de *opressão* feminina que é o do trabalho doméstico não remunerado, que é composto por atividades realizadas dentro dos lares a partir de cuidados com a limpeza, organização e refeições, que são tradicionalmente ensinadas para as próximas gerações da família. Na divisão sexual do trabalho é função da mulher exercer todas essas atividades, pois está destinada ao âmbito reprodutivo e dos afazeres não remunerados (Jesus, 2018).

Souza e Machado (2021) discorrem sobre a sobrecarga de trabalho que se intensificou após a pandemia do Covid-19. Para as autoras, a nova configuração de trabalho, o *home office*, naturalizou e intensificou a cobrança e sobrecarga que as mulheres são subordinadas, pois precisam lidar com diversas outras questões além do espaço “extra-casa”, configurando um *desafio* para a gestão do “espaço-tempo”, fator que também pode ter tido influência no caso das entrevistadas desta pesquisa, uma vez que a

maioria se encontrava ativa no mercado de trabalho e, possivelmente, vivenciou a necessidade dessa conciliação.

Entretanto, apesar de todo o contexto de dominação e exploração confirmado pelos conteúdos trazidos pelas participantes, não se pode perder de vista que foram identificados elementos centrais que indicam ser possível emergir mudanças mesmo após anos de silenciamento. Legitimar as lutas de gênero através de campanhas, meios de comunicações, mídias e movimentos feministas que proponham mudanças frente a uma sociedade historicamente machista se mostra um caminho válido (Nery, 2021). Uma vez que as mulheres são definidas como frágeis, interesseiras e loucas, ocorre a aniquilação de suas potências como agentes sociais transformadores, por isso é necessário que ocorra uma transformação na visão sobre as vidas femininas, para que não fiquemos presas no passado com um olhar generalista do patriarcado e do colonialismo. Se não dermos força para outras interpretações que visem a multiplicidade das relações, cairemos em premissas que evidenciam certa “condição humana” que não leva em consideração o contexto histórico de construções sociais de subordinação feminina (Oliveira, 2021).

## **5.2 - RS de beleza feminina**

Propusemo-nos a analisar nessa subseção o conteúdo e a estrutura da RS de beleza feminina (“mulher bonita”), pois, há várias décadas, o “culto ao corpo” é vigente nas sociedades e se consolida até os dias atuais, sendo o padrão de beleza aceitável caracterizado por um corpo magro e tonificado (Silva, 2020), o que impacta também (ou mais) o público feminino. De acordo com Reis (2022), os rituais de beleza começam logo após o nascimento das mulheres e consolidam-se por meio das roupas, cores e brinquedos, diferenciando-se dos meninos para propagar funções e restrições específicas. Esses costumes orientam a vida das mulheres desde o nascimento e ganham força com o passar

dos anos através da cultura, crenças e costumes. Esse cenário possivelmente justifica os elementos encontrados no núcleo central, *Magra, Padrão e Corpo*, que explicitam que as mulheres são definidas como belas ou não com base nos ideais circulantes na sociedade da qual fazem parte – no caso da brasileira, sobre peso e forma corporal feminina.

Para Siqueira, Gomes e Chaves (2021), as mulheres se subordinam a tais imperativos sociais para serem aceitas, e o discurso midiático acaba reforçando essa premissa ao perpetuar a possibilidade de aceitação por meio de um corpo ideal: branco, alto, de cabelos lisos e longos e, sobretudo, magro. O sistema capitalista também tem um importante papel frente a tal ideia, pois fomenta o culto ao corpo a partir da lógica do consumo, como os de vestuários da moda, medicamentos para perder peso, cosméticos, cirurgias plásticas, entre outros (Silva, 2001), validando um corpo que é magro e dentro de padrões impostos historicamente. A ideia de “perfectibilidade” é vendida de diferentes formas para as mulheres, e vai mudando ao longo do tempo – antigamente, o uso do espartilho, por exemplo, que afinava a cintura e elevava o busto, era uma regra social, apesar dos males físicos (para não dizer, tortura) que causava (Reis, 2022). Tal ideia ainda se perpetua na sociedade atual, em que o padrão disseminado é o europeu, isto é: mulheres magras, com cabelos loiros e lisos. Logo, a variabilidade de características físicas das mulheres brasileiras parece não se adequar totalmente a essas exigências propagadas pelas mídias (Delgado et. al, 2021).

A pesquisa recente de Siqueira (2021) afirma que, devido ao processo de colonização, a mulher negra, por exemplo, foi submetida a um certo tipo de padrão de beleza. O volume de seus lábios, os tons da pele, o formato do nariz e as curvas dos cabelos foram considerados desagradáveis frente ao que era considerado um padrão a ser alcançado, logo, as marcas da negritude foram e ainda são desprezadas pelas raízes patriarcais, majoritariamente, brancas, que incentivam mulheres negras a abandonarem

ou modificarem suas individualidades raciais. De acordo com essa perspectiva, Siqueira (2020) aponta a dominação dos corpos negros por armadilhas capitalistas e patriarcais de maioria branca. Para a autora, quanto mais se vende produtos destinados a essas mulheres alterarem suas características genuínas, sentindo-se inadequadas, feias e insatisfeitas com seus próprios corpos, maiores são os esforços para alcançar o padrão inatingível. Entretanto, ainda que esse cenário de preconceitos se mantenha, as mulheres negras tem demonstrado subversões a essas lógicas vigentes, onde através da transição capilar, por exemplo (abandonar procedimentos que alisam os cachos), elas se descobrem em outras possibilidades e memórias, permitindo-se a perceber uma “identidade negra” a partir do seu corpo que possui características negras (Gomes, 2020).

Ao pensarmos sobre os corpos femininos, o debate sobre a gordofobia também se mostra indispensável, principalmente pela predominância do discurso disseminado de que um corpo saudável é um corpo magro, o que dificulta o reconhecimento da luta contra a essa forma discriminação. Em meios digitais essa situação se agrava, uma vez que constantemente existem alegações de que as críticas sobre a gordofobia não são plausíveis. Além disso, os corpos gordos são alvos de intervenções médicas e farmacêuticas, que muitas vezes disseminam a ideia de que a obesidade é resultado da ausência de força de vontade para mudar características atuais (Penas & Germano, 2021). A expressão “gordofobia” foi difundida por feministas entre os séculos XX e XXI para defender os direitos das mulheres, que visam liberdade, sem imposições corporais (Souza e Vasconcelos, 2021), mas existe a influência de paradigmas sociais que demarcam o que é perfeito e aceitável em relação aos corpos, principalmente em relação aos femininos. É persistente a ideia que uma mulher bonita e elegante é a magra que se encaixa nos padrões, não as gordas (Vasconcelos, Sudo & Sudo, 2004).

Esses estereótipos, que são estruturais e culturais, preveem julgamentos através da desvalorização e humilhação, e se mantêm culturalmente por uma relação de poder que é disfarçada de cuidado com a saúde e beleza. Entretanto, geram exclusão e reforçam preconceitos, onde as mulheres caem nessa própria lógica e estabelecem relações de poder entre si, almejando atingir o padrão de beleza ideal (Jimenez, 2018). Logo, é imprescindível que se atente para a presença desses estereótipos, confirmados, aqui pelos elementos identificadas no núcleo central da RS.

Os termos que se apresentaram no núcleo central dessa RS reforçam o imaginário social tradicional, que associa beleza a um determinado padrão corporal, endossando o estereótipo da magreza e perfeição, e sem realçar a ideia da diversidade de corpos e belezas brasileiras. Para a maioria das participantes dessa pesquisa, a imposição da magreza é algo negativo e imposto socialmente, em que para ser bem vista é necessário ser magra e se adequar aos padrões estéticos difundidos para não ser alvo de críticas e preconceitos. De todo modo, tornam-se necessárias políticas que desconstruam essas ideologias patriarcais, racistas e excludentes, que objetivam o lucro e esvaziam discursos que visem o empoderamento feminino (Siqueira, 2021).

No segundo quadrante, estão dispostos os termos *Cabelo*, *Sorridente* e *Cuidada* os quais guardam relação com os elementos que sustentam a RS, uma vez que reforçam características físicas e subjetivas valorizadas na mulher. A palavra *cuidada* pode ser lida a partir da ideia que mesmo não se achando bonita e dentro dos padrões estéticos, a mulher pode e deve se cuidar como um artifício de encontrar aceitação social. Os cuidados com a aparência visam, assim uma aproximação ao ideal a partir dos cosméticos, moda e cirurgias plásticas, intensificando a busca pela aparência perfeita e aumentando o consumo, pois o “monitoramento” da beleza não tem fim, a preocupação com a beleza é constante (Strehlau, Claro e Neto, 2014), fator importante para o capitalismo.

Especificamente sobre o termo *Cabelo*, apesar deste indicar num primeiro momento um aspecto físico de beleza (é a “moldura do rosto”, como popularmente dizem), é necessário problematizar que tipo de cabelo é considerado bonito e desejável em nossa realidade. Historicamente, os cabelos cacheados e crespos sempre implicaram enquadramento em “padrões”, ou seja, era necessário um cabelo liso para que as mulheres negras sejam “heterossexualmente desejadas” dentro da cultura patriarcal e racista (Coelho e Mendonça, 2020). Atualmente, o feminismo negro tem utilizado discursos de empoderamento e propondo estratégias coletivas para suas causas (Mesquita, Teixeira & Silva, 2019), como é o caso da transição capilar, que devido a muitas lutas das feministas negras teve um “boom” nos últimos anos, em que as mulheres resgatam a textura natural dos seus cabelos e se orgulham disso (Mendes e Mota, 2021). Entretanto, apesar de podermos ver na atualidade mudanças em relação a avaliação que se faz dessa questão, com a incorporação da visão do cabelo crespo/cacheado como belo e motivo de orgulho, inclusive com uma indústria de cosméticos e beleza voltadas para esse público específico, não houve uma transformação radical neste sentido, pois as mulheres negras ainda são submetidas a padrões mesmo em um discurso de empoderamento. O que é retratado na mídia sobre cabelos crespos continuam reproduzindo velhas formas de subordinação, onde a imagem da modelo magra e com cachos de curvaturas perfeitas é vendida como meta a ser alcançada, desconsiderando outros formatos de corpos e texturas de cabelos (Mendes e Mota, 2021).

Na zona de contraste, algumas palavras contidas trouxeram um contexto de discussão próximo ao anterior, tais como *branca*, *e loira*, que vão ao encontro dos estereótipos de beleza de base tradicional europeia; o termo *gostosa*, embora também faça referência a características corporais/físicas, está mais relacionado ao estereótipo da brasileira, mais especificamente da mulher negra, da “mulata”, que tem curvas, volume,

não necessariamente dentro do padrão de magreza, mas evocando a ideia de sensualidade. Esse cenário reforça os estereótipos vigentes, em que a mulher negra e sua sexualidade são vistas como objetos associados à cultura racista que naturaliza opressões reproduzidas (Teixeira e Queiroz, 2017).

Já o termo machismo pode ser associado mais à questão da opressão dos corpos femininos. De acordo com Furman e Mafra (2020), o sexismo e o machismo são propagados socialmente através das propagandas de cerveja, por exemplo, que afirmam que as brasileiras possuem um padrão “ideal” e são de fácil acesso no que se refere ao sexo, sendo o Brasil um país de “gostasas” e “submissas” prontas para a dominação masculina. Assim sendo, não basta apenas que as mulheres reivindiquem a liberdade sobre os corpos, que são subordinados pelo machismo, mas desenvolver permanentes estratégias que não alienem os corpos, o trabalho e a vida feminina como um todo (Costa, 2018).

O quarto quadrante reúne os termos mais distantes do NC e os menos citados pelas participantes e se constituiu de palavras que podem ser entendidas em com base em dois conjuntos de ideias. 1- *Vaidade, Maquiada, Arrumada, Beleza, Feminilidade e Estética* e 2- *Objeto*. No primeiro conjunto, identifica-se uma ideia de cuidados pessoais a partir da estética; para ser considerada bela, a mulher pode recorrer a maquiagens, acessórios, etc., ou seja, é importante que se cuide, se arrume, que seja vaidosa, pois só assim pode se aproximar de uma beleza que é própria do feminino (ideia de que uma mulher bonita dever ser “feminina”). Cabral et. al, (2020) afirmam que os cuidados pessoais, a vaidade, a beleza e os cuidados com o próprio corpo podem auxiliar na elevação de autoestima das mulheres. Não se deve deixar de discutir, porém, o preço que muitas mulheres se dispõem a pagar nesse sentido e o fator que motiva tais cuidados que as fazem se sentirem melhor.

O termo *Objeto*, presente nesta mesma zona, demonstrar como as mulheres muitas vezes se percebem na sociedade. Para Silva e Ferreira (2019), a ordem conservadora se estabelece desde a chegada dos portugueses com a tomada de territórios indígenas e escravização desses povos originários. As conquistas, construções, leis e cidades foram formadas sob a ordem do patriarcado e se perpetuam até os dias atuais, contribuindo para as mulheres serem vistas como meros objetos “coisificados” para dominação masculina.

Interessante destacar que alguns termos desse quarto quadrante estão ancorados em ideias que fogem aos padrões tradicionais/patriarcais propostos para o feminino, sendo eles: *Livre, Feliz, Independente, Aceitação, Espontânea e Natural*. Muitos movimentos sociais podem ser relacionados com as palavras, pois reivindicam os direitos das mulheres em amplos aspectos. O movimento *Plus Size* pode ser um exemplo desses movimentos, uma vez que relaciona aspectos de liberdade, aceitação e felicidade com o corpo, buscando a inclusão de variadas características e tamanhos corporais, além de discutir sobre a segregação que ocorre a partir de estereótipos impostos, principalmente por meio da televisão, internet e revistas (Nechar, 2018). Além disso, muitos movimentos feministas vinculam a ideia de as mulheres serem independentes e espontâneas, para agir com liberdade e naturalidade, seja através dos corpos ou comportamentos. Esse cenário pode ser analisado através da pesquisa de Caetano (2018), que analisou o movimento “Luta das Vadias”, onde os cartazes utilizados chamaram bastante atenção com frases como “nossas correntes podem não serem as mesmas, mas não serei liberta enquanto todas não estiverem”, assim como “Não serei livre enquanto alguma mulher for prisioneira, mesmo que as correntes dela sejam diferentes das minhas”, demonstram o cunho feminista que é plural para servir de resistência na luta contra o patriarcado. Logo, de acordo com Siqueira (2021), é necessário e urgente a criação e difusão de estratégias para subverter a lógica machista e capitalista que colonizam os corpos e os enquadram

em padrões eurocêntricos, desconsiderando a pluralidade feminina existente, sobretudo no Brasil. Uma possibilidade de mudança frente a esse cenário encontra-se na interseccionalidade e decolonialidade, considerando o gênero, raça e classe. Assim sendo, os estigmas femininos podem ser repensados e a análise de evocações para “mulher bonita” se diferenciem da presente pesquisa.

### **5-3- RS de corpo feminino para mulheres**

A sexualização dos corpos, sobretudo o feminino, é tão naturalizada na sociedade brasileira que, habitualmente, não paramos para questionar sobre determinadas imposições/usos, as vezes explícitos em propagandas, por exemplo, que objetificam /sexualizam o corpo feminino, tal como se vê em publicidade de perfumes, cervejas, cosméticos, dentre outros (Costa, 2018). Identificar como as próprias mulheres pensam e agem sobre seus corpos, ou seja, as RS de corpo feminino, foi o que se buscou verificar a partir do termo “corpo feminino”.

De início, foi possível perceber que a compreensão das respondentes sobre corpo feminino se sustenta em uma lógica mais tradicional, com a evocação de aspectos físicos comumente associados aos corpos das mulheres até por indicarem uma diferença perceptível visualmente em relação ao masculino (*seios* maiores, corpo com *curvas*). A questão da *magreza*, já discutida em relação aos dois objetos anteriores, também ressaltou um aspecto condizente com a lógica social dominante, que é a do corpo *magro*, por ser a personificação do sucesso das mulheres através do ideal de beleza permeado pela cultura (Gois & Faria, 2021).

Sobre o primeiro aspecto observado, entende-se que as mulheres não são imunes ao contexto sociocultural. A promoção de atributos como tipicamente femininos ou masculinos se dá o tempo todo, em praticamente todos os espaços e de várias maneiras,

seja na família, na escola, na religião, nos meios de comunicação. Valentin, Procópio e Fonseca (2018) apontam a significativa responsabilidade das campanhas publicitárias na difusão de estereótipos femininos, onde o que é predominante são características físicas como: cor da pele branca, seios fartos, magras e geralmente loiras, reforçando, inclusive, a magreza como um atributo sensual. As autoras trazem o recorte das campanhas de cerveja, em que os corpos são mostrados como objetos para a satisfação de consumo do público masculino. Os achados da pesquisa realizada por Lima, Antunes e Pereira (2018) sobre a representação feminina das princesas dos filmes da Disney apontaram a necessidade de mudança quanto aos corpos das princesas retratadas, expondo variações de altura, peso e cor de pele. Segundo os autores, as participantes disseram se identificar com uma princesa negra de um filme pela sua cor de pele, mas que se incomodava pelas personagens negras sempre estarem representadas por camadas mais humildes da sociedade, visando o casamento com o príncipe rico.

Para Pinho e Prudente (2021), as redes sociais, por meio das comparações entre corpos, também exercem extrema influência sobre as mulheres, criando subjetividades e reforçando a ditadura dos padrões de beleza. Além disso, mesmo as mulheres que são consideradas como dentro do “padrão” pela sociedade, também acabam sofrendo com as comparações entre corpos reais e ideais, sentindo que ainda não atingiram a estética perfeita, desejada, acarretando constantes sentimentos de falta. Para os autores, vivenciamos a chamada “era digital”, contexto que afeta as mulheres de modo geral e pode explicar em parte, inclusive, as participantes da presente pesquisa terem abordado aspectos físicos para caracterizarem os corpos femininos. Ainda na perspectiva das redes sociais, as influenciadoras digitais possuem grande poder sobre as mulheres ao falarem de beleza, moda *fitness*, maquiagens e padrões heteronormativos. Destaca-se que a maioria das influenciadoras que abordam esses conteúdos são de corpo magro, nariz fino

e pele clara, e atuam realizando propagandas de produtos visando lucro e fortalecendo o capitalismo (Yunes, Rosa e Taschetto, 2019). Entretanto, ainda que muitas personalidades da internet ainda reproduzam essas opressões, é crescente o número de mulheres que subvertem essa lógica nos meios digitais, com disseminação de discursos que vão na contramão da objetificação e padrões de beleza. Uma tendência que está ganhando força na internet é o “body positive”, em que as mulheres são fortalecidas a validarem suas características físicas e naturais, afastando-se do medo de serem excluídas ou alvos de preconceitos (Pereira, 2021).

Os elementos do segundo quadrante (*Bunda, Cabelos e Padrão*), que são importantes para a RS, ressaltam os aspectos físicos das mulheres associados ao feminino, como aconteceu no núcleo central. Analisando o contexto social atual, é imprescindível entendermos sobre o uso das redes sociais por mulheres. Para Faria (2020), a nova pandemia de Covid-19 trouxe consequências para a percepção da autoimagem dessas mulheres através das redes sociais, postulando que estudos sobre essa temática ainda são escassos, mas que o aumento do uso das redes sociais no período de isolamento influencia nessas percepções corporais, além dos quadros de depressão e ansiedade estarem interligados com problemas de saúde, como compulsão alimentar, que intensificam a distorção da imagem que as mulheres possuem de si mesmas. Aposto a essa questão, os transtornos alimentares são identificados como uma perturbação alimentar e nos comportamentos associados, como restrições na alimentação com a finalidade de perder pesos e medidas, atividades físicas em excesso, assim como uso de inibidores de apetite (Pina et. al, 2018).

A zona de contraste apresentou elevada variação de termos, que de modo geral, traduzem quatro aspectos principais: 1- *Esbelto e Sarado*, possivelmente fazem alusão ao que é valorizado socialmente, principalmente para as mulheres – que é corpo cuidado,

malhado, definido; 2- *Gorda, estrias, julgado*, remetem às opressões corporais, em que no corpo perfeito não existe lugar para essas questões destoantes, sendo alvos de julgamentos. 3- *Diferenças*, rompe com a ideia de um único padrão aceito que desconsidera as pluralidades e variações de características femininas e 4- Poder, destaca que as mulheres tem a possibilidade de reconhecerem o poder de seus próprios corpos e se empoderar das suas experiências. Sobre o primeiro aspecto (questão do corpo sarado esbelto), Crestani (2021) encontrou como um dos pontos de sua pesquisa, que no meio artístico, as mulheres são muito cobradas em relação ao corpo. Uma de suas participantes relatou que há uma preferência por mulheres saradas, magras, que “não está sobrando nada”, demonstrando que o padrão tradicional de corpos magros ainda se perpetuam. Em relação ao segundo aspecto, essas formas de dominação se mantêm. Teles, Medeiros e Maynard (2020), afirmam que as mulheres estão em constante conflito e a insatisfação com o próprio corpo é vista até mesmo em mulheres de peso “normal”, e caracterizam essa realidade como “descontentamento normativo”, ou seja, a crença que quanto mais peso se perde, mais bonita se fica. Para os autores, essa problemática é intensificada a partir do discurso de que só não alcança o corpo dos sonhos quem não se esforça como deveria. Logo, para alcançarem o ideal de corpos sensuais, sarados e esbeltos, como elencados para algumas participantes, muitas meninas submetem-se a restrições alimentares devido a obsessão pela perda de peso e um corpo aceito. Várias são as estratégias para alcançar esse objetivo e não serem alvos de julgamentos, como excesso de atividades físicas, cirurgias plásticas, uso de tratamento de fotos pelo photoshop, restrição de doces, dentre outros. Os grupos mais afetados por essas questões são as adolescentes, que consomem muitos conteúdos de redes sociais e ainda não possuem, de modo geral, elevado senso crítico para avaliarem esses comportamentos (Lopes e Trajano, 2021).

Entretanto, o terceiro e o quarto aspectos (*diferenças e poder*) representam um contraponto frente as subordinações vistas nos dois primeiros aspectos, valorizando as diferenças e apostando no poder que as mulheres possuem. A raiz do problema da subordinação dos gêneros está nas diferenças que foram postas como naturais e biológicas, colocando as mulheres em uma posição de dependência e inferioridade (Ferrari, 2016), entretanto, atualmente essa lógica está se transformando e as mulheres estão com um olhar positivo sobre essas diferenças, principalmente no que tange o empoderamento, que para Louzada (2019), é, além da conquista por espaço social e cultural, uma forma das mulheres poderem se expressar livremente, cada qual a sua maneira.

Para o quarto quadrante, abarcou-se uma heterogeneidade de termos que, embora tenham sido pouco citados pelas participantes, trazem ideias relevantes para a análise sobre as representações de corpo feminino como um todo. Algumas palavras evocadas, como *Vagina* e *Útero* refletem o peso da perspectiva biológica e vão na contramão de outras vivências, como as das mulheres transexuais. Essa realidade se instaura porque, segundo Pfeil (2020), existe escassez de leis sobre as violências sofridas pelas “identidades T”, assim como do seu não reconhecimento, além de as autoridades reforçarem o sistema que exclui corpos não normativos e reduz pessoas trans à prostituição e violência. Para o autor, falar sobre as transidentidades é pensar além da identificação com certo gênero, pois, com o tempo, essa questão se tornou uma cultura marginal, que precisa lutar pela liberdade e direito de existência desses indivíduos. Para isso, ONGs foram criadas, principalmente por pessoas trans, para servirem de resistência à patologização desses corpos. Serrano et al. (2019) afirma que pessoas transexuais buscam a construção de suas identidades e possuem especificidades em relação às identificações cisgênero. Elas podem se revelar de forma direta, com a prática regular de

atividade física, uso de hormônios ou submissões a cirurgias plásticas ou indiretas, com o uso de determinado vestuário, corte de cabelo e até mesmo acessórios. Logo, assim como muitas mulheres que se submetem a opressões de gênero tão prejudiciais, entendemos que pessoas transexuais subordinam-se a essas mesmas performances para serem aceitas socialmente e terem suas existências validadas. Na busca pela performance de gênero, além das questões já citadas, para os homens trans é rotineiro o uso de faixas que escondem os seios (blindings) e para as mulheres trans a utilização de unhas artificiais ou modificações diretas como o implante de silicone (Serrano et. al, 2019).

Ainda nesse quadrante foram identificadas as palavras *Dor* e *Violência*. A dor pode ser entendida a partir de uma leitura sobre os aspectos biológicos nas experiências de ser mulher, como dor do parto, puerpério e cólicas menstruais, além de tristezas subjetivas por ser mulher, inclusive mulheres trans frente aos estereótipos e o enfrentamento de todas as formas de opressões sociais. Em sua pesquisa, focada mais na dor do ponto de vista físico, Firmino et. al (2020) buscaram compreender as percepções de mães frente as questões relativas ao parto e os resultados encontrados foram significados negativos referentes a dor, como uma experiência insuportável, horrível e inexplicável. Figueiredo et al (2017), identificou em sua pesquisa com puérperas que essas mulheres vivenciam inúmeras experiências de dor, seja nas costas, devido ao mau posicionamento no leito, a dor mamária devido a amamentação, assim como dores abdominais resultantes dos gases abdominais. Os autores ainda discorrem sobre o sofrimento advindo da amamentação, onde a ansiedade frente ao “trauma mamilar” leva, muitas vezes, na diminuição da amamentação.

As mulheres transgêneras também passam por sofrimentos, sobretudo sociais, devido a cultura que dissemina ideias transfóbicas e preconceituosas. Frente a esse

cenário, é necessário políticas públicas educativas e atenção sobre as questões psicológicas dessa população (Silva, 2021).

No que se refere a *violência* a análise pode concentrar-se em dois aspectos. O primeiro trata dos crimes cometidos contra as mulheres. Santos et al. (2020) discorrem sobre a questão da violência contra a mulher, que pode ser entendida como qualquer ocorrência que desencadeie morte ou danos permanentes, seja em espaços públicos ou privados. Curia et al. (2020) analisa esses danos sofridos pelas mulheres a partir da Lei Maria da Penha e elenca a violência em cinco categorias: 1- Física, que fere o corpo físico da mulher; 2-Psicológica, que causa dores emocionais e baixa autoestima através de insultos, humilhações, chantagens e ameaças; 3- Sexual, que ocorre a partir do constrangimento em presenciar ou participar de atos sexuais não consentidos, a proibição de uso de métodos contraceptivos ou pela obrigação de comercializar o próprio corpo; 4- Matrimonial- destruição ou retenção de documentos, algum bem material ou artefatos de trabalho; 5-Moral- vivenciada a partir de difamações ou calúnias que atinjam a integridade da mulher. Para Vieira, Garcia e Maciel (2020), a pose e dominação do homem sobre a mulher possui raízes patriarcais e misóginas, onde usufruir de um lar para descanso, com proteção e seguro é um privilégio de classe e gênero. Para as vítimas, os sentimentos são de raiva, indignação, insegurança e surpresa em relação a violência quando esta vem por parte do companheiro. Elas revelam que os sentimentos se confundem, pois também sentem vergonha por estarem vivenciando essa realidade considerada dolorosa dentro do seu próprio lar (Leite, Moura & pena, 2013). A partir da análise do contexto em que as participantes estão submetidas, entende-se que a segurança é um direito que precisa ser alcançado pelas mulheres, além do efetivo cumprimentos das leis já existentes que fazem frente a realidade de misoginia resultante das violências sofridas.

É imprescindível diagnosticar o contexto vivenciado pelas mulheres na atualidade e isso não poderia ocorrer sem a análise da violência contra a mulher durante a pandemia da COVID-19, onde a recomendação da Organização Mundial de Saúde (OMS) era ficar em casa, em isolamento, para conter a propagação do vírus. A permanência em ambientes de convivência constantes potencializou as ocorrências de violência contra a mulher, pois de acordo com a OMS os casos de feminicídio, comparados ao ano de 2019, obteve aumento de 22,2% entre o mês de março e abril (Santos et al., 2020). Logo, estratégias de enfrentamento perante a violência precisam ser disseminadas, incluindo atitudes que são possíveis para as mulheres. Carneiro et al. (2020) demonstram em seu estudo sobre violência contra a mulher, que muitas encontram na família um suporte para enfrentar as violências sofridas, por meio de ajuda financeira e emocional para que as mulheres se fortaleçam e rompam o ciclo de dependência da relação abusiva

O segundo aspecto relacionado a violência com base no indutor corpo feminino, é a violência que o corpo feminino é submetido pela própria mulher para se ajustar aos padrões. Já foram mencionadas as várias possibilidades de intervenções estéticas a que muitas mulheres submetem seus corpos (plásticas, lipoaspirações, liftings, etc.), o que acaba sendo entendido por muitas também como uma forma de violência. Além disso, muitos estudos trazem a violência corporal ligadas aos transtornos alimentares, onde as próprias mulheres submetem-se a outros tipos de experiências dolorosas para alcançar um ideal de imagem corporal. Lopes e Trajano (2021) buscaram identificar como os veículos midiáticos detém influência sobre os transtornos alimentares e os resultados apontaram que o grupo mais vulnerável a esses distúrbios são as adolescentes. Além dessa constatação, inferiram que as mídias sociais impõem níveis de perfeccionismos e decepções frente as próprias imagens corporais, favorecendo o desenvolvimento de práticas para perder peso. A partir desse panorama, é inegável que as mulheres sofrem

com a violência em diversos aspectos sociais, o que corrobora para o aparecimento da evocação na presente pesquisa, principalmente quando os termos *Violência* e *Dor* aparece no mesmo quadrante de análise.

## **6- REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE FEMINILIDADE, CORPO E BELEZA EM ARTICULAÇÃO – ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Como já mencionado, o patriarcado possui influência em muitos âmbitos sociais, como família, política, educação, e serve de suporte cultural (Dutra & Santana, 2019). As questões físicas e biológicas, por exemplo, fazem parte do imaginário social sobre os corpos, caracterizados como belos ou feios, superiores ou inferiores (Santos & Gonçalves, 2020) com base na presença ou ausência de determinados atributos físicos. Essas heranças sociais são refletidas nos discursos de muitas participantes, evidenciando RS sobre feminilidade e beleza feminina cujos conteúdos indicam a presença de concepções tradicionais/hegemônicas, ainda que algumas mulheres não validem esse tipo de entendimento, valendo-se de uma leitura mais crítica da realidade, e possibilitando a inclusão de outros elementos representacionais. Por exemplo, mesmo que para o termo indutor “mulher bonita” e “corpo feminino” as evocações tenham se articulado e refletido primordialmente uma ideia relacionada ao corpo físico e a padrões sociais, sobretudo da magreza, para o termo indutor “ser mulher” essa lógica não se perpetuou de forma predominante, pois as participantes evocaram palavras que indicam um reconhecimento do peso que é ser mulher num sistema desigual como nosso, entendendo que por meio de força e muita luta essa realidade de opressão e desigualdade pode ser não apenas suportada, mas alterada, inclusive fazendo frente aos paradigmas de corpo e beleza, que se sustentam em ideais do patriarcado (Silva & Santos, 2022).

As insatisfações corporais são influenciadas pela mídia, que possui extremo impacto na perpetuação da lógica corporal vigente, pois dita o que é aceito e a forma como, principalmente as mulheres, devem enxergar suas próprias imagens (Santos & Gonçalves, 2020). Em relação a magreza, que foi uma questão muito falada pelas participantes, Barbosa e Silva (2016) dizem que mulheres jovens buscam a perfeição a

partir do que é difundido pela mídia, principalmente utilizando as imagens das modelos como referência. É comum encontrar jovens que idealizam a perda de peso com base em uma magreza “esquelética”, em que mesmo meninas consideradas magras não se encaixam e desejam perder mais e mais medidas. De acordo com a fala de uma participante, a magreza é um pré-requisito para a aceitação social e essa concepção é resultado da “vitrine humana” que é a sociedade contemporânea, com corpos magros e musculosos que servem de referência, principalmente porque através da mídia é perpetuado o ideal de felicidade após alcançar certos padrões corporais (Santos & Gonçalves, 2020). Entretanto, quando essas metas não são atingidas, muitas mulheres não conseguem lidar com os julgamentos externos e pessoais, e passam a não reconhecerem os próprios corpos, vivenciando sentimentos de desamparo. Esse panorama é confirmado por alguns resultados encontrados na presente pesquisa, em que são expostos os julgamentos dos corpos femininos por amigos e até mesmo familiares próximos. Nesse sentido, é fundamental que haja representatividade de outras concepções do belo na mídia, não apenas a divulgação de ideais excludentes e discriminatórias (Castello, 2020).

Infelizmente, as imposições sociais direcionadas às mulheres não são restritas apenas aos aspectos físicos, abarcando também seus comportamentos e a forma como são avaliadas no meio social. A magreza, por exemplo, também é usada para definir em que grau elas são percebidas como femininas (Arruda & Heidemann, 2022), ponto corroborado pela fala de uma participante que diz, em sentido análogo, que as curvas corporais remetem a feminilidade. Esta, de acordo com Medeiros (2020), é, assim, propulsora de opressões, como se fosse um “uniforme” que as mulheres precisam vestir, sendo reflexo de uma sociedade que recrimina e submete as mulheres a procedimentos e produtos estéticos muito consumidos no modelo capitalista, seja através de maquiagens, roupas ou até mesmo de cirurgias invasivas, mostrando-se susceptíveis a referências

artificiais, que muitas vezes levam a perda do que caracterizaria um corpo humano e natural.

O capitalismo tem muito a ganhar com esse cenário que articula feminino, corpo e beleza/aceitação, pois as definições do belo amplamente comercializadas, visam validar e normalizar não só os corpos, mas também modos de vida (Ferreira & Aginsky, 2013). Essa estratégia capitalista funciona para que os corpos sejam transformados em mercadorias, onde se obtém lucro a partir de itens variados, tais como dietas para emagrecer, intervenções cirúrgicas e a divulgação do “fitness” em prol da perfeição que é inalcançada (Santos & Gonçalves, 2020).

Pensando nas intervenções cirúrgicas como uma estratégia capitalista de acesso à beleza idealizada, notou-se que os seios foram muito citados pelas participantes como expressão do feminino, o que pode ser articulado ao fato de que as próteses de silicone são apontadas como desejos de muitas mulheres, inclusive das transexuais, que buscam um certo enquadramento nos estereótipos femininos para serem reconhecidas nesse gênero. Não são incomuns matérias de revistas e jornais apontando que a procura por esse tipo de procedimento continua grande, sobretudo entre as jovens (inclusive, com menos de 18 anos), o que pode trazer problemas no futuro pela falta de reflexão adequada sobre a decisão<sup>13</sup>. O fato de a maioria das participantes do presente estudo serem mulheres jovens pode ter relação com a alta menção a esse aspecto corporal. A “coisificação” da mulher é um traço da cultura que entende o corpo feminino como algo externo, que deve satisfazer certas necessidades de qualquer maneira (Pavan & Sansoni, 2022). O silicone é entendido como um artifício dentre vários outros, como por exemplo, tratamentos para

---

<sup>13</sup> <https://www.estadao.com.br/emails/bem-estar/silicone-implante-ainda-e-tendencia-entre-jovens-e-explante-vira-opcao-para-mulheres-maduras/>; <https://jornal.usp.br/atualidades/cresceu-mais-de-140-o-numero-de-procedimentos-esteticos-em-jovens-nos-ultimos-dez-anos/>

celulite, botox, rinoplastias e muitos procedimentos com ácido hialurônico (Specimille & Silva 2021).

Essa articulação entre mídia, padrões de gênero e lógica capitalista afetam as mulheres em muitos âmbitos da vida social. E as RS são geradas e mantidas nesse cenário, de modo que, como se evidenciou nos resultados aqui apresentados, a beleza e o corpo femininos são compreendidos associados a essa lógica exterior, que define o que é aceitável e estigmatiza e exclui o que não é. Logo, o capitalismo e as mídias auxiliam nessa manutenção de ideias tradicionalmente impostas pelo patriarcado, formando um contexto em que representações sociais tradicionais de feminilidade e beleza são compartilhadas e mantidas por diversas mulheres, apesar de condizentes com a lógica que as oprime.

Esse contexto é complexo e abrangente, pois as submissões também estão ligadas a outros marcadores sociais, como a raça, por exemplo, que faz parte da estrutura capitalista (Assis & Podewils, 2021). Assim, torna-se importante questionar o porquê de palavras que remetem a características de mulheres negras não terem sido evocadas, ainda que elas também sofram as opressões. Isto é, mesmo que a maioria das participantes tenham se declarado brancas, nenhum aspecto relacionado a características específicas de mulheres negras apareceram nos resultados, como por exemplo “cabelos crespos”, revelando que certas características não são tão prontamente lembradas por muitas mulheres. Fica a dúvida se o grupo fosse predominantemente de mulheres negras se prevaleceriam essas mesmas características...

É importante ressaltar que as participantes não trouxeram conteúdos restritos à aspectos físicos/ corporais condizentes com os padrões vigentes. A partir do termo indutor “Ser mulher”, elas apresentaram também considerações críticas a respeito dessas lógicas socialmente impostas, objetivadas nas ideias de luta e força. Ou seja, essas mulheres

parecem reconhecer em alguma medida que há uma série de exigências sociais sobre o feminino, e que para lidar com as mesmas a mulher precisa ser forte, guerreira, não só para suportar o peso, mas também para enfrenta-lo e se livrar dele. Ao analisar o contexto mais amplo em que essas mulheres estão inseridas (sociedade capitalista alicerçada em ideais patriarcais) entende-se que esse movimento não é simples, além de ser minado enquanto estratégia coletiva; isto porque, não é interessante que as mulheres se unam para que não percebam suas forças e utilizem seus poderes para questionar e participar ativamente das políticas vigentes, conquistando o domínio sobre seus corpos e ocupando posições de reconhecimento (Assis & Podewils, 2021).

Ainda que não tenha sido muito citado pelas participantes, os feminismos tem caracterizado um forte agente propulsor de transformações sociais, propondo outras formas de se pensar o gênero. Para Medeiros (2020), principalmente a partir dos anos 1970, muitas mulheres começaram a retratar nas artes formas de rompimentos com os padrões de beleza feminina impostos socialmente. Além disso, a equidade de gênero, que é uma importante bandeira dessas lutas, abrange os mais variados aspectos, implicando em um processo que, embora demorado e difícil, tem se sustentado e conquistado espaços, aproximando-se de outros movimentos sociais que possibilitam a introdução de outras temáticas relacionadas, como sexualidade, violência e direitos reprodutivos (Oliveira & Cassali, 2014).

Ao partir do pressuposto de que gênero, raça e classe não podem ser discutidos de forma isolada, compreende-se que a análise das questões aqui expostas deve se fundamentar numa leitura interrelacional. Os estudos de raça, feminismo e decolonialidade se interligam, e são instrumentos fundamentais para a compreensão de que as identidades femininas não são fixas e, sim, mutáveis e heterogêneas. Logo, na pesquisa aqui descrita, entende-se que muitas das mudanças e oposições ao pensamento

hegemônico sobre o feminino, o corpo e a beleza, algumas, inclusive identificadas nesta investigação, resultam da força dos movimentos feministas em suas várias facetas (Minoso, 2020).

Com base no que foi exposto até aqui, entende-se que os objetivos do trabalho de identificar o conteúdo e a estrutura da RS para os termos indutores *Ser mulher*, *Mulher bonita* e *Corpo feminino* foram alcançados. E o uso do software OpenEvoc foi fundamental neste sentido, garantindo confiabilidade e organização dos resultados.

Apesar de ter alcançado o pretendido inicialmente, mostra-se relevante apontar algumas limitações do presente estudo, tais como: dificuldades em recrutar as participantes no tempo estimado, o que impossibilitou, inclusive, que se trabalhasse com o número inicialmente pensado, (em torno de 400 mulheres); o tempo de retorno do comitê de ética, que acabou atrasando muito o início da coleta de dados; as dificuldades para operar o OpenEvoc pela falta de conhecimento prévio do programa - essa etapa particularmente nos exigiu bastante tempo de aprendizado, seja para estudá-lo, seja para montar os bancos de dados dentro dos objetivos propostos; entre outros.

Sugere-se a realização de outras pesquisas sobre as problemáticas aqui apresentadas, com aprofundamentos que não foram possíveis para este trabalho. Estudos qualitativos, bem como maior abrangência do público alvo, inserindo o gênero masculino a nível de comparações, demonstram-se pertinentes e poderiam agregar interessantes resultados.

## REFERENCIAS

- Almeida A. M. O., Santos, M. F. S. & Trindade, Z. A (2014). Ancoragem: notas sobre consensos e dissensos. In Almeida A. M. O., Santos, M. F. S. & Trindade, Z. A (Orgs.) *Teoria das Representações Sociais: 50 anos (2ª Ed.)* (pp. 134-163). TechnoPolitik. (Obra original publicada em 2011)
- Almeida, A. M. de O. (2009). Abordagem societal das representações sociais. *Sociedade e Estado*, 24(3), 713–737. <https://doi.org/10.1590/s0102-69922009000300005>
- Almeida, T. L. de. (2009). “Uma beleza que vem da tristeza de se saber mulher”: representações sociais do corpo feminino. Dissertação de Mestrado.
- Araújo, L., Castro, J & Santos, J. (2018). A família e sua relação com o idoso: Um estudo de representações sociais. *Psicologia Pesquisa* 12(2), 14-23. <https://dx.doi.org/10.24879/2018001200200130>
- Arruada, A. (2002). Teoria das representações sociais e teorias de gênero. *Cadernos de Pesquisa*, n. 117, 127-147. <https://doi.org/10.1590/S0100-15742002000300007>
- Arruda, A. de S., & Miklos, J. (2020). O peso e a mídia : estereótipos da gordofobia (Issue 46).
- Assis, J. F. D. (2018). Interseccionalidade, racismo institucional e direitos humanos: compreensões à violência obstétrica. *Serviço Social & Sociedade*, 547-565. <https://www.scielo.br/j/sssoc/a/JfVQpC8kyzshYtTxMVbL5VP/?lang=pt&format=pdf>
- Azevedo, M. A., & Sousa, L. D. De. (2019). Empoderamento como representatividade das mulheres na sociedade. *Coisas Do Gênero. São Leopoldo*, 5(1), 170–178.
- Balbinotti, I. (2018). A violência contra a mulher como expressão do patriarcado e machismo. *Revista da ESMEC*, v.25, n.31, p. 239-264. <http://dx.doi.org/10.14295/revistadaesmesc.v25i31.p239>
- Barbosa, B. R. S. N., & da Silva, L. V. (2016). A mídia como instrumento modelador de corpos: um estudo sobre gênero, padrões de beleza e hábitos alimentares. *Razón y Palabra*, 20(94), 672-687. <https://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/732>
- Barreto Malta, R., Oliveira dos Santos, R. V., & Cruz Reis, A. A. (2017). Close de Garota: A Representação da Mulher Transexual em Campanhas de Beleza. *Comunicação & Informação*, 20(1), 19. <https://doi.org/10.5216/ci.v20i1.45024>
- Barroso, H. C., Gama, M. S. B. (2020). A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres

no Brasil. Revista do CEAM, v. 6, n. 1, p. 84-94.  
<https://doi.org/10.5281/zenodo.3953300>

Beauvoir, S. de. (1970). O segundo sexo fatos e mitos.

Bernardes, F. (2019). Movimentos sociais, novas mídias e velhas formas de dominação. 1–15.

Berner, V. O. B. (2017). Teorias feministas: o direito como ferramenta de transformação social. In *Mulher, Sociedade e Vulnerabilidade* (pp. 29–44).  
<https://www.editoradeviant.com.br/wp-content/uploads/2017/06/mulhersociedadeevulnerabilidade.pdf>

Biroli, F. (2017). Genero e desigualdades Limites da Democracia no Braisl.

Boris, G. D. J. B., & Cesídio, M. de H. (2007). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, 7(2), 451–478. <https://doi.org/10.5020/23590777.7.2.451>

Botelho Félix, L., Almeida de Andrade, D., Siqueira Ribeiro, F., Gonçalves Correia, C. C., & De Souza Santos, M. de F. (2016). O conceito de Sistemas de Representações Sociais na produção nacional e internacional: uma pesquisa bibliográfica. *Psicologia e Saber Social*, 5(2), 198–217.  
<https://doi.org/10.12957/psi.saber.soc.2016.20417>

Braga, R. C., Miranda, L. H. de A., & Veríssimo, J. de P. C. (2018). Para além da maternidade: As configurações do desejo na mulher contemporânea. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, v. 3, n. 6, p. 523 - 540  
<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15994>

Butler, J. (2003). *Problemas De Genero. Feminismo e Subversao Da Identidade*.

Cabral, P. P., Marra, P. S., de Santana Mota, C. A., de Mendonça, J. C., Silva, A. M. T. C., & de Almeida, R. J. Avaliação dos níveis de autoestima de mulheres em privação de liberdade. <http://dx.doi.org/10.14393/CEF-v33n2-2020-8>

Caetano, D. L. D. N. S. (2018). Mulheres contra o machismo, mulheres contra o capital! O trabalho como caminho para entender o patriarcado. *Roca: Revista Científico-Educaciones de la provincia de Granma*, 14(2), 191-200.  
<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6759662>

Caetano, I. F. (2017). O feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. Trabalho de Conclusão Do Curso de Pós-Graduação.

- Campos, P. H. F. (2017). O estudo da ancoragem das Representações Sociais e o campo da Educação. *Revista de Educação Pública*, 26(63), 775–797. <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/4187>
- Cardoso, I. (2019). O mundo e um outro mundo: reprodução cultural e produção da diferença em vivências universitárias de estudantes lésbicas, gays e bissexuais da USP (Dissertação de doutorado. Universidade de São Paulo).
- Caregnato, R. C. A., & Mutti, R. (2006). Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. *Texto & Contexto - Enfermagem*, 15(4), 679–684. <https://doi.org/10.1590/s0104-07072006000400017>
- Carneiro, JB, Gomes, NP, Estrela, FM, Paixão, GPDN, Romano, CMC, & Mota, RS (2019). Desvelando as estratégias de enfrentamento da violência conjugal utilizadas por mulheres. *Texto & Contexto-Enfermagem*, 29. <https://www.scielo.br/j/tce/a/vKwhzWjXfjbSPKPSLZpnLNs/?lang=pt>
- Carrera, F. A. S., & Martins, V. M. P. (2020). Empoderamento como elemento chave na publicidade feminista. In *Quais são as mulheres na publicidade? Identidades, papéis, gênero, estereótipo, lgbti+ e profissão* (pp. 143–169). Árvore Digital Editora.
- Carroza, G., & Lambert, F. H. de O. (2015). O Sujeito E O Corpo Perante a. *Estudos Linguísticos*, 6(3), 1053–1063.
- Casali, J. P., & Gonçalves, J. P. (2018). Pós-estruturalismo: algumas considerações sobre esse movimento do pensamento. *REDD–Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*, 10(2), 84-92. <https://periodicos.fclar.unesp.br/redd/article/view/11344>
- Castello, C. C. S. (2020). *Feminilidade, Imagem Corporal e Mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres*. UniCEUB.
- Castello, C. C. S. (2020). *Feminilidade, imagem corporal e mídia: um estudo sobre processos identitários das mulheres*. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14709>
- Castro, V. H. M. D. (2021). A evolução das normas penais de proteção contra a mulher e sua eficácia na reversão do patriarcado histórico no Brasil: Uma análise da Lei nº 13.104/2015. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/15291>
- Cavalcante, G. B., Chagas, E. F & Lustosa, F. G. (2021). Maternidade política: Trajetórias de vida, educação e lutas por direitos. *Revista Dialectus* n. 20, p. 209 – 236. <https://doi.org/10.30611/2020n20id62756>
- Celso Pereira de Sá. (1998). A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais. In *Uerj* (p. 110).

- Colling, A. M. (2014). Tempos diferentes, discursos iguais.
- Conceição, L. B. da. (2018). Corpos, erotismo e biopoder: um estudo comparado entre as campanhas publicitárias da cerveja devassa de Paris Hilton e Sandy. In *Sociedade e Condição Humana na Modernidade* (Atena). <https://doi.org/10.22533/at.ed.64620240110>
- Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos. (2012). Resolução nº 466 de 12 de Dezembro de 2012. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/reso466.pdf>
- Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos. (2016). Resolução nº 510 de 07 de Abril de 2016. Dispõe diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/reso510.pdf>
- COSTA, A. K. S. D. (2018). Hipersexualização frente ao Empoderamento: a objetificação do corpo feminino evidenciada. *Anais do Seminário de Gênero e Sexualidade*. <https://7seminario.furg.br/images/arquivo/338.pdf>
- Crestani, A. M. ESSE É O PADRÃO, MULHER BONITA MESMO. [https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID\\_TRABALHO=5064](https://www.fg2021.eventos.dype.com.br/trabalho/view?ID_TRABALHO=5064)
- Curia, B. G., Gonçalves, V. D., Zamora, J. C., Ruoso, A., Ligório, I. S., & Habigzang, L. (2020). Produções científicas brasileiras em psicologia sobre violência contra mulher por parceiro íntimo. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 40. <https://www.scielo.br/j/pcp/a/V8jcXqbrLxts8r5jqzQ8LPv/?lang=pt>
- D'avila, F. C., & Perera, A. A. (2008). A Cultura do Branqueamento como “Inclusão” dos Negros na Publicidade? *Intercom - Revista Brasileira de Ciências Da Comunicação*, 31(2). <https://doi.org/10.1590/191>
- da Silva, B. A. A., & dos Santos, W. L. (2022). HARMONIZAÇÃO ÍNTIMA DA MULHER E OS VALORES ESTÉTICOS. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*, 5(1), 828-45. <http://www.revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/377>
- De Melo, J. C. D. C., Batista, M. H. M., Rosendo, A. H. D. S., & De Farias, S. A. (2017). Consumo Da Cirurgia Plástica Através Da Vaidade. *Cadernos Cajuína*, 2(3), 102. <https://doi.org/10.52641/cadcaj.v2i3.162>
- de Moura Bernardes, D., & de Mendonça, V. M. (2020). CORPOS DAS MULHERES NEGRAS: CABELOS CRESPOS E A HETERONORMATIVIDADE. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem Estar-RECH*, 4(2, jul-dez), 546-561. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/rech/article/view/7982>

- de Sousa Arruda, A., & Heidemann, V. (2022). LÉSBICA GORDA NÃO PERFORMA FEMINILIDADE: Um estudo a partir de Orange Is The New Black. *ILUMINURAS*, 23(62). <https://www.seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/116263>
- Delgado, O. T., Cedro, W. L., Rivera, Y. R., Solovieva, Y., Souza, K. M. O. D., Neves, R. S., ... & Siqueira, B. K. P. (2021). Empoderamento, beleza e capitalismo: como o neoliberalismo se apropriou de demandas feministas. *Empoderamento, beleza e capitalismo: como o neoliberalismo se apropriou de demandas feministas*, 2(14), 189-200. [Http://anais.uel.br/portal/index.php/sgpp/article/view/992](http://anais.uel.br/portal/index.php/sgpp/article/view/992)
- dos Santos, S. M. de M., & Oliveira, L. (2010). Igualdade nas relações de gênero na sociedade do. *Revista Katál*, 13(1), 11–19. <https://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/02.pdf>
- Dutra, K. R. T., & Siqueira, J. S. (2019). A decadência do patriarcado em crônica da casa assassinada (1959), de Lúcio Cardoso. *Gláuks-Revista de Letras e Artes*, 19(2), 127-138. <https://www.revistaglauks.ufv.br/Glauks/article/download/67/59/688>
- Ferrari, R. (2016). O empoderamento da mulher. [www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf](http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf). Acesso em, 21, 11-19. <http://www.fap.sc.gov.br/noticias/empoderamento.pdf>
- Ferreira, G. G., & Aginsky, B. G. (2013). Movimentos sociais de sexualidade e gênero: análise do acesso às políticas públicas. *Revista Katálysis*, 16, 223-232. <https://www.scielo.br/j/rk/a/SVpFs5LZPqBdDMxYy5zqzdf/abstract/?lang=pt>
- Ferreira, M. C. G., Tura, L. F. R., Silva, R. C. da, & Ferreira, M. de A. (2017). Representações sociais de idosos sobre Qualidade de Vida. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 4, 840–847. <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0097>
- Figueiredo, D. de C., Nascimento, F. S., & Rodrigues, M. E. (2017). Discurso, culto ao corpo e identidade: representações do corpo feminino em revistas brasileiras\*. *Linguagem Em (Dis)Curso*, 17(1), 67–88. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>
- Figueiredo, JV, Fialho, AVDM, Mendonça, GMM, Rodrigues, DP, & Silva, LDFD (2018). A dor no puerpério imediato: contribuição do cuidado de enfermagem. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 71, 1343-1350. <https://www.scielo.br/j/reben/a/NJksL9MQ339TvQpKdXGKmXn/?format=pdf&lang=pt>
- Fin, T. C., Portella, M. R., Scortegana, S. A., & Frighetto, J. (2015). Estética e expectativas sociais: o posicionamento da mulher idosa sobre os recursos estéticos. *Rev. Kairós*, 18(4), 133–149. <https://doi.org/10.23925/2176-901X.2015v18i4p133-149>

- Firmino, K. D. C., Lima, E. P. D., Correia, T. R. L., Silva, J. C. B. D., & Albuquerque, N. L. A. (2020). Percepção da mulher frente à dor do Parto. *Rev. Ciênc. Plur*, 87-101. <https://periodicos.ufrn.br/rcp/article/view/18387>
- Fonseca, R. P. O. (2020). Relações patriarcais de gênero e estado social: Uma análise das políticas sociais para as mulheres no processo de produção e reprodução do capitalismo brasileiro. Dissertação de Mestrado.
- França, F. F., & Ribeiro, T. A. (2014). Simone de Beauvoir e o movimento feminista: contribuições à Educação. *Anais Do III Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, 9. [http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6\\_TamiresAlmeidaRibeiro.pdf](http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/GT6_TamiresAlmeidaRibeiro.pdf)
- Furman, A. P. C., & Mafra, G. M. (2020). O CORPO DA MULHER BRASILEIRA COMO ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO MÍTICA. *Revista DisSoL-Discorso, Sociedade E Linguagem*, (12), 75-87. <http://ojs.univas.edu.br/index.php/revistadissol/article/view/639>
- Giordani, R. C. F., Piccoli, D., Bezerra, I., & Almeida, C. C. B. (2018). Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. *Ciencia e Saude Coletiva*, 23(8), 2731–2739. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018238.14612016>
- Gois, Í., & de Faria, A. L. (2021). A CULTURA DA MAGREZA COMO FATOR SOCIAL NA ETIOLOGIA DE TRANSTORNOS ALIMENTARES EM MULHERES: UMA REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA: doi. [org/10.29327/217514.7](https://doi.org/10.29327/217514.7). 1-12. *Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação*, 7(1), 18-18. <http://periodicorease.pro.br/rease/article/view/440>
- Gonzaga, J. A. (2020). We can do it!: Discursos sobre a força da mulher nas movências da história. *Linguagem em (Dis)curso* v. 21, n. 1, p. 95-115 <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4017-210106-1920>
- Jacob, H. (2014). Redes sociais, mulheres e corpo: um estudo da linguagem fitness na rede social Instagram. *Revista Communicare, Bela Vista*, 14(1), 88–105, 1. sem.
- Jimenez, M. L. J. (2020). Gordofobia: injustiça epistemológica sobre corpos gordos. *Revista Epistemologias do Sul*, 4(1), 144-161. <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2643>
- Krauspenhar, B. (2020). “Garota bonita”: As representações sobre beleza e feminilidade na imprensa chapecoense. <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/4026>
- Leite, F. M. C., Moura, M. A. V., & Penna, L. H. G. (2013). Percepções das mulheres sobre a violência contra a mulher: uma revisão integrativa da literatura. *Avances en Enfermería*, 31(2), 136-143. <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-722080>

- Lima, A. F. De, Batista, Karina de Andrade, & Junior, Nadir Lara. (2013). A Ideologia Do Corpo Feminino Perfeito : Questões Com O Real. *Psicologia Em Estudo*, 18, 49–59.
- Lima, S. C. F. de, & Germano, I. M. P. (2019). Transexualidade e visibilidade trans em mídias digitais: as narrativas de Mandy Candy no YouTube. *Semina-Ciencias Agrarias*, 40(1), 89–102. <https://doi.org/10.5433/1679-0383.2019v40n1p89>
- Lopes, A. P. de M. (2020). A desconstrução do padrão de beleza feminino em campanhas publicitárias de moda no Instagram. *Repositório Institucional Da UFPB*.
- Louzada, N., Santana, T., Assis, I., Braga, R., & Braga, A. (2019, July). Agindo sobre a diferença: atividades de empoderamento feminino em prol da permanência de mulheres em cursos de Tecnologia da Informação. In *Anais do XIII Women in Information Technology* (pp. 69-78). SBC. <https://sol.sbc.org.br/index.php/wit/article/view/6714>
- Luz, J.R.B., Paim, E. A. (2020). A mulher negra guerreira está morta: Narrativas de intelectuais negras acadêmicas sobre práticas de resistências. X Seminário nacional. [https://xseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/25/encm2021/1640952655\\_ARQUIVO\\_c1ddc1fa65e39e2b859be33eb54c0d8e.pdf](https://xseminarionacionalcmu.com.br/resources/anais/25/encm2021/1640952655_ARQUIVO_c1ddc1fa65e39e2b859be33eb54c0d8e.pdf)
- Manochio-Pina, M. G., Fernandes, A. B. Ú., Cunha, C. H., & Pessa, R. P. (2018). Comportamento alimentar de homens e mulheres com transtornos alimentares. *RBONE-Revista Brasileira De Obesidade, Nutrição E Emagrecimento*, 12(72), 515-521. <http://www.rbone.com.br/index.php/rbone/article/view/735>
- Martinez, F. J. (2017). O conhecimento feminista na era digital: grupos de discussão do Facebook como uma nova epistemologia do conhecimento. *13 Mundos de Mulheres e Fazendo Genero* 11, 1–14.
- Matos, M. (2010). Movimento e teoria feminista: É Possível reconstruir a teoria feminista a partir do Sul Global. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 67–92. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782010000200006>
- Medeiros, M. L. C. Padrão estético e feminilidade: ser mulher. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000100006](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000100006)
- Mello, M. E. C. de A. (2017). Ser mulher com deficiência: Sobre corpos e gênero. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000300003>
- Mendes, J., & Mota, D. (2022). O FEMINISMO NEGRO E A SUBJETIVIDADE DA MULHER NEGRA. *CADERNOS DE PSICOLOGIA*, 3(6). <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/download/3181/2181>

- Mesquita, J. S., Teixeira, J. C., & Silva, C. R. (2020). “Cabelo (crespo e cacheado) pro alto, me levando a saltos” em meio à ressignificação das identidades de mulheres negras em contextos sociais e organizacionais. *Revista Eletrônica de Ciência Administrativa*, 19(2), 227-256. <http://www.periodicosibepes.org.br/index.php/recadm/article/view/2868>
- Miñoso, Y. E. (2020). Sobre por que é necessário um feminismo decolonial: diferenciação, dominação constitutiva da modernidade ocidental. Terceiro seminário sobre Arte e Descolonização. <https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-Giqs0qaSQ1sxGgydI1C.pdf>
- Monteiro, K. F., & Grubba, L. S. (2017). A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. *Direito e Desenvolvimento*, 8, 261-278. <https://doi.org/10.25246/direitoedesenvolvimento.v8i2.563>
- Monteiro, S., & Brigeiro, M. (2019). Experiências de acesso de mulheres trans/ travestis aos serviços de saúde: avanços, limites e tensões. *Cadernos de Saude Publica*, 35(4). <https://doi.org/10.1590/0102-311x00111318>
- Moscovici, S. (2015). *Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social*. (11ª Ed.). (P. A. Guareschi Trans.). Vozes. (Obra original publicada em 2000)
- Nascimento, I. P., & Rodrigues, S. E. C. (2018). Representações sociais sobre a permanência na docência: O que dizem docentes do ensino fundamental? *Educação e Pesquisa*, 44(1), 1-16. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634201711166148>
- Nechar, P. (2018). Diversidade de corpos: A ascensão do corpo gordo através das artes, redes sociais e o movimento Plus Size. *Intercom-Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1009-1.pdf>
- Nery, L. F. (2021). Entre os riscos e a coragem de dizer a verdade sobre si: Os discursos das sobreviventes de estupro a partir da prática da confissão no Facebook. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/22645>
- Netto, F. S. (2020). Ciberativismo: a voz das campanhas feministas da atualidade. In *As muitas faces da violência contra a mulher na perspectiva de gênero*. Letra Capital.
- Nogueira, K., & Di Grillo, M. (2020). Teoria das representações sociais: história, processos e abordagens. *Research, Society and Development*, v. 9, n. 9, e146996756. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6756>
- Nogueira, K., & Grillo, M. Di. (2020). Teoria das Representações Sociais: história, processos e abordagens. *Human and Social Sciences*, 9, 1-17. <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v9i9.6756%0Aobject>

- Noro, D., Crespi, L., & Nóbile, M. F. (2019). Formação docente sobre gênero e sexualidade : conhecimento , relevância e caminhos Educational training on gender and sexuality : knowledge ,. XII Encontro Nacional de Pesquisa Em Educação Em Ciências – XII ENPEC, 1–10.
- Oliveira, C. N. de. (2015). Nas “ ondas ” do feminismo : movimentos em avanço. Congresso Internacional Interdisciplinas Em Sociais e Humanidades, 4, 45–59.
- Oliveira, M. N. de. (2021). As narrativas fílmicas sobre grupos do passado e a naturalização de estereótipos de raça e gênero em ações da educação patrimonial. *Revista Arqueologia Pública*, 16(1). <https://doi.org/10.20396/rap.v16i1.8666157>
- Paiva, K. C. M. de et al. (2020) Mulheres de vida fácil? Tempo, prazer e sofrimento no trabalho de prostitutas. *Revista de Administração de Empresas* [online]. v. 60, n. 3, pp. 208-221. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200304>.
- Pamplona, R. S., & Dinis, N. F. (2017). A transexualidade em questão: problematizações nos contextos educacionais. *Itinerarius Reflectionis*, 13(2), 01. <https://doi.org/10.5216/rir.v13i2.48690>
- Passos, M. D. dos, Gugelmin, S. Â., Castro, I. R. R. de, & Carvalho, M. C. da V. S. (2013). Representações sociais do corpo: um estudo com adolescentes do Município do Rio de Janeiro, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(12), 2383–2393. [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X2013001200004&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/csp/v29n12/v29n12a04.pdf](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2013001200004&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.br/pdf/csp/v29n12/v29n12a04.pdf)
- PENAS, E. C. D. S., & GERMANO, I. M. P. Dieta Para Emagrecer o Preconceito Contra Gordos: discursos anti-gordofobia no YouTube Slimming down prejudice against fat people: anti-fatphobia discourses on YouTube Para adelgazar el prejuicio contra gordos: discursos anti-gordofobia en YouTube. *Rev. Polis Psique*, 45-64. [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2238-152X2021000100004](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2021000100004)
- Pereira, R. R. C. (2021). Influencers femininas e o ideal de beleza (Doctoral dissertation). [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/22967/1/master\\_rita\\_correia\\_pereira.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/22967/1/master_rita_correia_pereira.pdf)
- Perez, C., & Pompeu, B. (2019). Quando a presença está longe da equidade: o negro na publicidade brasileira, ainda um estereótipo. In *Publicidade antirracista: reflexões, caminhos e desafios*. <https://doi.org/10.11606/9788572052627>
- Perez, O. C., & Ricold, A. M. (2019). A quarta onda feminista: interseccional, digital e coletiva. X Congresso Latino-Americano de Ciência Política (ALACIP).

- Pinho, C., & Prudente, R. (2022). “ESPELHO, ESPELHO MEU...”: OS IMPACTOS DAS REDES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA SUBJETIVIDADE FEMININA. *CADERNOS DE PSICOLOGIA*, 3(6). <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3177/0>
- Pinto, L. S., Polli, G. M., Basso, B. C., Rezende, C. F. da C., Silva, G. P. N. da, Almeida, L. L. de, & Antunes, M. C. (2020). Representações Sociais da Beleza e da Saúde entre Mulheres com Obesidade. *Psicologia Argumento*, 38(100), 290. <https://doi.org/10.7213/psicolargum.38.100.ao05>
- Priore, M. Del. (2000). Corpo a corpo com a mulher. In Editora SENAC (p. 108). <http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/11169>
- Priscilla, & Cardoso, O. (2015). PRETTY HURTS O culto ao corpo como forma de opressão à mulher. Trabalho de Conclusão Do Curso de Pós-Graduação.
- Reis, H. B. (2022). Mulher e patriarcado na mídia: O jogo discursivo das revistas VEJA e IstoÉ. <http://riu.ufam.edu.br/handle/prefix/6479>
- Ribeiro, D., Nogueira, C., & Magalhães, S. I. (2021). As ondas feministas : continuidades e descontinuidades no movimento feminista brasileiro. *Revista de Ciências Humanas e Sociais*, 3, 57–76.
- Rocha, F. de B. M. (2017). A quarta onda do movimento feminista: o fenômeno do ativismo digital. Dissertação de Mestrado.
- Rodrigues, L. R. de A. (2020). As representações sociais do corpo feminino gordo na telenovela “amor à vida.” Dissertação de Mestrado. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/38562>
- Sampaio, R. P., & Ferreira, R. F. (2009). Beleza, identidade e mercado. *Psicologia Em Revista*, Belo Horizonte, 15(1), 120–140, abr. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9563.2009v15n1p120/1023>
- Samuel, L. Z., & Polli, G. M. (2020). Representações sociais e transtornos alimentares: Revisão sistemática. *Boletim Academia Paulista de Psicologia*, 40, 91–99. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bapp/v40n98/a10v40n98.pdf>
- Santos, A. (2018). IBM SPSS como Ferramenta de Pesquisa Quantitativa. Administração Pontifícia Universidade Católica De São Paulo – Puc-Sp Ibm.
- Santos, LSE, Nunes, LMM, Rossi, BA, & Taets, G. (2020). Impactos da pandemia de COVID-19 na violência contra a mulher: reflexões a partir da teoria da motivação humana de Abraham Maslow. <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17211.pdf>

- Santos, M. S., & Gonçalves, V. O. (2020). Uso das redes sociais, imagem corporal e influência da mídia em acadêmicos dos cursos de educação física. *Itinerarius Reflectionis*, 16(3), 01-18. <https://revistas.ufg.br/rir/article/view/58815>
- Santos, S. M. de M. dos. (2017). Diversidade sexual: fonte de opressão e de liberdade no capitalismo. *Argumentum*, 9(1), 8–20. <https://doi.org/10.18315/argum..v9i1.15773>
- Sardenberg, C. (2018). O pessoal é político: conscientização feminista e empoderamento de mulheres. *Inc.Soc.*, Brasília, DF, v.11 n.2, p.15-29. <http://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/28008>
- Sarmiento, R. (2017). Das sufragistas às ativistas 2.0: Feminismo, mídia e política no Brasil. Tese de Doutorado.
- Scherer, R. R. (2017). Repórteres mulheres e apresentadoras do jornal nacional e o lugar de fala a partir de uma perspectiva de gênero: beleza, juventude e exclusão. Trabalho de Conclusão de Curso.
- Scott, J. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica (G. L. Louro Trans.). *Educação & realidade*, 20(2), 71-99. (Obra original publicada em 1986) <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/71721/40667/8634812/2731>
- Segabinazi, D. M., Macêdo, J. A. (2020). As vozes das princesas contemporâneas: Questionando o patriarcado. v. 22 n. 52 p. 319-335. <https://doi.org/10.17648/textura-2358-0801-v22n52-4107>
- Serrano, J. L., Caminha, I. D. O., Gomes, I. S., Neves, E. M., & Lopes, D. T. (2019). Mulheres trans e atividade física: fabricando o corpo feminino. *Interface-Comunicação, Saúde, Educação*, 23. <https://www.scielo.br/j/icse/a/mkPRT7fqYSmHsV5QjF4t7cG/?lang=pt>
- Serrano, J. L., Caminha, I. de O., Gomes, I. S., Neves, E. M., & Lopes, D. T. (2019). Mulheres trans e atividade física: fabricando o corpo feminino. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, 23, 1–15. <https://doi.org/10.1590/interface.180624>
- Silva Nogueira Barbosa, B., & Vieira da Silva, L. (2016). A mídia como instrumento modelador de corpos: Um estudo sobre gênero, padrões de beleza e hábitos alimentares. *Razón y Palabra*, 20(94), 672–687.
- Silva, A. D. (2015). *Mãe/Mulher Atrás Das Grades. A Realidade Imposta pelo Cárcere à Família Monoparental Feminina* (Editora Cu).
- Silva, C. (2019). Protestos no feminino na Europa: das “Marias da Fonte” às marchas mundiais das mulheres. *The Overarching Issues of the European Space—a strategic*

- (re) positioning of environmental and socio-economic problems, 184-196.  
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17211.pdf>
- Silva, C. (2019). Protestos no feminino na Europa: das “Marias da Fonte” às marchas mundiais das mulheres. *The Overarching Issues of the European Space—a strategic (re) positioning of environmental and socio-economic problems*, 184-196.  
<https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/17211.pdf>
- Silva, D., Baracat, J. (2018). Saúde mental e psicologia contemporânea: Um olhar sensível. *Revista Científica Eletrônica de Psicologia* v.30, n.1.
- Silva, G. C. (2019). Narrativas sobre o corpo no instagram: os discursos de aceitação corporal como contraponto à imposição do padrão de beleza. 53.
- Silva, MMBD (2020). A diversidade corporal nas propagandas de moda como ferramenta de desconstrução do padrão de beleza: o caso Savage X Fenty.  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/57697>
- Silva, S. M. C. Da. (2016). Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil. Tese de Doutorado. <https://doi.org/10.1590/1982-4017-170104-2916>
- Siqueira, B. K. P. (2020). Empoderamento , beleza e capitalismo : como o neoliberalismo se apropriou de demandas feministas. VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas, 93–107. <https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6p93>
- Soares, A. H. R., Moreira, M. C. N., & Monteiro, L. M. C. (2008). Jovens portadores de deficiência: Sexualidade e estigma. *Ciencia e Saude Coletiva*, 13(1), 185–194.  
<https://doi.org/10.1590/S1413-81232008000100023>
- Souza, A. C. (2021). Mulher negra e colonialidade no ensino de história: Construindo uma metodologia para subverter saberes e práticas. *Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens* v. 06, n. 02. <https://doi.org/10.5281/zenodo.5784456>
- Souza, a. C. Mulher negra e colonialidade no ensino de história: construindo uma metodologia para subverter saberes e práticas.  
<https://doi.org/10.5281/zenodo.5784456>
- Souza, J. M. (2017). Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. *Media & Jornalismo: Uma Revista Do Centro de Investigação Media e Jornalismo*, 17, 71–83.  
<https://doi.org/10.4135/9781412950558.n347>
- Souza, L. F. de, & Machado, L. H. B. (2021). Casa, maternidade e trabalho no distanciamento social: A “pandemia” da sobrecarga de trabalho para as mulheres. *Revista Da ANPEGE*, 17(32), 282–308.  
<https://doi.org/10.5418/ra2021.v17i32.12467>

- Souza, M. R. R. de, Oliveira, J. F. de, Nascimento, E. R. do, & Carvalho, E. S. de S. (2013). Droga de corpo! Imagens e representações do corpo feminino em revistas brasileiras. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 34(2), 62–69. <https://doi.org/10.1590/s1983-14472013000200008>
- Strehlau, V. I., Claro, D. P., & Laban Neto, S. A. (2015). A vaidade impulsiona o consumo de cosméticos e de procedimentos estéticos cirúrgicos nas mulheres? Uma investigação exploratória. *Revista de Administração (São Paulo)*, 50, 73-88. <https://www.scielo.br/j/rausp/a/6JMHxTWyycNWYPXKcFtRYwv/abstract/?lang=pt>
- Tavares, M. (2011). Sexo, afeto e solteirice. In *Gênero, Mulheres E Feminismos* (pp. 29–52). [https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6921/3/bahianas-n14\\_repositorio\\_Copy.pdf#page=222](https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6921/3/bahianas-n14_repositorio_Copy.pdf#page=222)
- Teixeira, M. S. S. P., & QUEIROZ, J. M. D. (2017). Corpo em debate: a objetificação e sexualização da mulher negra. SEMINÁRIO INTERNACIONAL ENLAÇANDO SEXUALIDADES, 1. [https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA24\\_ID402\\_17072017210303.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA24_ID402_17072017210303.pdf)
- Teles, I. S., & Medeiros, J. F. B. (2020). A influência das redes sociais no comportamento alimentar e imagem corporal em mulheres—uma revisão de literatura. <https://repositorio.uniceub.br/jspui/handle/prefix/14450>
- Tenório, R. M. F., & Souza, P. M. T. de. (2020). Educar para (trans)formar: caminhos de desconstrução do machismo. *Diversitas Journal*, 5(3), 1887–1897. <https://doi.org/10.17648/diversitas-journal-v5i3-850>
- Valentim, T. S., Procopio, M. R., & Fonseca, A. C. A. (2018). Representação feminina por marcas de cerveja: uma análise semiolinguística do vídeo Skol Reposter. *Travessias*, 12(4), 86-104. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/20938>
- Vasconcelos, Naumi A. de, Sudo, Iana, & Sudo, Nara. (2004). Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 4(1), 65-93. Recuperado em 05 de dezembro de 2022, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004&lng=pt&tlng=pt)
- Vásquez, C. S. G. (2014). A representação da Mulher nas imagens publicitárias O caso AVON: Catálogos ou Catalogadas? Dissertação de Mestrado.
- Viana, L. M. M., & Silva, F. A. S. e. (2019). Biopolítica, vestuário e transgressão: ensaio sobre o vestir como instrumento de resistência à heteronormatividade. 4o Seminário Internacional Desfazendo Gênero, Realize Ed. <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/64052%3E>

- Vigano, S. de M. M. e Laffin, M. H. L. F. (2019). Mulheres, políticas públicas e combate à violência de gênero. *História* (São Paulo) [online]. v. 38 <https://doi.org/10.1590/1980-4369e2019054>.
- Wachelke, J., & Wolter, R. (2011). Critérios de construção e relato da análise prototípica para representações sociais. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 27, 521-526. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/bdqVHwLbSD8gyWcZwrJHqGr/?lang=pt>
- Witzel, D. G. (2014). Discurso, História E Corpo Feminino Em Antigos Anúncios Publicitários. *Alfa: Revista de Linguística* (São José Do Rio Preto), 58(3), 525–539. <https://doi.org/10.1590/1981-5794-1409-1>
- Wolf, N. (2020). O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres (10a edição). Rosa dos Tempos.
- Zanello, Valeska et al. (2022) Maternidade e cuidado na pandemia entre brasileiras de classe média e média alta. *Revista Estudos Feministas* [online]. v. 30, n. 2. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2022v30n286991>

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO DE EVOCAÇÕES

#### 1- DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

Mulher cis( )                                  Mulher Trans ( )

Idade: \_\_\_\_\_

Estado em que mora: \_\_\_\_\_

Em relação a cidade que você reside atualmente: ( ) Capital ( ) Interior

Estado Civil: ( ) Solteira ( ) Casada ( ) União estável ( ) Divorciada ( ) Viúva

Filhos: ( ) Não ( ) Sim [quantos?] \_\_\_\_\_

Ocupação: \_\_\_\_\_

Orientação sexual:

( ) Homossexual      ( ) Bissexual      ( ) Heterossexual      ( ) Assexual

É participante de grupos sociais como coletivos, movimentos sociais e/ou partidos políticos:

( ) Não.

( ) Sim. [Quais?]

Como você se declara quanto a raça/etnia:

( ) Branca ( ) Preta ( ) Parda ( ) Amarela ( ) Indígena ( ) Não declarada

Quem mora com você?

( ) Moro sozinha

( ) Pais

( ) Irmão (s)

( ) companheiro/companheira

( ) Outros parentes - filhos/ primos / avós

( ) Amigos / colegas

Renda familiar:

( ) Até 02 salários mínimos.

( ) de 02 até 05 salários mínimos

( ) de 05 até 08 salários mínimos

( ) de 08 a 10 salários mínimos

( ) Superior a 10 salários mínimos

( ) Ensino médio completo

( ) Ensino superior incompleto

( ) Ensino superior completo

( ) Pós-graduação

Escolaridade:

( ) Fundamental incompleto

( ) Fundamental completo

( ) Ensino médio incompleto

## 2- QUESTIONÁRIO DE EVOCAÇÕES

1- Indique 5 palavras que você lembra ao ouvir a expressão “**corpo ideal feminino**”;

- A partir das palavras que você lembrou, pense naquelas que você acha que definem melhor “padrão de beleza feminina” e coloque em ordem de importância;
- Para cada palavra coloque ao lado se você a considera positiva ou negativa;
- Justifique porque você considerou a primeira como a palavra que melhor define “padrão de beleza feminina”

2- Indique 55 palavras que você lembra ao ouvir a expressão “**ser mulher**”;

- A partir das palavras que você lembrou, pense naquelas que você acha que definem melhor “**ser mulher**” e coloque em ordem de importância;
- Para cada palavra coloque ao lado se você a considera positiva ou negativa;
- Justifique porque você considerou a primeira como a palavra que melhor define “**ser mulher**”.

3- Indique 55 palavras que você lembra ao ouvir a expressão “**mulher bonita**”;

- A partir das palavras que você lembrou, pense naquelas que você acha que definem melhor “**mulher bonita**” e coloque em ordem de importância;
- Para cada palavra coloque ao lado se você a considera positiva ou negativa;
- Justifique porque você considerou a primeira como a palavra que melhor define “**mulher bonita**”.

**APÊNDICE B- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA (PPGP)

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)**

Você está sendo convidada a participar da pesquisa “Feminilidade, corpo e beleza numa sociedade capitalista – patriarcal – midiaticizada: um estudo de representações sociais”. As informações necessárias à sua participação serão explicitadas neste documento. Sua participação é inteiramente voluntária. Para sanar quaisquer dúvidas a pesquisadora responsável ficará à disposição. Tornam-se necessárias análises que coloquem em evidência as possíveis estratégias de dominação das mulheres através de discursos aparentemente libertários, mas que possuem a finalidade de manter as antigas submissões entre os gêneros. Portanto, a presente pesquisa tem como objetivo investigar representações sociais de corpo, beleza feminina e gênero entre mulheres adultas. Para que esses objetivos sejam alcançados serão aplicados questionários de evocação livre, divididos em 3 blocos, totalizando 12 perguntas totais. O tempo estimado para cada participante responder a pesquisa é de, aproximadamente, 15 minutos. A pesquisa será realizada com, aproximadamente, 500 participantes e também contará com questões sociodemográficas. Os dados coletados serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, ficando arquivados e disponíveis ao pesquisador responsável por um período de 10 anos. Fica assegurado às participantes o anonimato e o acesso ao relatório final da pesquisa e também o direito a quaisquer informações pertinentes ao projeto e a possibilidade de desistência a qualquer momento. Este estudo não apresenta risco direto previsto a você, participante, uma vez que você não será submetida a nenhum procedimento invasivo. Entretanto, de acordo com a resolução 466/2012, toda e qualquer pesquisa com seres humanos envolve a possibilidade de risco, mesmo que mínimo. Logo, entende-se que a sua participação pode te possibilitar reviver situações desconfortáveis e/ou dolorosas do ponto de vista psicológico ou que se sinta constrangida durante e/ou após sua participação. Há também, possíveis riscos em relação ao ambiente virtual e atividades não presenciais, devido a algumas limitações que os meios digitais oferecem, como possibilidade de perdas de informações coletadas. Caso essas situações se concretizem, você receberá o acolhimento necessário. Também fica estabelecida a possibilidade de desistir de conceder as informações a qualquer momento, sem punição e sem prejuízo. Você não terá gasto e não receberá nenhum pagamento com a sua participação. Esta pesquisa foi elaborada de acordo com as normas das Resoluções nº466/12 e nº510/16 do Conselho Nacional de Pesquisa com Seres Humanos e com o

código de ética profissional do psicólogo do Conselho Federal de Psicologia (CFP). Além disso, segue as recomendações do Ofício Circular nº2/2021 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), que orienta pesquisas realizadas em ambientes virtuais. Como benefícios, pretende-se contribuir com as produções científicas através de análises referentes ao tema e auxiliar na construção de estratégias de enfrentamento de problemas sociais que atingem as mulheres, agregando significativamente com a teoria e com a prática. Também fica garantido as participantes a autonomia da retirada de seu consentimento em qualquer momento da pesquisa sem penalização ou prejuízo e a garantia do direito e a buscar indenização em caso de eventual dano decorrente da pesquisa.

Em caso de dúvidas:

Pesquisadora responsável: Isabela Gomes Cezario. Telefone: (28) 999559769.

E-mail: [isabelagcezario@hotmail.com](mailto:isabelagcezario@hotmail.com)

Orientadora: Dr<sup>a</sup>. Sabrine Mantuan dos Santos Coutinho.

Em caso de denúncias ou intercorrências:

Comitê de Ética em Pesquisa CEP/UFES- Goiabeiras. Endereço: sala 07 do prédio administrativo do CCHN, na Av. Fernando Ferrari, 514, Goiabeiras, Vitória-ES, CEP: 29.075-910, Campus Goiabeiras. Telefone: (27)3145-9820. E-mail: [cep.goiabeiras@gmail.com](mailto:cep.goiabeiras@gmail.com)

Fui devidamente informada pela pesquisadora sobre a pesquisa e seus procedimentos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Fui assegurada que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade.

Eu, \_\_\_\_\_, declaro estar de acordo com a participação voluntária no estudo “FEMINILIDADE, CORPO E BELEZA NUMA SOCIEDADE CAPITALISTA – PATRIARCAL-MIDIATIZADA: UM ESTUDO DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS”.

Assinatura da Pesquisadora: \_\_\_\_\_

**APÊNDICE C - Transcrição das justificativas para as palavras consideradas mais importantes**

**1- TERMO INDUTOR “SER MULHER”**

**FORÇA**

**Justificativas Positivas**

- 1- Pra mim, é preciso de força para passar por tudo o que passamos diariamente sendo mulheres.
- 2- Somos ensinadas a sermos Forças, em todos os sentidos, por dentro desde novas e a sermos (ou aparentar sermos) fracas, também em todos os sentidos, por fora.
- 3- Somos Forças por natureza. Damos a vida, somos provedoras em todos os sentidos, seguimos em frente, mesmo em situações ruins.
- 4- Ser mulher exige ser Força, visto todas as situações em que somos desfavorecidas, principalmente pensado no mercado de trabalho e vida doméstica. A mulher sempre se mostra como base da família, das decisões, da criação dos filhos...
- 5- Porque encontro minha força nas mulheres que me rodeiam e a cara dia vejo mais força nas mulheres que venho a conhecer
- 6- Mulher é que leva a nação, povoa a terra, educa filhos, mães solo e solteiras, é só olhar a nossa volta. A força vem de dentro, somos Forças por natureza.
- 7- Porque é preciso ser muito Força pra conseguir dar conta do "job" de ser mulher, desassociando isso da sobrecarga que é um ponto negativo associado às nossas vidas, somos sim muito Forças e não porque 100% do tempo damos conta de tudo, mas porque apesar de tudo continuamos. Então não é romantizando essa força, pq essa romanização gera a sobrecarga, exaustão... mas pensando nessa força como algo que temos pelos desafios que enfrentamos todos os dias em casa, no trabalho, nos relacionamentos...
- 8- Eu acho que ser mulher me remete a ser Força automaticamente. Nós, mulheres, somos Forças em diversos aspectos: fisicamente (menstruamos, parimos e etc), psicologicamente/socialmente/culturalmente (em razão de uma sociedade patriarcal, machista e etc).
- 9- Porque é graças a nossa força que conseguimos prosseguir.
- 10- Força pode ser exercida das mais diversas formas, como a mulher. Além disso, venho de uma família que nunca chamou mulheres de frágeis
- 11- É necessário ser um ser humano. Força para se afirmar como mulher na sociedade atual. É preciso defender suas ideias com veemência, lutar pelo direito se estar onde se está e de ser levada a sério. Ser Força para ignorar os riscos que a própria condição tem e enfrentar a vida.
- 12- A palavra força define melhor a expressão “ser mulher”, pois desde os primórdios da humanidade a mulher é vista como “inferior” ou tem seu

gênero visto como frágil. Porém, com o tempo nós mulheres entendemos que poderíamos e podemos ocupar lugares inimagináveis e a cada dia ultrapassamos mais e mais barreiras na sociedade, com isso, considero força a palavra motor para toda essa revolução.

- 13- Porque é o que nós temos que ser todos os dias, Forças!!!
- 14- Acredito que ser Força é não ter desistido da luta pela liberdade que até hoje enfrentamos, o fato de ter mencionado que somos “livre” ainda não chegamos lá como pensamos, mas estamos no caminho.
- 15- Pois é da natureza da mulher a força para encarar os problemas da vida.
- 16- Pois a força é o elemento fundamental na vida da mulher para viver, e ser mulher, mãe, avó, filha e lutar diariamente pra sobreviver em um mundo que ainda vê a mulher como frágil e dependente.
- 17- Porque é o que somos, pra passar por tudo q passamos
- 18- Quando penso em ser mulher sempre penso primeiramente nos desafios que se enfrentam por ser mulher então penso em força.
- 19- Pois precisamos ser Forças para encarar as adversidades de ser mulher numa sociedade patriarcal como a nossa
- 20- Porque viver como mulher é uma luta diária, por toda a construção social em que vivemos.
- 21- Pelo fato de a mulher ter que amadurecer desde cedo, aprendendo a ser Força diante de várias situações
- 22- Pois é a que tenho sido!
- 23- Porque todas nós mulheres temos que enfrentar várias situações.
- 24- Acredito que nós mulheres enfrentamos diariamente situações nas quais nos envergonhem e nos machuque emocionalmente só por sermos consideradas “sexo frágil” e mesmo assim todas nós damos o melhor de nós mesmas e enfrentamos tudo com muita coragem e muita força porque na minha opinião é o que fazemos de melhor... ser Forças!
- 25- Por que já nascemos tendo que ser Forças
- 26- É o que busco todos os dias para lutar pelos meus objetivos como mulher
- 27- Porque temos uma carga social e histórica muito pesada para carregar. E muita luta pela frente.
- 28- Todo dia é uma luta para as mulheres, sejam as do lar, as que trabalham, as herdeiras. Desde sempre somos diminuídas e mortas por nosso gênero e ainda assim a maioria de nós permanece, Força e lutando pelas que não conseguem lutar.
- 29- Porque as mulheres que conheço são Forças em tantos outros sentidos além do físico, somos resilientes, lidamos com as dificuldades, as emoções e a vulnerabilidade com coragem
- 30- Ser mulher é muitas vezes ser mãe solteira, ser Força em relacionamentos abusivos, ser assediada em ambiente de trabalho, ambiente público, familiar... ter que lidar com comentários machistas e mesmo assim, manter a “postura”. Ser mulher, é ser Força em saber lidar com todas essas situações e outras.
- 31- Mulheres tem que provar ser Força, mostrar que merece uma cena em todas culturas do mundo, desde que o próprio mundo foi criado.
- 32- Ter força para lutar por nossas causas

- 33- Porque é preciso muita força para ser mulher e enfrentar os desafios diários
- 34- Porque nós mulheres passamos por diversas situações na vida em que nos é exigido sermos Forças e resilientes. Como, por exemplo, o fato de estarmos ocupando mais locais na sociedade (sociedade esta que ainda está sob Força domínio do patriarcado), o fato de carregarmos muito mais responsabilidades dentro do âmbito familiar (caso a mulher opte por casar e ter filhos), e o próprio capitalismo, que exige de nós uma demanda que muitas vezes fica pesada para muitas de nós (trabalho, dinheiro, estudos, cuidados com a saúde mental, cuidados com a aparência, etc.) Deste modo, para ser mulher no mundo moderno (sobretudo em tempos passados onde os direitos às mulheres eram escassos), é necessário carregarmos uma força interna descomunal para conseguirmos dar conta de tudo.
- 35- Pois apesar de tudo que nos fazem acreditar,
- 36- Somos força, potência.
- 37- Porque resume a dinâmica da vida da mulher, sua forma de lidar com a vida.
- 38- Mulheres são ensinadas desde cedo que precisam ser Forças e geralmente são.
- 39- Pela luta diária de nossos direitos
- 40- Porque é o que mais preciso ter
- 41- Mulheres são capazes de fazer qualquer tipo de coisa sem reclamar, e entregar com excelência.
- 42- A mulher precisa ser muito Força tanto por questões biológicas (desde o nascimento) quanto por questões sociais (o resto da vida)!
- 43- Pela luta diária.
- 44- Pois é preciso, mesmo que difícil, ser Força para enfrentar o tipo de coisa que nós enfrentamos todos os dias como mulheres.
- 45- Porque a mulher está submetida no contexto atual a vários desafios e ainda assim ela segue, supera e na maioria das vezes de forma ética
- 46- Através de exemplos
- 47- Por causa da trajetória das mulheres da minha família. Suas histórias exigiram muita força para superar obstáculos, e muitas delas precisaram abdicar de muito para dar educação aos filhos ao mesmo tempo em que trabalhavam fora ou realizavam todas as tarefas de casa.
- 48- Nunca vi mulher que não tenha força, precisa ser Força, tem que ser
- 49- A mulher comanda a casa, dirige a vida, organiza e domina tudo
- 50- Pra lutar todos os dias
- 51- Pela sociedade que nos impõe.
- 52- Pois a mulher consegue passa com força por dificuldades diárias, não desiste fácil.

### **Justificativas Negativas**

- 1- Ser mulher é ser Força todo tempo, é precisar estar atenta, de olhos abertos. Encarar os desafios cotidianos e buscar lutar contra as opressões cotidianas
- 2- A sociedade exige que a mulher seja Força no sentido emocional e psicológico
- 3- Porque ser mulher nesse mundo tão machista e preconceituoso tem que ser a força em si

- 4- Precisamos ser Forças em todos os sentidos, nas questões biológicas, sociais e culturais. Precisamos ser Forças para nos impor e lutar pelo nosso direito à existência.
- 5- Porque ao longo de séculos, seguramos o mundo nas costas.
- 6- São muitas lutas várias coisas a serem feitas ao mesmo tempo e damos conta.
- 7- Há de se ter força pra passar por todas as dores físicas e emocionais implicadas em ser mulher.
- 8- Porque me define! desde que me entendo por gente tive que ser Força, mesmo não querendo! Às vezes isso cansa
- 9- Por ter que precisar ter forças todos os dias
- 10- Porque quando penso em mulher, minha maior referência é a minha mãe que me criou sozinha e precisou ser muito Força pra isso.
- 11- Pelo fato de em geral não importa a situação a mulher se ergue e se reinventa seja por decisão ou pelo fato de ser sua única alternativa.

## I- GUERREIRA

### Justificativas Positivas

- 1- Mulher é guerreira por precisar ser muitas mulheres em uma só. Mãe, filha, companheira, profissional, etc. Além disso, infelizmente precisamos lutar todos os dias contra o abuso e a violência contra a mulher, o que nos faz ainda mais guerreiras.
- 2- Ser mulher é passar por muitos obstáculos é ser guerreira assim que acorda .
- 3- Somos colocadas a prova a todo tempo, no relacionamento, no trabalho, na sociedade. E por isso vivemos em constante batalha.
- 4- Porque é o que mais escutamos ao ouvir falar sobre uma mulher sobrecarregada, que é o que todas estamos na sociedade atual.
- 5- Porque enfrentamos lutas todos os dias e nenhuma delas é fácil.
- 6- Porque todas as mulheres que eu conheço são guerreiras, enfrentam batalhas para afirmar seus desejos.
- 7- Porque precisamos desde o dia que nascemos lutar contra os inúmeros comentários sexistas, assédios e intimidação. Já somos impostas a um futuro que temos que querer ser mães, cuidar da casa e ainda casar antes dos 30. Para chegar onde o homem está, temos que provar nosso valor dobrado.
- 8- Como define minha mãe.
- 9- Porque tem muitas mulheres que venceram o preconceito, venceram um estupro, e tem mulher que cuida dos filhos sozinhas (sendo Pai e Mãe )de um lar
- 10- Porque nós lutamos muito para termos nossa independência, para termos nosso lugar na sociedade e essa luta ainda continua.
- 11- Continuamos lutando a cada dia para ter nossos direitos.
- 12- Pela força e coragem da mulher
- 13- Porque Mulher é assim! é sinônimo de guerreira, fortaleza, passa por várias dores, situações de desigualdade até mesmo nos dias de hoje, assédios ,opressões, exaustões de tudo que tem que dar conta e mesmo assim está de pé linda maravilhosa sempre procurando um jeitinho de ficar mais linda, arrumada , e arrumando jeito de ficar plena em meio a tudo isso. a maioria

procura ajuda psicológica para conseguir dar conta de tudo isso. não vejo muito isso nos homens, muito pelo contrário quando penso na palavra "homens" já me vem na cabeça a palavra resistência, comodismo e são cheios de si, autossuficientes. é essa a visão que tenho.

- 14- Aham que somos o sexo frágil, mas não somos. A maioria carrega filhos e muitos afazeres

### **Justificativas negativas**

As participantes não atribuíram valor negativo para a palavra *Guerreira*.

## **II- LUTA**

### **Justificativas positivas**

- 1- Pela luta que é todos os dias ser mulher num país misógino e desigual
- 2- Porque infelizmente temos que lutar para conseguir qualquer coisa, até mesmo nossos direitos básicos de existência
- 3- Ser mulher é uma luta constante, pela igualdade nas relações de gênero, contra estereótipos que a sociedade nos coloca e ainda para sobreviver em um país com uma das maiores taxas de feminicídio do mundo.
- 4- Pois é necessária uma luta constante em todos os âmbitos, na vida profissional, luta por segurança, direitos, autonomia sobre o próprio corpo, para estar em um relacionamento amoroso saudável, lidar com o ter/não ter filhos, etc
- 5- Não sei
- 6- Dentro das minhas experiências a luta por espaços e por um ideal de liberdade é o que mais me marca enquanto mulher.
- 7- Pq a luta da mulher é diária
- 8- A mulher tem uma batalha todos os dias. Dentro de casa mesmo, ela lida com os abusos e na rua também. Não podemos nem pegar um uber, somos sexualizadas, vistas como objeto. Então temos que lutar. Até na família não se pode confiar

### **Justificativas negativas**

- 1- Porque nossa luta é interminável. Nós lutamos constantemente. Estamos em vulnerabilidade desde quando nascemos até no momento da nossa morte. Somos culpabilizadas por sermos vítimas, por nossos filhos não errarem, ou por não termos filhos, por querermos ser donas das nossas escolhas, das nossas vidas e caminhadas. Por falar baixo, por falar alto, por falar. Por existir e ser.
- 2- Estamos em constante luta. Luta por empregos, luta para se livrar de amarras sociais, luta inconsciente (para retirar tudo aquilo que é normatizado desde a infância), luta em permanecer viva, luta em lidar com traumas
- 3- Porque todo dia é uma luta nessa sociedade patriarcal. Isso não é bom e não deveria ser assim.

## 2- TERMO INDUTOR “MULHER BONITA”

### I- PADRÃO

#### Justificativas positivas

- 1- Porque existe um padrão que circunda a ideia de beleza feminina.
- 2- Porque é o ponto no qual eu acredito que a beleza se expresse...

#### Justificativas negativas

- 1- Porque o padrão de beleza que vai definir quem é e quem não é bonito
- 2- Porque ser considerada uma mulher "bonita" hoje em dia é necessário se encaixar em um certo padrão pré estabelecido.
- 3- Porque sempre temos mudanças nos padrões impostos para o que é ser mulher bonita. O que era lindo na década anterior, já não serve mais hoje e temos uma indústria gigantesca pra lucrar em cima das inseguranças.
- 4- Porque vivemos buscando ou lutando contra a imposição de um padrão de mulher bonita: magra, próteses de silicone, cintura fina e que tem condições de consumir para atingir esse mesmo padrão
- 5- "Mulher bonita" em termo singular me alude à personificação da mulher visualmente ideal vislumbrada por padrões de estética tradicionais. "Mulheres bonitas", apesar de manter certa problemática, poderia versar melhor sobre a pluralidade da beleza feminina em suas variantes.
- 6- A palavra “beleza” é definida socialmente
- 7- Pois o que é belo é socialmente imposto pela sociedade.
- 8- Pq de modo geral a beleza é algo muito limitado. É só isso e pronto
- 9- Por conta de como a sociedade padroniza a beleza
- 10- A sociedade impõe padrões de beleza para as mulheres. E nem todas se encaixam nesses “padrões”. Isso pode afetar psicologicamente.
- 11- Porque a mulher só é considerada bonita se atende aos padrões determinados pelo patriarcado
- 12- Fomos ensinados que existe um padrão de beleza.

### II- MAGRA

#### Justificativas positivas

- 1- "magra" foi a primeira palavra que me veio a mente. Vejo que ainda estou capturada pela lógica de mulheres bonitas serem magras, visto que o tempo todo é apresentado para nós como o padrão certo, ainda que inatingível.
- 2- Único grupo validado por homens

#### Justificativas negativas

- 1- Mulher bonita na sociedade é aquela que antes de tudo precisa ser magra, se for gorda a sociedade já julga e a mulher não é aceita como bonita. É preciso

ser curvas, mas curvas nos lugares que consideram certos, bunda, peito e cintura. Mais que isso, é uma mulher feia pra sociedade. É preciso ser uma mulher padrão, cabelo liso, magra, branca, nariz em pé, enfim, toda "montada", infelizmente.

- 2- A sociedade nos faz entender que você só é bonita se for magra
- 3- porque uma mulher bonita e elegante
- 4- Um estereótipo imposto. Para ser bonita tem que ser magra.
- 5- pois a sociedade define a mulher bonita muito pelo corpo
- 6- Pq é a que mais me parece um pré-requisito absoluto pra ser considerada bonita enquanto mulher, que vivo tentando alcançar
- 7- Por causa dos padrões estéticos de beleza
- 8- A sociedade sempre olha a mulher pelo seu corpo, quando esse corpo foge ao padrão sempre há julgamento de todos os lados, seja da família, amigos e principalmente de estranhos. Haverá sempre um defeito para colocar naquela mulher, ela só pode ser totalmente bonita se o corpo for magro, a sociedade sempre exige esse conjunto de rosto e corpo para definir uma mulher como bonita ou não.

### **III- CORPO**

#### **Justificativas positivas**

- 1- Senso comum
- 2- Pelo fato de sempre ouvir que mulher bonita é a que tem o corpo bonito
- 3- Meu pensamento
- 4- Padrões. Geralmente as que são consideradas bonitas tem peito e bunda grande: corpo
- 5-

#### **Justificativas negativas**

- 1- Pois há uma produção social, midiática de uma representação social de mulher bonita associada á estética definida a cada tempo, mas a ideiação de um tipo de corpo sempre está presente. Quer na história antiga do corpo gordo, pois era representação de quem tinha acesso a alimento e por conseguinte a riqueza; como atualmente, ao corpo trabalhado, que também está associado ao consumo de roupas de ginástica, academia, produtos de beleza, produtos de suplementação alimentar..., cada tempo, uma representação social.
- 2- Sempre ouvi dos homens que mulher bonita tem que ter corpão
- 3- Porque o patriarcado e o capitalismo, com todas as suas artimanhas midiáticas, fizeram com que, ao longo do tempo, a sociedade estipulasse um biotipo, um "corpo perfeito". E esse "corpo perfeito" é algo irreal, inatingível à maioria das mulheres, o que leva muitas mulheres a sofrerem distorções estéticas, se submeterem a procedimentos médicos invasivos, etc.
- 4- Estamos inseridos em uma sociedade que cria um padrão de beleza, esse se refere principalmente ao corpo feminino. Silicone no peito, Lipo, Cabelos longos. Esse é o dito mulher bonita. Voltado somente a imagem.

### 3. TERMO INDUTOR CORPO FEMININO

4.

#### I- CORPO

##### Justificativas positivas

- 1- Natureza humana, desconheço existência de alguma cultura em que não sejam as mulheres tidas como seres belos.
- 2- O corpo feminino é belo, independente de como ele seja, então é a melhor palavra que o define pra mim.
- 3- Bonito como é. Sendo ela mesmo
- 4- Única palavra positiva
- 5- Porque a beleza do corpo é um ideal da maioria das mulheres. E é um atributo que todas têm, embora muitas não saibam.
- 6- ...
- 7- Aceitação
- 8- Porque a beleza, na minha opinião, é uma característica inata do corpo feminino, não deve se sujeitar a um padrão.
- 9- O corpo feminino é uma obra de arte
- 10- Devido a exigência externa de que esse corpo seja belo e dentro dos padrões socialmente aceitos para ser desejado. Não significa que concorde com a afirmação de que melhor define, mas é a que acredito estar mais em consonância com o modelo vigente.
- 11- Tem toda uma beleza, um poder de trazer à vida. O corpo por si só é bonito, ser mulher é ser resistência, e o corpo traz essa resistência

##### Justificativas negativas

As participantes não atribuíram valor negativo para a palavra *Beleza*.

#### II- PEITOS

##### Justificativas positivas

- 1- Não sei
- 2- Pq é a parte do corpo que mais facilmente e a distância chama a atenção para indicar que aquele é um corpo feminino e pq as transexuais e travestis tem hábito de fazer implantes de seios enormes e usar decotes...então isso me faz pensar que essa parte do corpo seja um símbolo do corpo feminino, já que existe uma obsessão por ela por parte das mulheres cis e trans (em ter seios grandes e bonitos e decotes) e em homens e mulheres lésbicas de ver essas partes
- 3- é uma marca distintiva do corpo feminino
- 4- Por não estar presente no corpo masculino
- 5- Passa.
- 6- Porque os seios são a parte do corpo da mulher que mais nos diferencia dos homens. Por essa razão, os seios são todos como a "marca registrada" de uma mulher.

- 7- É um diferencial muito perceptível entre o corpo feminino e o masculino.

#### **Justificativas negativas**

As participantes não atribuíram valor negativo para a palavra *Peitos*.

### **III- CURVAS**

#### **Justificativas positivas**

- 1- Mulheres são múltiplas e cada uma tem suas curvas e/ou traços, sua essência
- 2- Curvas remetem feminilidade
- 3- Todas as curvas e entrâncias são possíveis
- 4- Porque é o mais frequente entre as mulheres, apesar de não ser uma regra.
- 5- No geral é o que caracteriza o corpo feminino
- 6- Hoje em dia o padrão de beleza no Brasil para corpos femininos valoriza corpos cheios de curvas
- 7- O corpo possui inúmeras curvas.
- 8- Sempre foi muito difícil para mim ter curvas e aceitá-las foi bem difícil

#### **Justificativas negativas**

As participantes não atribuíram valor negativo para a palavra *Peitos*.